

AVIDENTIE DE PREVORST

Dr. Justinus Kerner



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Dr. Justinus Kerner

A Vidente de Prevost

*Do original Alemão
Die Seherin Von Prevost
1830*

Tradução: Dr. Carlos Imbassahy



*Giotto
Lamentação*

Conteúdo resumido

O Dr. Justinus Kerner é famoso em todo o mundo por este intrigante caso. Quando médico de sua cidade, Kerner estudou as faculdades mediúnicas de Friedrike Haut conhecida como “A Vidente de Prévorst”. Suas observações foram reunidas no conhecido livro que leva este nome.

Kerner acompanhou cuidadosamente o estado de sua paciente, documentando fenômenos conhecidos hoje como “mãos de fogo” (combustão espontânea nas mãos), “telecineses” (movimento de objetos à distância), e o permanente sonambulismo da vidente. Tudo isso hoje em dia é analisado extensamente por psiquiatras, parapsicólogos e religiosos, cada qual com seu próprio ponto de vista.

Por esses estudos, Kerner é considerado hoje, pelos que professam a Doutrina Espírita, como um dos grandes predecessores de Hyppolite Rivail, o Allan Kardec, que em 1857 lançou as bases do Espiritismo moderno codificando o “Livro dos Espíritos”.

Sumário

Notas Biográficas sobre o Dr. Justinus kerner / 05

Carta aos Videntes – Cegos / 12

Prefácio da tradução inglesa / 15

Prefácio da edição francesa / 17

Prefácio à tradução em português / 20

Introdução / 23

Primeira Parte

I - A vida e as faculdades da Vidente / 30

II - No recesso da vida interior / 34

III - Conseqüências de seu estado magnético; esboço de novo período de sofrimento / 35

IV - Aumentam os sofrimentos e o sonambulismo torna-se mais completo / 39

V - Chegada a Weinsberg / 42

VI - O retrato da Vidente / 44

VII - Funções nervosas externas da Vidente e suas relações com o mundo físico / 47

VIII - Efeitos da água. - Modificação do peso / 50

IX - Efeitos das substâncias imponderáveis / 54

X - O que a Vidente percebia nos olhos humanos / 56

XI - Visão pelo epigástrico / 58

XII - O Espírito Protetor / 60

XIII - Sonhos proféticos / 63

XIV - Segunda Vista / 65

XV - Exteriorização do corpo fluídico / 67

XVI - As fórmulas mágicas da Vidente / 70

XVII - Manipulação magnética e prescrições contra as doenças / 73

XVIII - Cura da Condessa Von Maldeghem por intermédio da Vidente / 75

XIX - Os diversos graus do magnetismo. Opiniões da Vidente sobre cada um / 79

XX - A esfera solar e a vida da esfera. Estados da Vidente quando essas esferas se envolvem nela / 81

XXI - A linguagem interior / 83

XXII - A sétima esfera solar / 86

Segunda Parte

I - O homem magnético em suas relações com o mundo dos Espíritos / 88

II - Alguns reparos da Vidente sobre a visão dos Espíritos / 90

III - Últimas explicações sobre a faculdade de ver os Espíritos apresentados pela Vidente / **95**

IV - A crença nos Espíritos é baseada na natureza / **101**

V - Algumas palavras a propósito dos fatos que aqui se relatam / **104**

VI - Fatos sobrevividos em Oberstenfeld / **106**

Primeiro Fato

VII - Fatos sobrevividos em Weinsberg / **112**

O primeiro caso

O segundo caso

O terceiro caso

O quarto caso

O quinto caso

O sexto Caso

O sétimo caso

Oitavo caso

Nono caso

Décimo caso

Décimo primeiro caso

Décimo segundo caso

Décimo terceiro caso

Décimo quarto caso

Décimo quinto caso

Décimo sexto caso

Décimo sétimo caso

Décimo oitavo caso

Décimo nono caso

Vigésimo caso

Vigésimo primeiro caso

Vigésimo segundo caso

O Poder dos Amuletos da Vidente / **163**

Primeiro caso

Segundo caso

Terceiro caso

Quarto caso

I - Casos diversos observados em Weinsberg / **168**

- II - O caso da prisão / 170
- A - Extratos do diário da Vidente / 172
- B - Conclusões a tirar desses fatos / 175
- C - Últimos dias e morte, da Vidente / 177
- D - Nota da Editora / 180

Nota da Editora

Este é, pensamos, o último livro no qual se encontram os recursos da cultura e inteligência de um dos maiores dentre os tradutores e escritores que o Espiritismo teve no Brasil e no mundo. Ele é pois, uma homenagem a um homem notável e que a Revista Internacional do Espiritismo teve a honra de apresentar em suas páginas até que, findo o derradeiro esforço, a obra caiu-lhe das mãos de trabalhador exemplar posto na primeira falange de Cristo e de Aldebaran. Queremos nos referir ao DR. CARLOS IMBASSAHY

Notas Biográficas sobre o Dr. Justinus Kerner

Justinus Kerner nasceu em Ludwigsburg, no Wurtemberg, a 18 de setembro de 1786. Era o mais velho dos cinco filhos do Bailio superior da cidade. O pai morrera, sem deixar bens, em 1799, e a mãe colocou-o a princípio numa loja de marceneiro, tencionando fazê-lo confeiteiro mais tarde. Por felicidade, um amigo da família, o Pastor Konz, poeta, e a quem Justinus mostrara os seus primeiros versos, conseguiu que o encaminhassem à Universidade de Tübingen, onde escolheria depois a carreira que devia seguir.

Kerner estava nos seus dezoito anos; partira a pé, com o saco nas costas e chegou, em noite de lua, às portas da cidade; fatigado, deitou-se num banco e adormeceu. Quando acordou, encontrou o Dr. Karl du Prel - os choupos vergavam por violento furação e o vento lhe traz, através das janelas do Hospital dos Pobres, uma folha de papel: era uma receita assinada pelo Dr. Uhland, médico chefe do Bailio. O jovem viu nisso um aviso da Providência e, com a resolução de dedicar-se em Medicina, entrou em Tübingen em 1804.

Ligou-se intimamente ao filho do Dr. Uhland (1) e a outros estudantes, Schwab (Varnhagen Von Ense, (3) que se tornaram poetas mais ou menos célebres.

(1) Uhland nasceu em Tübingen em 1787 e morreu na mesma cidade; foi magistrado, professor de literatura no Instituto do Wuhtemberg; mas o seu nome celebrizou-se como poeta. Principiou nessa arte em 1812, em Tübingen com seu amigo Kerner na estréia do almanaque Poético.

(2) Schwab, nascido em Stuttgart, em 1792, morreu em 1847; ocupou, na cidade natal, a cadeira de literatura alemã; é autor de numerosas poesias e traduziu para o alemão as Meditações de Lamartine.

(3) Varnhagen Von Ense, Carlos Augusto - Diplomata e literato alemão nascido em 1785 e desencarnado em 1843 estudou medicina em Berlim, mas consagrou-se à Literatura e à Filosofia. Ingressou no Exército austríaco em 1806 vindo na Rússia em 1813. Dedicando-se à diplomacia, foi nomeado ministro da Prússia, em Carlsruhe. Obra: "Deutsche Erzählungen", 1815; "Goethe in den Zen Zeugnissen der Mitlebenden", 1824-1830; "Denkwürdigkeiten", 1847, etc. (Nota do Tradutor).

Quatro anos mais tarde recebeu o grau de doutor, e deixou Tübingen para completar estudos por algum tempo na Áustria e em parte na Alemanha. As cartas que escrevia aos amigos tornaram-se o assunto de sua primeira produção literária, impressa em Heidelberg no ano de 1811, com o título - Reiseschatten Von dem Schattenspieler Lu. Boço da Viagem do Fantástico, Lux.

Estabeleceu-se como médico na pequena cidade de Welheim. "Tornou-se cada vez mais conhecido - diz Karl du Prel - não só como poeta senão como consciencioso facultativo. Muito procurado, tinha um único defeito e bem grave num médico, o de sentir como se fossem seus males dos doentes: Seus insucessos na prática médica tiravam-lhe o sono".

Casou-se em 1813 com uma jovem de Tübingen, Frederica Ehman, de quem ficara noivado desde o tempo da Universidade. De começo, a vida do casal era modesta. Só havia um albergue para alugar em Welheim: tinha dois compartimentos com uma pequena cozinha. E o seu quarto para dormir deveria ser cedido para a sala de dança, de festas, nos dias de feira, para casamentos e assim por diante para o que dele tivesse necessidade o dono do albergue.

Em 1816 é Kerner investido no cargo de médico-chefe do distrito de Gaildorff, e no ano seguinte, em 1817, em Weinsberg, encantadora cidadezinha, célebre pelo assédio que lhe pôs em 1527 o imperador Conrado durante a guerra entre guelfos e gibelinos.

Diz à tradição que quando a praça foi obrigada a render-se, a capitulação dera direito aos vencedores de levarem o que tivessem de mais precioso, e as mulheres que saíam levando o marido e as crianças. O vencedor não quis discutir essa inesperada interpretação e a colina, que se estende sobre o povoado, tomou o nome de Weibertreue (Fidelidade das mulheres).

Quando o médico chegou a Weinsberg a colina se achava em estado selvagem. Ele comprou um terreno, transformou-o em parque (1) e aí construiu uma casa de que ele e o seu consorte faziam as honras com tal simplicidade que, muitas vezes, soldados e bufarinheiros, ao chegarem ao lugar, ali entravam ingenuamente, supondo tratar-se de um albergue.

(1) Nesse parque, numa pedra talhada, colocou esta inscrição dedicada à esposa: - não amparei minha mulher e eu era um fardo mais pesado do que se poderia supor. (Nota do Tradutor).

Ali eram acolhidos ao mesmo tempo e com a mesma singeleza os admiradores do poeta, antes do médico e os amigos particulares do homem. Certa vez um negociante de luvas de couro, que parava todos os anos na casa de Kerner, encontrou-se com Adalberto de la Riviere, bom doutor apresentou-o ao Príncipe como um velho amigo e pediu-lhe autorização para apresentá-lo à mesa.

Sua primeira coleção de poesias data de 1817; foi publicada em Carlsruhe com o título Poesias Românticas. Nelas se nota o bom senso e a clareza, assim no pensamento como na expressão. Dessa forma se distinguia a escola de Suábia, de que ele foi com seu amigo Uhland um dos mais ilustres representantes, das escolas poéticas mais ou menos nebulosas do resto da Alemanha.

Por essa ocasião iniciava-se ele nos estudos psíquicos, e em 1824 publicava em Stuttgart a história de Duas Sonâmbulas, (1) que ainda não pude encontrar.

(1) - No dia 2 de maio de 1829, a senhora, Hauffe deixou Weinsberg para regressar a Lowenstein, onde nasceu e desencarnou a 5 de agosto do mesmo ano. O Dr. Hoff foi encarregado de fazer a autópsia do cadáver. Escreveu: o cérebro era admiravelmente perfeito e bem conformado. Declarou jamais ter deparado com outro tão sã e tão envolvido. Alguns instantes antes de sua morte ela compusera os seguintes versos;

“Adeus, obrigado pela afeição e pelos socorros que me prestaram nesta minha triste vida que vai findar. Adeus!”

Chamarei amigos os que foram enviados com sábios fins para aumentar minhas penas? Sim, foram amigos e outros. Adeus! Adeus!

Adeus a todos os que amo. Enquanto meu espírito já adeja no alto meu corpo ainda ai jaz como testemunha da vida de misérias. Adeus! Adeus!

Não lamentem tenha chegado ao descanso. Adeus a todos que mais amei. Breve estaremos reunidos em lugar onde os pesares e as dores são desconhecidos Adeus! Adeus!”

Não parece que tivesse então grande fé na eficácia do magnetismo, porque declara que em 26, fora chamado para tratar de uma jovem, Frederica Hauffe; os extraordinários fenômenos de sua doença deram curso a malévolos ruídos e a princípio procurou apenas usar os processos médicos comuns. Como piorasse o estado da enferma, consentiu que ela fosse morar em sua residência em Weinsberg. Lá, durante três anos, de 25 de novembro de 1826 a 2 de maio de 1829 pôde estudá-la à vontade e reunir os elementos de um livro que produziu a maior circulação na Alemanha, porque em alguns anos se esgotaram cinco edições. Foi traduzido em inglês pela Senhora Crowe e em francês pelo Dr. Dusart.

Os fenômenos relatados tornaram-se naturalmente objeto de violentas polêmicas. Disse o Dr. Kerner fora vítima de uma simuladora: é esta uma explicação que nunca falta quando é possível duvidar da boa fé do observador, mas sem valor nenhum quando há, como neste caso, testemunhas concordantes de homens notáveis por sua ciência e sua prudência.

Eis como Strauss, o célebre autor da Vida de Jesus, conta uma visita que fez a Kerner:
“Kerner recebeu-me, como é de seu costume, com bondade paterna e não tardou a apresentar-me à visionária que repousava num quarto, no andar térreo. Pouco depois caía em sono magnético. Presenciei pela primeira vez o espetáculo desse estado maravilhoso e posso dizê-lo, na sua mais pura e bela manifestação. Era um rosto com expressão sofrida e elevado e terno e como inundado por irradiação celeste; tinha uma linguagem pura e enusurada, solene, musical, espécie de recitativo (1); havia uma abundância de sentimentos que se transbordava e que se poderia comparar a uma faixa de nuvens, ora luminosas, ora sombrias, deslizando por sobre a alma, ou ainda brisas melancólicas e serenas engolfando as cordas de maravilhosa harpa eólia”.

(1) - A Vidente por vezes escrevia poesias. Eis um exemplar de seus versos que me foram dados pelo Barão Kerner Prel.

- “Deus, só tu conheces o meu coração; sabes se minto e se os segredos que revelo são verdadeiros ou falsos.

Ah! Posto que me tenhas dado o terrível poder de desvendar os segredos do tumulto, é com alegria que renuncio a esse dom e fecharei meus olhos a vida interior; mas que se cumpra a tua vontade e não a minha”

Por essa aparência sobrenatural, assim como por suas longas palestras com espíritos visíveis, bem-aventuradas ou infelizes, não havia duvidar que estávamos em presença de uma verdadeira vidente; tínhamos diante de nós um ser que se comunicava com um mundo superior.

Kerner, entretanto, propôs colocar-me em relação magnética com ela.

Não me lembro, desde que existo, ter tido jamais a semelhante impressão. Persuadi-me que estava de que, ao tocar minha mão na sua, todo o meu pensamento, toda a minha sensibilidade seria franqueado, ainda que houvesse o que lhe ocultar, pareceu-me, quando lhe estendi a mão, que se me retirava uma tábua de sobre os pés e que ia cair no vazio”.

O retrato da vidente que nos foi enviado por Theobaldo Kerner, filho do Doutor Kerner, chama a atenção para a extraordinária semelhança que apresenta com a de Dante, pintor Rafael.

Eschenmayer (1), doutor em Filosofia e Medicina pela Universidade de Tübingen, estudaram meticolosamente as faculdades da vidente e publicou sobre o assunto, em colaboração com Kerner, de 1831 a 1834, cinco volumes intitulados - "Jornal de Prevorst".

(1) Nasceu em Neuenburg, em 1768 e faleceu em 1854. Discípulo de Kant e de Schilling estudara espontaneamente fenômenos magnéticos quando exercia a Medicina, 1800-1812. Após haver abandonado esta arte para ocupar a cadeira de Filosofia na Universidade de Tübingen, compusera um livro publicado em 1816, com o título - "Ensaio sobre a explicação da magia aparente do magnetismo por meio das leis fisiológicas e psíquicas".

Em 1830 publicou, na mesma cidade - "Mistérios da vida interior explicados pela história da Vidente Prevorst".

A Senhora Maria Nithammer, filha de Kerner, escreveu a biografia de seu pai, onde combatia a opinião dos que, nada tendo visto, pretendiam fazer dele um visionário, um melancólico, perdido nas nuvens do misticismo, quando ao contrário ele possuía uma natureza

rial; era bom, mas positivo e afastado, tanto por suas disposições naturais como por seus estudos médicos, da crença em Espíritos (2).

(2) O dicionário de Larousse foi obrigado a convir, mas cheio de restrições, como se pode verificar do seguinte:

"Kerner era um homem profundamente amável, doce, sonhador. Uns tons melancólicos, bem pronunciados, luíam nele certa alegria. O tratamento magnético ao qual foi submetido na mocidade, deixou-lhe uma espécie de excitação no cérebro; tornou-se supersticioso, cria nos espíritos, no maravilhoso. Fizera mesmo pesquisas, escreveu e publicou observações ou narrativas, de fortes cores fantásticas. Tais foram as obras intituladas: História das sonâmbulas (Karlsruhe, 1824); A Visionária de Prevost (Stuttgart, 1829, 2 vols.); História de alguns possessores da época, 1834; Fenômenos do domínio noturno da natureza (1836); Da possessão, mal demoníaco magnético (1836).

Quanto as Folhas de Prevost, trata-se de uma série de observações Filosóficas-Científicas, publicadas em colaboração com Eschenmayer karlsruhe, 1831-1834, 5 Vol.

Os que acreditam - diz ela que meu pai procedeu a experiências nesse terreno, de maneira entusiasta, embalando-se nessa ilusão, a si e aos outros, estão em erro grave. O que escreveu foram casos nítidos, observados com limpidez por ele e por homens de qualquer idade ou condição.

Muitas pessoas despidas de crença em geral e principalmente da crença em Espíritos chegaram com a firme decisão de não acreditar em nada, de penetrar a fundo na matéria e iraram-se abalados por essa fraca mulher, e forçados a comprovar fatos indiscutíveis; não conseguiram explicar, apesar de suas frias e refletidas investigações.

A maior parte dos contemporâneos de Kerner não viam com bons olhos sua feição mística e será ainda por muito tempo a opinião dominante, segundo o prognóstico do próprio Kerner, nestes versos: "Meu nome será esquecido como poeta. E como médico também o será quando se falar de Espíritos pensar-se-á muito tempo em mim e a grita será forte".

Apesar das polêmicas, Kerner viveu muito tempo feliz em Weinsberg, onde construiu cantadora morada nos flancos de uma colina da velha aldeia, e aí compartia o tempo em deveres profissionais e a poesia (1).

(1) Além das citadas, suas principais obras literárias são Gedichte (Poesias) Stuttgart, 1826 – Der Letzte Strauß (O último ramo de flores), Stuttgart e Tübingen, 1853. – Die Bestuernang der Stadt Weinsberg im Jahre 1525 (O Assédio da Cidade de Weinsberg em 1525), Heidelberg, 1848. Bilderbuch aus meiner Knabenzeit (Recordações da Minha Mocidade). - Brunswick, 1839. (Nota do Tradutor)

Por um contraste muitas vezes observado é a nota melancólica dominante nas obras de Kerner, espírito aliás muito alegre.

Veja-se como exemplo a tradução de dois poemetos seus, muito populares em toda a Alemanha:

OS DOIS ATAÚDES

Lá estão ao alto na velha Catedral, dois ataúdes. Num dorme o rei Othar, no outro repouso o cantor. Outrora, o rei, poderoso, assentava num trono elevado; sua espada ainda está ao lado dele, encostada na cabeça.

Perto do rei altivo jaz agora deitado o doce cantor; acha-se ainda em sua mão a piedosa harpa.

E eis que, em torno, desmoronam as fortalezas; através do país ressoam o apelo as armadas; mas, porém, as mãos do rei brandirão a espada.

Quando o perfume das flores e o doce zéfiro se derramam pelo vale, a harpa do poeta soa harmoniosamente num cântico eterno.

O VIAJANTE NA SERRALHARIA

Lá, em baixo na serralhia, eu estava sentado em doce repouso. E contemplava o movimento das águas, o rolar das rodas. Olhava a serra brilhante, traçando longos sulcos no chão. Pouco a pouco mergulhei como em um sonho.

O pinheiro parecia animar-se sob a ação de melodia fúnebre, e tremendo em todas as fibras dizia:

“Chegas a propósito, ó viajante; é por ti que, a ferida penetra em meu coração. É por ti que, cedo, essa madeira se tornará em caixão para um longo repouso após curta viagem”.

Vi caírem quatro tábuas. Apertou-se-me o coração. Quis falar, mas já a roda não se move mais.

Em 1851, grave doença de olhos obrigou-o a demitir-se das funções de médico-geral. O rei de Wurtemberg concedeu-lhe uma pensão de 300 florins e o rei da Baviera um aumento de quatrocentos.

Três anos depois, a 16 de abril, de 1854, perdia, após curta enfermidade, sua esposa, a companheira dedicada e inteligente de sua vida durante quarenta anos.

A partir desse momento, Kerner desejou também a morte. Enfraquecendo-se-lhe a vida cada vez mais, fechou-se no quarto, onde continuou a receber os amigos com a mesma cordialidade; seu espírito mantinha-se vivo apesar da debilidade do corpo. A 22 de fevereiro

62 foi arrebatado pela gripe e enterrado no cemitério de Weinsberg, ao lado da mulher. Vide, conforme seu desejo, havia esta simples inscrição: Frederica Kerner e seu Justinus.

Mais tarde os admiradores de Kerner erigiram-lhe um monumento em Weinsberg, orçulpiram o medalhão que reproduzimos nessas páginas.

ALBERT DE ROCH.

Carta aos Videntes - Cegos

J. Herculano Pi

Não posso dirigir-me especialmente a um, porque os videntes-cegos são legião. Sirvo esta forma usual de carta-aberta para dirigir-me a todos. Quando o editor me solicitou o prefácio para esta edição brasileira de "A Vidente de Prevorst", fiquei em dúvida se devia ou não fazê-lo. Porque o livro de Kerner já está de tal maneira prefaciado, que o leitor terá que fazer muitas explicações antes de chegar ao texto. Mas os editores sabem o que fazem para satisfazer o corajoso editor, não para aumentar os prefácios, mas para acrescentar volume a esta carta que me parece necessária. A hora de falarmos com franqueza aos cegos que não querem ver, e este livro oferece a melhor ocasião para isso.

Na linguagem dos cegos são videntes os que possuem a visão comum. Mas na linguagem dos videntes as coisas se modificam: são videntes os que vêem além da visão comum e os videntes-cegos os que, possuindo a visão comum, não querem acreditar na visão incomum que se chama - "paranormal" . E a estes que me dirijo, escolhendo assim um público especial, certamente não gostará deste livro. Goste ou não goste, esse público necessita mais de amor do que o público em geral. Solicito às pessoas de boa vontade que leiam esta carta para os videntes-cegos, que podem lê-la apesar da cegueira mas certamente não a querem ler. Os videntes precisam de médico e os teimosos precisam de ajuda.

Este livro, meus caros videntes-cegos, é uma das provas mais alarmantes do imenso defeito que a cegueira espiritual tem causado aos homens. O Dr. Justinus Kerner o escreveu há um século e meio, para mostrar aos homens a realidade de certas faculdades humanas que sempre existiram, mas que sempre foram negadas pelo que pensavam não possuí-la. Por amor e por respeito a este gesto de amor, tentando auxiliar os semelhantes, O Dr. Kerner foi desprezado e ridicularizado através de um século. Mais eis que agora, nesta fase rápida evolução da terra, as pesquisas científicas vieram dar inteira razão, ao malsinado autor. Como os principais responsáveis pelo suplício moral do Dr. Kerner (e de tantos suplícios morais e físicos a outras vítimas inocentes) são os videntes cegos, acho necessário chamá-los a responsabilidade.

E é o que faço nesta carta, sem o menor desejo de ofender. Deus me livre disso! Tocando-vos, os videntes-cegos a quem me dirijo, são meus irmãos perante Deus e desejo apenas abraçá-los fraternalmente, para que não continuem incidindo nos enganos a que se entregaram há muito tempo. Peço-lhes, pois, que ouçam estas palavras amigas, ditadas por um coração que lentamente lhes que ajudar.

As estórias fantásticas deste livro estão hoje confirmadas pela investigação científica. A vidência "esse dom maravilhoso", foi à primeira faculdade paranormal do homem a ser comprovada em pesquisas de laboratório. Desde 1940, como se pode ver em qualquer livro informativo de Parapsicologia, a vidência ficou definitivamente provada através das pesquisas do Professor Joseph Banks Rhine e sua equipe da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, Estados Unidos. A prova foi feita com o devido rigor, sob o nome de "clarividência", e o rigor científico exigia que fossem afastadas as visões espirituais. Os pesquisadores aceitaram a exigência e provaram, sob controle matemático dos resultados das experiências, que a natureza humana pode ver sem os olhos, e isso no próprio plano material.

Provada, de maneira irrevogável, a existência dessa faculdade, nada mais deteve o avanço das pesquisas. A seguir, provou-se também a telepatia ou transmissão do pensamento, e investigada hoje intensamente pelos norte-americanos e os russos, para aplicação na conquista do Cosmos. Nem mesmo o materialismo oficial da União Soviética pode menosprezar a descoberta científica. Mas na Europa e nos Estados Unidos às pesquisas se intensificaram de uma maneira que atualmente já estão provadas cientificamente mais estas faculdades humanas: a precognição (ou profecia) e a retrocognição (ou adivinhação de coisas passadas).

Não se trata mais de superstição, de excessos de imaginação, de misticismo ou coisas semelhantes. Trata-se de uma verdade científica universalmente aceita. A pessoa que hoje cerra os olhos ou enfunda o peito: Eu não creio nisso! dá provas de ignorância e mentalidade estreita. Porque não se trata de crer, mas de saber. "A Vidente de Prevorst" não é mais um livro imaginoso ou tolo, mas um documento científico, relato de um homem extremamente culto e digno, de um médico sério, de um cérebro privilegiado sobre a ocorrência de fenômenos de clarividência através de uma sensibilidade de faculdades excepcionais. Ler este livro é expor-se aos perigos da superstição, mas livrar-se dos perigos da ignorância e lutar-se contra a cegueira assassina dos videntes que não querem ver.

Nada existe de pior nem mais perigoso do que uma criatura fechada em suas próprias ideias, convicta de possuir a verdade absoluta, de saber mais que todas as outras ou de iluminada pela luz divina, que só a ela e a mais ninguém foi dada. Essas criaturas "cheias de ideias", satisfeitas consigo próprias, envaidecidas com a própria ignorância têm produzindo mais dores, mais sofrimentos e mortes cruéis do que as pragas e as pestes, as doenças sem cura e as guerras. Mas um livro como este pode ser excelente remédio para essas criaturas, abrindo-lhes os olhos para a realidade e aliviando-lhes para o futuro a peso da consciência.

Se os meus prezados destinatários, os videntes-cegos, não quiserem acreditar no que li no livro, se teimarem em fechar os olhos ainda mais duramente, aconselho-os a consultar algumas obras de ciência sobre os fenômenos aqui relatados. Aconselho-os sobretudo a ler

o trabalho da professora Louise Rhine, da Universidade de Duke, intitulado: "Os Canais da Mente".

Trata-se de uma questão de extrema urgência; pois estamos numa hora decisiva do mundo que a rápida evolução do conhecimento não permite mais as posições petulantes do passado, com pessoas que se consideravam espíritos-fortes justamente por não terem espíritos mudaram, amigos! E o mundo está mudando cada vez mais depressa. Aceitem o convite que lhes faço: acertem o passo com o mundo, lendo este livro sem prevenções.

Prefácio da tradução inglesa

Como, apresentando este curioso trabalho ao público, tinha em vista fazer um livro acessível ao maior número, não podia pensar numa tradução literal. O original, com efeito, é de prolixo, caía em várias repetições. Certas passagens se tornariam áridas a muitos leitores, enquanto outras pareceriam místicas. Julguei, portanto, mais racional fazer uma tradução livre, que dissesse realmente o que se achava no livro, mas sob uma forma condensada quanto possível. Só me afastei desse plano quando era indispensável adstringir-me ao texto do autor.

Penso que muitos fenômenos extraordinários contados por Kerner não merecerão fé na Inglaterra. Mas este livro despertará profundo interesse aos que admitem a clarividência quanto aos que bem mais numerosos, não aceitam suas maravilhas, poderão, eu espero, considerar os fatos como dignos de atenção, tanto sob o ponto de vista fisiológico como sob o da Psicologia. Digo os fatos, porque não posso admitir que após a leitura deste livro, algum espírito leal duvide da maior parte deles ou suponha haver uma burla do médico ou da doente.

O caráter bem conhecido de Kerner bastará para afastar as suspeitas desse gênero. Minha parte repilo com indignação a idéia de que nessa criatura sofredora, que está constantemente à beira do túmulo, todos os sinais de inocência e piedade mais não fossem uma máscara acobertadora de uma velhacaria tão excepcional como persistente.

Nada é mais fácil do que a acusação de impostura. É um modo cômodo de evitar os defeitos de um inquérito e suprimir os fatos que molestaram as idéias preconcebidas. Tratarem, de um expediente tão vulgar quanto tímido; e é com pesar que o digo, poucos países como o nosso se acham nesse caso.

O ridículo é ainda uma arma de uso fácil, mas há tantos homens instruídos; sensatos nestos nos países vizinhos, e que acreditam na veracidade dos fatos, que o recurso a tais expedientes já estão fora da moda.

Se acreditarmos neles, devemos, pelo menos, dar certa atenção ao que nas dizem. Homens sinceros, desejosos de aprender, hão de acolher tais ensinamentos com certa consideração, e poderão chegar à convicção.

A sinceridade e boa fé do Dr. Kerner nesse assunto, cremos que nunca foram postas em dúvida, ainda pelos mais cépticos e mais emperrados. Ele é por demais conhecido amanhã como homem sensato, amável, religioso, e do mesmo passo distinto poeta lírico. O único ponto de que poderiam duvidar seria o da segurança do seu senso crítico; mas enquanto

cépticos não tiverem como ele as mesmas ocasiões de observar e experimentar, não podem olhar com as maiores reservas as imputações inteiramente gratuitas de credulidade.

Por outra parte declaro que me sentiria penalizada se me visse inscrita entre eles, bem como os outros, o sei, e para os quais o atestado de tais fatos só merecem desprezo e irrisão. Contudo, entretanto, que a questão de saber se os fenômenos devem ser considerados como subjetivos ou simplesmente subjetivos, projeções do sistema nervoso ou aparições externas, não pode ser definitivamente resolvida e só o será pela verificação repetida dos fenômenos da mesma ordem.

Embora acabasse plenamente convencido, Kerner duvidou por muito tempo. Verificando hesitar, a impossibilidade da convicção absoluta para os que não tiveram ocasião de assegurar-se pelo testemunho de que tais aparições se podem produzir.

Como quer que seja, poucos leitores, - e disto estou convencida, - percorrerão este livro com indiferença; o espírito de sinceridade com que foi escrito será a melhor defesa do autor contra o ridículo e a má fé. Esse mesmo caráter será aceito como a justificação da tradutora que se atendeu a apresentar esta obra ao público inglês sob uma forma acessível.

MRS. CROV

Prefácio da edição francesa

A Senhora Crowe, como se acaba de ler, achou melhor eliminar na edição inglesa numerosas repetições e certo número de dissertações metafísicas, áridas e enubladas, que tinham na edição alemã. Conservara, entretanto, muitas páginas que não eram mais cortações piedosas, com muitas passagens bíblicas, que os leitores franceses não deixariam considerar como verdadeiras obras-primas em trabalhos desse gênero. Cremos que não irão a mal tê-los posto de lado e resumido em algumas linhas a longa e obscura descrições esferas que só contem as idéias da Vidente, sem qualquer fiscalização. Não procuramos também reproduzir a exposição de suas teorias sobre a virtude dos números e o importante que eles representariam em nossos destinos e do planeta.

Lendo-se as páginas que se vão seguir, ficaremos, entretanto, surpreendidos por ver como os fenômenos físicos assinalados no Relatório da Sociedade Dialética de Londres e numerosas obras aparecidas há uns 50 anos sobre Espiritismo, assim como os mais importantes recebidos de toda a parte nos grupos espíritas, tenham sido objeto das manifestações produzidas diante da Vidente de Prevorst e outras personagens que hoje chamaríamos médiums há mais de 20 anos antes das manifestações de Rochester. Elas passaram, entretanto, despercebidas, enquanto as segundas foram o ponto de partida desse movimento universal. No desenvolvimento estamos hoje acompanhando em suas fases diversas.

A cada página, quase, assinalamos a produção de ruídos, tão variados no caráter como a intensidade, produzindo-se em todas as partes de um compartimento ou na casa inteira. Ervidos por grande número de pessoas e não se lhes percebia qualquer causa visível, objetos e coisas de várias dimensões eram deslocados, flutuavam no ar ou desapareciam subitamente. A própria Vidente e muitas pessoas elevavam-se sem nenhuma intervenção humana. Algumas vezes o corpo ficava flutuando acima d'água e resistia aos esforços para que imergisse. Pedras, pedregalhos, areias, fragmentos de cal são projetados sem causa visível.

Luas, bolas de sabão, chamas são vistos por ela e por muitas testemunhas;

A Vidente fornece numerosas provas de clarividência; vê cenas que se desenvolvem no espaço d'água, à superfície de uma bolha de sabão.

Tem sonhos proféticos, anuncia a morte ou a cura de certas pessoas;

Indica a natureza e o tratamento de doenças;

Desde criança descobre nascentes por meio da vara de azeiteira e fica, durante toda a vida, sensível aos eflúvios de diversas substâncias minerais;

Por várias ocasiões vê ela fantasmas de moribundos;

Entra rapidamente em relações quase ininterruptas com os espíritos dos mortos; uns, de elevada categoria, guiam-na, protegem-na; outros, sofrendores, imploram socorro. Ela é a única a percebê-los; essas aparições apresentam os diversos graus de materialização; umas, só ela as vê, mas produzem estranhas impressões nos presentes; outras são vistas e ouvidas por pessoas que velam perto dela; outras enfim são notadas por todos e por animais;

Muitos casos de animais são assinalados nesta narrativa.

Não teve ela, entretanto, a seu dispor, os dois processos de comunicação muito espalhados - a tiptologia e a psicografia.

Vejam agora o frado moral e dogmático dessas tão curiosas páginas, Verificamos a continuidade entre os dois mundos, o visível e o invisível; o socorro visível que se presta a uma imiscuição em todos os instantes na vida um do outro. Resumiremos em algumas linhas os pontos colhidos nas manifestações íntimas.

O homem é composto de um corpo material, dum Espírito material e de uma alma sensível, que serve de intermediária entre os dois primeiros e se destina a fornecer ao Espírito o invólucro etéreo, quando ele se desprende do corpo, quer momentaneamente, quer à hora da morte. Segundo a Vidente, esse invólucro, constituído por espessa e pesada substância material, torna-se pouco desenvolvidos, tornar-se-ia cada vez mais leve, luminosa e fluídica, na medida em que o Espírito se purifica: acabaria por desaparecer inteiramente quando este atinge certo grau de perfeição. Seria esta alma ou invólucro que permitiria ao Espírito produzir fenômenos físicos.

Existiria ainda um fluido nervoso ou força vital de que a alma se serve para agir sobre o corpo durante a vida e que, não desaparecendo logo após a morte, permite ao Espírito condensar certos elementos da atmosfera para tornar-se visível.

O Espírito não se transforma com a morte; conserva as paixões, boas ou más, suas paixões, seus ódios e suas opiniões, justas ou erradas; destarte, o mundo invisível é a reprodução do mundo visível. As penas não são eternas; as faltas se podem resgatar por expiação. Os pagãos e os que não acreditaram na Redenção, mas se conduziram bem, não são punidos, e só serão admitidos nas esferas superiores depois dos ensinamentos que certos Espíritos superiores são encarregados de ministrar-lhes.

O culpado permanece em presença do crime cometido; por exemplo, a mãe que matou o filho traz, sem tréguas, o cadáver nos braços até completa expiação.

A Vidente crê no pecado original e na redenção pelo Cristo. Admite a influência dos amuletos, a virtude dos amuletos e de umas tantas substâncias contra as doenças e determina

píritos. Serve-se de um idioma especial que denomina a linguagem interior, e desenvolve a vida das esferas, morada de Espíritos, conforme seu grau de desenvolvimento.

Vê-se que suas opiniões constituem curioso amálgama de Cristianismo, Ocultismo e sobretudo Espiritismo. Estamos convencidos de que o leitor acompanhará com interesse a exposição dessas idéias e as narrativas sugeridas à Vidente de Prevorst.

Dr. O. DUSA...

Prefácio à tradução em português

Já um escritor infenso às doutrinas espíritas, René Sudre, notava que, vinte anos antes de Allan Kardec, aquelas doutrinas e os fenômenos descritos nos livros do Codificador representavam nas manifestações da Vidente de Prevorst.

Os mais entendidos em matéria histórica verão ainda que os casos do chamado Psiquismo paranormal verificaram-se em todos os fastos da Humanidade. O que admira é que, tratando-se de fenômenos comprovados por infundável série de testemunhos, através dos séculos e de todas as partes, ainda haja quem os negue, chegando muitos a supor que demonstram uma extraordinária argúcia no riso de mofa com que os acolhem.

O que não se havia coligido num corpo de doutrina era a moral que estas manifestações traziam. E o que se deve ao nosso século é o interesse que uma plêiade de sábios tomou no assunto, com sacrifício de tempo, de interesses particulares e muitas vezes do renome, para tratar aquilo que diz com "as almas do outro mundo" sempre foi encarado como superstição, e os estudiosos no assunto, como pessoas de pouco equilíbrio mental.

A insistência, à perseverança, à coragem de um pugilo de desbravadores se deve ao afastamento do domínio da lenda para o campo da Ciência a fenomenologia de ordem psíquica paranormal, da qual os acadêmicos até hoje não puderam tomar conhecimento.

Já se sabe que o fato existe; já se conhece que a História o registra; muitos, porém, pensam ainda que a parte teórica é lucubração de Allan Kardec. As variadas narrações deste livro sustentam, de maneira categórica aquele último refúgio onde se encantonam os negadores.

E bem de ver que, mescladas aos ensinamentos que os Espíritos davam à Vidente, há as idéias ancestrais que ela armazenara nas profundezas do ser, no decorrer dos séculos; há ainda muitas explicações do Autor, que ignorava a matéria-só agora espalhada pelo Mundo: há o fato que se refere às noções sobre as moradas no Espaço, as esferas, os diversos planos da hierarquia espiritual, até então encobertos por um véu que está aos poucos sendo levantado e cuja relação não poderia vir de chofre. E há as suas inferências.

E de crer também que os próprios Espíritos só pudessem apresentar o que sabiam, o que eles mesmos testemunham, o que tinham verificado. Não se vendo nas três estâncias assinaladas pelas tradições ocidentais; não conhecendo ninguém votado às penas eternas; sabendo pela própria experiência própria e alheia que o sofrimento corresponde às faltas e que a dor é a punição; notando já em si, já nos vizinhos, que não há reforma imediata, mas que cada qual conserva suas idéias, hábitos e pendores, proclamaram o que lhes estava a entrar pelos olhos e os velhos ensinamentos, que durante muitos séculos lhes foram incutidos no cérebro com

tilha religiosa, enfronharam-se-lhes no espírito. E os menos adiantados, não vendo pro-
o contrário por fugirem ao domínio dos fatos observáveis, como a Redenção, ou se perder
escuridão dos tempos, como o pecado original, esses ensinamentos seriam ministrados tácita-
pressamente; ou estariam no subconsciente da própria médium e a ela cabe
responsabilidade deles.

Outros há que se encontram na obra da Codificação e formam a maioria, tornando-
miráveis pela perfeita concordância existente entre ela e eles. Isto nos mostra o método
guir no descobrimento da verdade, nesse gênero de revelação. E já nas obras de Allan Kardec
estabelece que uma doutrina espírita para ser aceita deverá provir de várias fontes, por
erentes médiuns, em diversas épocas e lugares. A vidente de Prevorst é uma dessas fontes
obstantes.

E interessante também mostrar como certos casos se ajustam com o que observamos
essas pesquisas e em nossa prática. Daremos um exemplo.

Relatam os Espíritos, como se vêem, em Kardec, que o ser no Espaço conserva,
neira completa, as suas características intelectuais e morais.

Tínhamos um amigo, de nome Américo, que uma vez nos presenteou com uma camisa
magnífica: E como lhe perguntássemos mais tarde como a adquirira, respondeu:

- Apanhei-a na loja.

- Mas apanhou, como?

Era ele empregado numa casa comercial. E entre risadas nos disse:

- O patrão é um patife; ladrão como ele só; e quando me trata mal, vindo ralhar-me
ros, um grosseiro que é já que não lhe posso partir a cara, multo-o, trazendo-lhe
rcadoria.

E achava naquilo uma graça imensa. Cremos que o fazia por pilhéria, mais por pregar u-
ça ao patrão; verdadeira garotada, tanto que distribuía o produto da fraude com os amigos.

O que aqui queremos mostrar é o seu espírito irreverente, brincalhão, alheio
nvenções, ao respeito social, despreocupado com o juízo do mundo, inconsciente da fa-
metida.

Faleceu o Américo, e numa sessão, quando já não nos lembrávamos dele e muito menos
vidente, ele se manifesta. Ocorreu-nos então o caso, e para identificá-lo a aludir à
ídiva". Ele para logo atalhou:

- Você quer falar daquela camisa furtada?... - E riu-se muito.

Estava ali o Américo com a demonstração irrefutável de sua presença, pois que
resentava qual fora em vida. Esqueceu-nos perguntar-lhe se aquelas muitas não lhe teri-

usado alguns dissabores no Espaço. O caso é que ele tinha o furto como uma boa e excelente.

Fatos que tais, constantemente reproduzidos vêm trazer-nos, pelo testemunho universal, prova daquilo que os Espíritos ditaram ao mestre lionês.

Esta obra, portanto, é um trabalho prestado de grande valor para os estudos metapsíquicos por ser clássico, já porque é um reforço ao ensino espírita, já porque vem demonstrar a persistência e a permanência do fenômeno, na interação de suas causas e efeitos, a autenticidade que está condensado atualmente sob o nome de Espiritismo.

A sua tradução para o vernáculo fazia-se necessária. As traduções em outros idiomas conhecidos à vista pareceram-nos acertadas em não reproduzir literalmente o compacto trabalho de

Dr. Kerner, com as minúcias e rigores próprios da índole alemã. Ativemo-nos, portanto, para uma tradução francesa, mais clara, mais concisa, conforme o estilo e o espírito gaulês.

Não nos foi possível, por vários motivos, valer-nos do original alemão. Que nos perdoem os leitores. As razões são muitas, e entre elas a de que *ad impossibilia nemo tenetur*.

CARLOS IMBASSAI

INTRODUÇÃO

A vidente selou com sua morte a sinceridade de suas revelações. Sua história não deve ser confundida com a das pessoas em transe magnéticos fracos, imperfeitos, e menos ainda com os impostores, muitos dos quais, recentemente desmascarados; os adversários da Vidente eram escrupulosos, porém, no verem em suas manifestações aquele mesmo fenômeno e aquele gênero. Ora, a existência de uma única pérola autêntica não pode ser posta em dúvida pela descoberta de um milhão de falsas.

Tem-se afirmado muitas vezes que as faculdades magnéticas da Vidente deveriam ser atribuídas à influência dos que a cercavam. Como poderemos refutar tão absurda concepção?

Para os que seguirem e observarem o desenvolvimento destes fenômenos, tal asserção é não somente falsa senão ainda ridícula.

Não é preciso julgar estas revelações como se fizessem parte de um sistema filosófico imaginado por um Espírito iluminado. Elas surgem da contemplação íntima da natureza; harmonizam-se freqüentemente em concordância com as crenças populares, com as opiniões correntes, tanto o exterior quanto o interior, ambas provenientes da mesma fonte. O caso é por certo embaraçoso e não obstante não diminuirá a aversão provocada por ver-se uma fraca e simples mulher abalar os sistemas admitidos pelos sábios e fazer reviver as convicções que há muito eles pretendem desarraigadas.

Em tal embaraço só me consolam as palavras de Paulo aos Coríntios: - "Deus escolheu coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes."

Se chegássemos a isolar-nos do toverlinho da vida exterior acharíamos que ela e a consciência exterior se encontram em contradição absoluta. O que o ser exterior aceita convenientemente, o interior muitas vezes o condena, e no tumulto do mundo somos inquietados pela vozinha que murmura em nosso ser interior.

Sente-se que, por efeito dessa vida intensa, o homem se mantém em contato com a natureza, e que a existência imperfeita exterior só se lhe revela em aparência esta relação visível e secreta com a natureza que liga o homem ao outro mundo e ao caminho que a natureza conduz.

Achei-me um dia à cabeceira de um desses homens que consagraram suas melhores qualidades ao desenvolvimento dos bens materiais, e ouvi-o dizer, já quando o estertor da morte lhe invadia o peito: - Sinto que a vida me abandona o cérebro e se concentra na região gástrica; não tenho mais consciência do meu cérebro; não sinto mais as mãos e os pés, não sei o que não poderia descrever e no que não se acreditaria: é um outro mundo.

E assim falando expirou.

A história de certos homens mostra que nos momentos de aflição as preocupações mundanas se afastam: eles descem às regiões íntimas da consciência e aí encontram as relações maravilhosas como os sonâmbulos não as revelaram. (1)

(1) Veremos adiante as explicações dadas pelo Autor para os atos que se seguem. Graças às pesquisas temporâneas pode-se dizer que este estado de insensibilidade, acompanhado por vezes de visões proféticas, e a costuma atribuir caráter miraculoso, é um fenômeno psíquico, consequência da exteriorização da sensibilidade, que provoca simples experiências ou abalos morais o que se vê ainda em certos médiuns em transe. Esse estado pode até o completo desprendimento do Espírito; o corpo abandonado resfria-se rapidamente, o que seria a morte, se não fossem medidas enérgicas para a volta do Espírito. Notara-se os perigos que podem causar certas experiências psíquicas quando dirigidas por pessoas inexperientes.

No ano de 1461, quando os hussitas estavam sob o guante de cruel perseguição, o homem piedoso de Praga, chamado Georginus, no suplício da roda, e estendido no instrumento de tortura, tornou-se, de modo extraordinário, insensível à dor e a quaisquer sensações exteriores; parecia tão inanimado que os algozes o desprenderam da roda e ele caiu no solo como morto.

Ao fim de algumas horas, recobrou os sentidos, espantado pelas dores nos pés e nas mãos, porém, as feridas, os sinais dos golpes, os diversos pontos queimados e sangrentos no corpo, e mais os instrumentos de suplício, veio-lhe ao espírito o que se passara, e contou em sonho que tivera durante a tortura: acreditava estar num prado magnífico e verdejante, no meio do qual havia uma árvore cheia de frutos; pássaros empoleirados em seus galhos comiam as frutas e cantavam melodiosamente. Entre estes viu um mais moço que, com uma pequena vara parecia regular-lhes os movimentos, de sorte que nenhum deles pensava em afastar-se; três homens vigiavam a árvore. Descreveu ele esses homens; e o que é notável é que dois anos depois o mesmo número de homens, correspondendo à sua descrição, foram encarregados de dirigir a Igreja.

Em 1639, uma pobre viúva chamada Lucken, foi acusada de feitiçaria e condenada em Helmstadt ao suplício da roda. Cruelmente torturada e tomada de terríveis convulsões, falou em alemão e uma língua estranha, depois perdeu os sentidos parecendo morta.

O fato foi levado ao juriconsulto de Helmstadt e este ordenou que lhe submetessem de novo a tortura. Ela protestou que era uma boa cristã, enquanto a estendiam na roda e a surrava espancando-a com enxofre fervente. Perdeu ela de novo o sentido e não mais saiu desse estado. Este primeiro caso vemos como a alma aflita deixa o corpo e o mundo exterior para unir-se ao Espírito no mais profundo da vida interna. Então, como em estado sonambúlico, o futuro lhe é revelado e ela goza dos maravilhosos dons da profecia.

No segundo caso, observamos como a alma, abandonando o corpo às torturas do mundo exterior, encontra refúgio em si mesmo, e nos sonâmbulos fala a linguagem desse ser interior.

- Pode suceder - diz uma clarividente - que um homem habituado à vida interior nela lúgie com tanto mais pressa quanto se acha perturbado pelo que o rodeia; as sensações po ficarão diminuídas ou mesmo aniquiladas.

A história dos mártires mostra-nos que, nos mais terríveis momentos de sofrime: terno, eles adquirem uma calma que os faz suportar com paciência as mais cruéis tortur rmitindo-lhes rir dos seus opressores e caminhar para a roda ou para a fogueira como par to nupcial. Assim aconteceu com João Huss e Jerônimo de Praga: enquanto seus corq um tomados pelas chamas, entoavam preces e litanias até o último suspiro.

Assim Dorotéia encaminhou-se para a fogueira como para uma festa. Os mártires i gres como conquistadores e como se os corpos não fossem de carne. Onde lhes estava na nesse momento? Na luz e na paz. (1).

(1) Deviam tratar-se, nos casos descritos de fenômenos de desprendimento do Espírito, pouco conhecido na épouxam-se os laços que o prendem ao soma e o indivíduo já nada sente, porque é pelo corpo que se transmibilidade ao espírito, e se este se afasta, tal como se dá com a ação de analgésicos, de entorpecentes, na síncope ase, no hipnotismo, nada sofre. (Nota do Tradutor)

A vida magnética oferece-nos semelhantes fenômenos e encontramos-los em mui rativas do Velho e do Novo Testamento, e nas histórias dos seres superiores como nzela de Orléans.

Conta ela que na idade de 13 anos ouviu uma voz no jardim de seu pai em Domrémy. z vinha do lado da igreja e era acompanhada de brilhante luar; espantara-se a princípio, n go reconheceu a voz do anjo que fora sempre seu guia e instrutor: era S. Miguel. Viu tamb nta Catarina e Santa Margarida, que a advertiam e lhe dirigiam os passos.

Distinguia facilmente pela voz, se era um santo ou um anjo quem lhe fala ompanhava-os geralmente uma luz brilhante; tinham voz doce e agradável. Os anjos areciam com os rostos naturais. - Vi-os - "diz ela no processo" - e os vejo com meus olhos

Cinco anos mais tarde, quando apascentava seu rebanho, disse uma voz que Deus iedara do povo francês e que ela deveria salvá-lo. Como começasse a chorar ouvindo issc z mandou que fosse a Vaucouleurs onde encontraria um capitão que sem dificuldade araria ao rei. - "Desde então" - declarou - "não fiz mais que obedecer a essas ordens... Sim, zes eram de Deus... Não, elas não me enganaram... As revelações eram de Deus".

No cerco de Orléans predisse a tomada da cidade e que seu sangue correria. Com efeito, i seguinte, foi ferida por um dardo que lhe penetrou no ombro.

Santa Tereza foi igualmente uma sonâmbula natural; nasceu no começo do século XV e visões como a pucela de Orléans.

Lendo a história dos santos, encontraremos inumeráveis fatos que testemunham o poder da vida interior. Estas lendas são ainda consideradas como uma coleção de atos de fanatismo e loucura, o que é a consequência da predominância tirânica do cérebro sobre o coração.

Mas as maravilhas da vida interior são também conhecidas por outros que, desde os verões, tiveram vida calma, simples, segundo Deus, sem esquecer os deveres a que se propuseram obedecer.

Somos muitas vezes instruídos por sonhos significativos, pressentimentos e comunicações e nos vêm do mundo dos Espíritos, assim como pelas revelações da vida magnética. (1)

(1) É sem razão segundo cremos, que no caso de Joana d'Arc o Autor invoca a ação da vida interior e o auxílio dos Espíritos. Sem admitir a existência de um arcanjo Miguel, é legítimo acreditar que os Espíritos superiores conduziram Joana d'Arc na maravilhosa campanha para a salvação da França, cujo papel neste mundo ainda não desempenhara, adotassem a aparência susceptível de emprestar confiança à sua protegida, por forma a ser aceita por aqueles a quem ela devia convencer de sua missão. (Nota do Tradutor)

Achamos no avô da heroína desta história provas de profunda vida interior. Dotado de corpo vigoroso e cérebro bem constituído, atingiu avançada idade. Elevou-se da condição de filho de um pobre agricultor a de rico negociante, mas sempre com uma vida simples e ativa.

- Eu estava doente - disse o velho negociante Schimdgall, de Lowenstein -, e me supor que as portas da morte senti grande alegria ao pensar na sorte feliz que tivera. Acordei como de um profundo sono e me encontrei num prado de que não percebia os limites e onde se encontravam muitas formas vaporosas que se dirigiam para o este. Sentia-me leve, feliz, e tão impaciente que fui na mesma direção. Ao aproximar-me, vi uma mulher com um vaso de cristal cheio de um líquido vermelho. Em torno dela havia uma multidão de almas de defuntos e percebi que ela distribuía a certas sombras, numa colher de prata, o líquido colorido, e as sombras precipitavam para Este. Muitas foram afastadas pela mão esquerda da mulher e logo desapareciam ao longe. Enfim, chegou a minha vez e aproximei-me cheio de alegria, mas com um terror, fui repellido.

Não poderei descrever o que senti. Por felicidade, acordei, e dei graças a Deus por ainda poder encontrar na Terra.

Esse João Schimdgall gerira por algum tempo os negócios de uma viúva, que parecia estar ficado em mau estado por morte do marido. Depois de havê-los colocado em melhor situação, graças aos seus cuidados e conselhos, achou que era tempo de cuidar dos seus negócios e contratou para aquela dama um bom empregado e arranjou vantajosa posição em Essling e depois rumou a bagagem, tomou a bengala e deixou a casa.

Quando subia lentamente a montanha, sentiu grande inquietação e uma ansiedade que não podia explicar; e ela aumentava a cada passo. Continuou, não obstante, parando a todo momento. Seu mal-estar tomou tais proporções que decidiu voltar a Lowenstein. Logo tu

desapareceu. Mas - pensava ele - é estranha a minha volta, desde que não há motivo nenhum para ela. E resolveu alcançar Essling, custasse o que custasse. Retomou a marcha e logo a ressão recomeçou. Mas continuou e chegou à floresta de Gaishol. Seu mal-estar atingiu um alto grau, e em lugar da floresta e do caminho que tão bem conhecia, encontrou-se numa ranha região, num campo imenso e deserto, no meio do qual havia um homem que lhe falou para que voltasse. Como não lhe restasse mais qualquer esperança, tomou o alvitre e se sandar. Logo que se voltou para Lowenstein, a ansiedade e a estranha visão desapareceram.

Entrou ele pensativo em casa da viúva, pôs a bengala atrás da porta, imaginou uma esculpa para justificar a volta e abandonou a idéia de deixá-la. Embora admirada, ela não se moveu. O mesmo aconteceu com as outras pessoas da casa, e tudo retomou o seu curso como se nada houvesse acontecido. Voltou ele as suas funções e escreveu ao empregado que não viesse.

Tal foi à origem da fortuna de Schimdgall. Tornou florescente a situação da patroa cuja filha casou. Pelo seu exemplo, seus conselhos, sua direção, pelos negócios que se tornaram intensos, foram à previdência do estabelecimento, e assim continuou até avançada idade.

Nessas aventuras da vida interior de Schimdgall vê-se a intervenção de um protetor, cuja existência é constantemente revelado em estado sonambúlico. Na primeira há uma advertência sonambúlica em sonho; na segunda, a aparição de um homem que, em região desconhecida, encontra-o e o faz voltar no justo momento em que o caminho que seguia o iria provavelmente levar à felicidade.

Sobrevinham-lhe estes fatos, quando nunca tivera um momento de exaltação nem experimentara qualquer perturbação do sistema nervoso. Levava existência ativa mas calma, e sabia que suas percepções interiores nunca foram obscurecidas pelas externas.

Nos seus oitenta anos, depois de ter visto crescer quarenta netos, conservava um aspecto sereno, cheio de bom humor, com cores frescas e brilhante cabeleira branca.

Sem auxílio da bengala, com a neta ao lado, ainda jovem - a personagem desta história subia as mais altas montanhas de sua terra. Não negligenciava os deveres cotidianos, não se preocupava com as questões espirituais nem delas cuidava. O mais que procurava era conservar a pureza e a fidelidade e a pureza contra os ataques do mundo, e assim conservou a vida interior, e foi sempre fiel.

Certa manhã, ao deixar o leito mais alegre que nunca, contou aos filhos que, na noite precedente, sua querida mulher lhe aparecera em sonho distintamente. Disse-lhe algo que lhe era impossível lembrar. Estava ele então de perfeita saúde, mas sete dias depois expirou.

Na noite daquele sonho, sua neta, que estava muito longe, foi tomada durante doze horas de mal-estar e sofrimentos, e mergulhou no mais profundo de sua vida interior, que chamamos de estado magnético.

Um espírito, então, de que mais tarde trataremos, assim lhe falou: - "Não sei porque o espírito protetor (que era o da avó, mulher de Schimdgall), te deixou por sete dias e se apresentou num caso de alta importância em tua família. Sem o seu auxílio não podes suportar a sua presença."

Este incidente mostra o que acontece num caso em que o corpo está doente e também poderá dar quando está são. É preciso, pois, chegar a esta conclusão - as aparições deste gênero são vistas somente por doentes, como visões de um cérebro excitado pela febre, muitas vezes, trata-se de aparições reais: apressam-se entretanto em atribuí-las à doença.

- A vida social - diz um clarividente - é um tumulto que envolve os homens; se um de nós encontra um ponto estável e não se deixa arrastar, poderá observar o curso das coisas, julgá-las e compreendê-las. Um homem em tais condições vive em liberdade e aprende o que não seria possível aprender por meios ordinários.

O espírito interior explica e interpreta o que se passa externamente. Mas enquanto o homem não tiver olhos e ouvidos para as coisas externas, as faculdades internas não podem desenvolver-se.

Se nos reportarmos às idades primitivas em que os homens conheciam as leis da natureza e a natureza que lhe fosse sufocada a vida interior pelo que chamamos de civilização, veremos, como no Velho Testamento, como hoje no Oriente, berço da espécie humana, os traços dessa vida interior verna a manifestar-se em populações inteiras. E temos hoje como doentes os que encontram tais caracteres.

A linguagem íntima foi revelada pela Vidente durante o sono sonambúlico; afirmava que a linguagem ainda existia. Falada ou escrita, apresenta estreita semelhança com as do Oriente. A linguagem infantil também se encontra a linguagem natural do homem.

Naquele que vive em intimidade com a natureza, pastores e montanheses, encontramos a faculdade de perceber os eflúvios que emanam das pedras e dos metais, e as influências magnéticas.

Sob o acicate dos pesaras e doenças, ou por predisposição hereditária, o corpo pode tornar-se por assim dizer, inanimado: os nervos e seu fluido, que se dirigem o elemento entre a inteligência, a alma e o corpo, parecem postos em liberdade, e as coisas espantosas da vida interior são reveladas.

No mais profundo e evidente estado magnético não existem os sentidos da vista, do ouvido, do tato; são substituídos por, alguma coisa mais perfeita que eles reunidos, um

alível faculdade de percepção, que nos permite penetrar seguramente a no fundo de no la e da natureza. Quanto mais simples é o homem e ligado a natureza, tanto mais o espírito desprende do corpo e pode penetrar no conhecimento de si próprio.

Como veremos, é no estado mais desenvolvido da vida interna que o erro se torna possível: desprendido o espírito, o centro interior se ilumina. Nesse momento diz um vidente que se funde num mar de luz sem limites compreendo tudo mais facilmente; os segredos da natureza me são revelados; o passado e o futuro, no ponto da vista do tempo e do espaço, são tão nítidos como o presente.

Horas de emoções sem limites esse estado tem proporcionado a almas felizes e contentes, afastando-lhes o véu do futuro. Tais momentos são raros, mas quando sobrevêm não faltam palavras que o descrevem.

Permitam dirigir um conselho aos parentes e médicos: não provoquem o estado sonambúlico nos doentes, a não ser em casos de absoluta necessidade e em extremo recurrem a ele quando o sonambulismo não se produz por si próprio. Ainda assim é preciso agir com extrema prudência, procurando subtrair o paciente aos olhos de curiosos e maldizentes.

O estado sonambúlico era conhecido na Antiguidade. Tinha-se o maior cuidado na sua aplicação terapêutica. Provocavam-no por meio de louro e dos vapores de incenso, com freqüência por religiosos ou políticos. Mas o ocultavam como um mistério no interior dos templos e afastavam do público, interditando-o aos incrédulos, zombadores ou simuladores.

O paciente era introduzido num quarto do templo, numa atmosfera de calma solenemente à noite. Ao acordar, os sacerdotes lhe diziam quais os meios que ele indicara para a realização do seu desejo. E as conseqüências que anunciara.

CAPÍTULO I

PRIMEIRA PARTE

A vida e as faculdades da Vidente

LUGAR DE NASCIMENTO E PRIMEIROS ANOS DA VIDENTE

Perto da Cidade de Lowenstein, no Wurtemberg, em meio às montanhas, cujo ponto máximo atinge 1879 pés acima do nível do mar, rodeada de colinas e vales, num recôncavo, estende-se à aldeiazinha de Prevorst. Conta pouco mais de 400 habitantes, que vivem maior parte da exploração da floresta para a fabricação de carvão e colheita de produtos florestais.

Como todos os montanhese, constituem uma raça vigorosa, e a maior parte atinge idade avançada, sem saber o que são moléstias. Os males comuns dos habitantes das planícies, como febres intermitentes, estes são desconhecidos; perturbações nervosas, porém, irrompem desde a mocidade, o que não seria de esperar numa população tão robusta. Assim é que se verificou em Neuhütte, situada como Prevorst nas montanhas, uma espécie de dança de São João, mal epidêmico, sobretudo nas crianças, que as atinge ao mesmo tempo. Como pessoas submetidas à influência magnética, percebem o momento do ataque, e se estão no campo, à aproximação da crise, apressam-se a entrar em casa e caem em convulsões, onde permanecem durante uma hora com espantosa regularidade, conservando o ritmo, à maneira dos feitos dançarinos. Saem dali como de um sono magnético, sem a menor lembrança do que lhes passou. É certo que são sensíveis às influências magnéticas e citaremos como prova a sua insensibilidade aos remédios simpáticos e a faculdade de descobrir fontes por meio da videntes.

No ano de 1801, nessas altas montanhas de Prevorst, nasceu uma menina que desde muito tempo deu provas de extraordinária vida interna, cujos fenômenos são o tema deste livro.

Frederica Hauffe, comumente chamada a Vidente de Prevorst, cujo pai exercia as funções de guarda de caça florestal, fora educado, devido ao isolamento da aldeia, na mais completa simplicidade e ingenuidade.

No ar vivo da montanha, enrijecida pelos longos invernos que aí reinam, não possui estes aquecedoras nem leitos macios, tornou-se uma criança alegre, de cores vivas. Suas mãos, entretanto, criadas igualmente, foram desde cedo atacadas de gota, o que não aconteceu nela.

Como contraparte a essa imunidade, descobriu-se nela, ainda pequena, uma faculdade solutamente incontestável, supranormal ou de pressentimento, que se manifestava principalmente por sonhos proféticos.

Quando repreendida, desgostosa, ou irritada por qualquer motivo, ou magoada em sentimentos, era, durante a noite, levada a esses profundos esconderijos, onde a visitavam visões instrutivas, premonitórias ou proféticas.

Assim, numa ocasião em que o pai perdera um objeto de valor e a responsabilizará por isso, posto que estivesse inocente, sentiu-se tão perturbada que viu em sonho o lugar em que o objeto se achava. Ainda muita criança, indicava com a vara de aveleira, onde havia água cristalina. Em idade mais avançada, como a cidade possuía poucos elementos de cultura, os pais confiaram-na ao avô João Schmidgall, que habitava Lowenstein, a pouca distância.

Posto que a simplicidade, a pureza e a calma dos excelentes avós tivessem auxiliado sua educação, aliás, fácil, da criança, não tardou ela, com grande pesar para eles, e sem que pudessem contribuir, a apresentar freqüentes fenômenos espirituais e sobrenaturais.

Havia na natureza dessa jovem, alguma coisa a que não era mais possível obstar, como o tempo lhe poderia impedir o crescimento do corpo.

O velho Schmidgall não tardou a notar que quando ela o acompanhava em seus passeios solitários, apesar de pular alegremente a seu lado, uma espécie de gravidade e tenção mantinha-a em certos lugares, sem que ele pudesse compreender.

Observou que ela experimentava as mesmas emoções nos cemitérios ou igrejas onde havia túmulos. Nestas tinha que subir às galerias.

O que porém mais atraía a atenção do avô, além da sensibilidade na vizinhança dos corpos mortos, dos metais, etc., era o fato de que ela tinha consciência da presença dos Espíritos.

Havia no castelo de Lowenstein uma antiga cozinha onde ela não podia entrar ou olhar sem ficar grandemente conturbada. Nesse lugar, alguns anos mais tarde, uma dama, com um ar de terror, viu o espectro de uma mulher; entretanto nunca ouvira falar das emoções experimentadas pela menina.

Com grande pesar da família, esta sensibilidade às influências espirituais imperceptíveis para outros, logo se manifestou de maneira saliente. Foi em casa do avô que um espectro apareceu pela primeira vez à pobre menina. A meia noite ela viu no corredor uma grande for

mbria que suspirou passando perto dela; parou na extremidade do vestibulo e lhe mostrou o rosto de que ela nunca mais se esqueceu.

Essa primeira aparição não lhe causou maiores apreensões do que as que viram no decorrer da existência. Encarou-a com calma e chegando-se ao avô lhe disse: - Há no corredor um homem estranho, vá vê-lo.

Mas o velho, espantado, pois que também o vira, e nada dissera, fez o que pode para persuadi-la de que estava enganada e não, lhe permitiu mais que durante a noite deixasse o quarto.

Tão importantes mas lamentáveis faculdades não trouxeram qualquer modificação em sua natureza. Era a mais alegre entre suas companheiras, apesar de confinada durante muito tempo em seu quarto pela sua sensibilidade; seria uma preparação para que pudesse ver com olhos mais o que era invisível para os outros, a explosão de uma faculdade de visão espiritual em prejuizo dos órgãos carnis.

Mais tarde, penosa doença nos pais trouxe-a a aldeia isolada de Prevorst onde, sob o peso do pesar e da vigília no leito dos enfermos, seus sentimentos se mantiveram durante muito tempo em estado de exaltação.

Como conseqüência, os sonhos proféticos e a percepção das coisas completamente ocultas para as pessoas em estado normal, continuaram durante todo esse período.

Encontramo-la em idade mais avançada com seus pais em Oberstenfeld, que foi durante algum tempo a morada paterna. Dos 17 aos 19 anos, em que foi sujeita a influências atmosféricas radáveis, cheias de movimento, parecia ter perdido, em certos limites, a faculdade de percepção interna; faziam-se notar apenas por um caráter mais espiritual, que brilhava em sua natureza, e por maior contentamento, sem afastar-se dos seus modos habituais e do das jovens de sua companhia. Apesar dos falsos ruídos espalhados, é certo que mesmo nessa idade susceptível de tais sentimentos, ela não contraiu qualquer ligação nem experimentou decepções em suas afeições:

Para conformar-se aos desejos dos pais e de amigos, aos 19 anos contraiu com o Senluffe, da família do tio, um compromisso que lhe era muito agradável, tanto pela correção do nome como pela perspectiva de uma proteção certa. Mas, quer fosse advertida pelo pressentimento de seus futuros anos de sofrimento e doença, quer por qualquer outra causa direta, que não o desapontamento em suas afeições, ficou num estado de depressão que seus amigos não podiam explicar. Permaneceu durante cinco semanas sem dormir, no celeiro a cada hora o dia inteiro. Recaiu assim no influxo da exaltação da sensibilidade da infância.

Sucedeu que os funerais do ministro Obernstenfeld foram celebrados no dia de seu casamento. Esse ministro, por seus sermões, seus ensinamentos, suas qualidades pessoais, mod

e era de retidão, tivera sobre ela considerável influência. Por ocasião do enterro, acompanhou o féretro ao cemitério. Apesar de abatido o seu coração, chegada ao túmulo tornou-se alegre. Despertou-se-lhe a maravilhosa vida interior e de repente tornou-se calmo. O calor do sol e o calor do ar afastaram a afastá-la da sepultura. Depois, secaram-se-lhes as lágrimas; voltou à serenidade e tornou-se indiferente às coisas do mundo. Começou a viver a vida interior.

Mais tarde, mergulhada em sonambulismo, o morto lhe aparecia, em forma luminosa, encobrindo-a e protegendo-a contra a influência de um mau espírito.

CAPÍTULO II

No recesso da vida interior

Nos confins do Wurttemberg e do Ducado de Baden acha-se a pequena localidade chamada Kurnbach, que depende de dois estados. Em uma planície baixa, pouco iluminada de montanhas, ela representa, no ponto de vista atmosférico e geológico, exatamente o contrário de Prevorst e Oberstenfeld.

Sucedem vastas vezes que as pessoas muito sensíveis às influências elétricas curam-se por mudança de residência. Outras, ao contrário, no mesmo caso, e submetidas à ação das mesmas influências, caem em estado de debilidade, para os quais nada pode fazer o médico.

Papponi, de quem fala Amoretti, sensível às influências elétricas, tinha convulsões; curou-se mudando de domicílio Penet, que vivia numa localidade isolada na Calábria. em contacto com o mar, só se acalmava envolvendo-se numa veste isoladora de tela encerada.

É difícil imaginar a influência exercida sobre a Senhora Hauffe pela mudança para localidade tão diversa daquela em que nasceu; após o casamento, morou em Kurnbach, e verificou-se que quanto mais baixo o lugar em que habitava, tanto maiores eram os seus espasmos. O contrário acontecia nas montanhas, onde aumentava seu poder magnético.

E possível que nessa época os agentes físicos tivessem nela efeitos perniciosos. Embora tivesse de existir para o mundo externo, seus deveres de esposa de homem de negócios induziam para um mundo em contradição com sua vida interior, asilo que se via obrigado a abandonar.

A dissimulação se lhe tornava cada vez mais difícil. Desde o dia em que se dirigiu ao túmulo de seu velho amigo, foi ficando absorvida na vida interior, e imergiu nesse estado a ponto de, quando chegamos a chegar quando, franqueado o sólio da morte, o mundo exterior desaparece e a dissimulação é impossível.

Durante sete meses a Senhora Hauffe conformou-se com os usos e costumes da existência exterior, mas quando as circunstâncias o permitiam, procurava a solidão para mergulhar em sua vida interior.

Não mais podia ocultar a sua vida interna, além daqueles limites, substituindo-a pela vida exterior, que já não existia para ela. Seu corpo sucumbiu ao constrangimento e escapou para o mundo exterior da vida interna.

CAPÍTULO III

Conseqüências de seu estado magnético; esboço de novo período de sofrimento

A 15 de fevereiro de 1822, a Senhora Hauffe teve em sua casa um sonho extraordinário. Viu que ao ir para a cama via o corpo do amigo que tão caro lhe era, e cujo túmulo temunha de sua entrada na vida interior.

O corpo achava-se estendido no leito, em sua mortalha. Ouvia ainda, em outro quarto de não entrara, a voz do pai e de dois médicos; um lhe era desconhecido e outro trazia uma receita para grave moléstia sua. Dizia ela:

Deixem-me só com o morto; só ele me poderá curar; os médicos são impotentes.

Pareceu-me que os médicos queriam obrigá-la a afastar-se do corpo; mas pensava que o corpo do cadáver far-lhe-ia bem e que só dele lhe viria o alívio. Falava alto no sonho:

- Como me sinto bem perto deste corpo. Estou curada!

Não estava doente nessa ocasião. Seu marido, ouvindo-a falar, acordou-a. Pela manhã teve cada de uma febre que durou quatorze dias, com violência; a febre foi substituída por um estado magnético, com curtos intervalos ligeiramente apreciáveis.

Como eu fosse chamado a observá-la apenas durante os dois últimos anos desse período posso dar, dos que o precederam, descrições superficiais como as narrou a Senhora Hauffe ao marido e seus parentes.

A 27 de fevereiro à noite teve espasmos do peito; fracionaram-na até que a perdesse a consciência; estando ela sem sentidos, os cirurgiões locais fizeram-lhe uma sangria. Os espasmos continuaram por mais três dias e repetiu-se a medicação.

Ao segundo dia apareceu a mulher de um camponês que não fora chamado, e disse:

- Ela não tem necessidade de médicos, que nada lhe poderão fazer.

E pôs-lhe a mão na testa. A moça, porém, caiu em espasmos mais violentos e ficou com a pele fria que parecia morta. Delirou durante a noite, declarando que a mulher tinha exercido uma ação diabólica; e quando esta chegava, os espasmos voltavam-lhe.

Chamaram no terceiro dia um médico de Bretten; a doente, em estado sonambúlico, sempre não o via, foi dizendo:

- Se é médico, deve aliviar-me.

Este logo reconheceu a doença; pôs-lhe a mão na cabeça, e ela só via e ouvia a ele, como se as outras pessoas não existissem.

Tornou-se calma e dormiu algumas horas. Prescreveram-lhe um banho e remédios, mas os espasmos reproduziram-se durante dezoito semanas. Durante os espasmos, sua avó, conhecida como Lowenstein, apareceu-lhe uma noite em silêncio e ficou perto do leito. Três dias depois se soube que tinha morrido àquela mesma noite.

Depois, via a avó no sono e passou a considerá-la como seu espírito protetor. Também lhe mostrou uma máquina que deveria curá-la e desenhou-a, mas ninguém prestou atenção.

Ineficazes todos os remédios, recorreu o médico aos passes magnéticos, que suspendeu os ataques durante certo tempo.

Começaram a correr sussurros caluniosos porque ela, durante as crises, chamava a si mesma de única que lhe poderia trazer alívio. Ela soube disso, mas, segura de sua inocência, continuava as narrativas com indiferença, como mexericos infelizmente naturais nas pessoas de seu sexo, e os escândalos de que procuravam torná-la vítima.

Um dia, sua criada aliviou-a dos espasmos, soprando-lhe na cavidade epigástrica. Ela permanecia em estado magnético; supôs-se então que um tratamento magnético regularia sua vida, e o médico o propôs. Mas ele morava longe, e o marido não quis que ela deixasse o lar. Durante algum tempo aplicaram-lhe com eficácia o tratamento homeopático. Pouco depois estava grávida, o que trouxe grandes esperanças de melhora.

Realizou-se durante a gravidez o sonho que tivera. Tomada de ataques, ouviu seu marido conversar no compartimento vizinho com dois médicos de que só conhecia a voz de um.

Foi visitar os pais e tomou muitos banhos em Lowenstein, o que lhe restituiu as forças.

Em fevereiro de 1823, depois de longos sofrimentos, deu à luz uma criança. Ao pai sobreviu longa e penosa doença. A mulher que anteriormente lhe causara muito mal, serviu-lhe de leite; insistia, porém, para que a sua mãe amamentasse a criança. Esta tinha espasmos convulsões, - vindo a falecer em agosto. A progenitora volta aos banhos em Lowenstein, e torna a casa, pouco aliviada e em profunda depressão.

Em fevereiro de 1824 recebe a visita de alguns amigos e a casa ficou cheia de alegria e esperanças. Ela, porém, continuou triste; quando se acalmou, uma amiga encontrou-a em preceção. Tão abalada ficou ela, que se tornou fria e rígida como, um cadáver; durante longos períodos não se lhe via a respiração, senão um estertor no peito. Recorreram aos banhos, aos remédios e ela continuou a sofrer. Vivia como em sonho.

Falou uma vez durante três horas; outra vez sentia como que uma bola de fogo atravessava-lhe o corpo, deixando sulcos longos e brilhantes. Parecia-lhe depois que a água caía gota a gota na cabeça, e pela primeira vez viu a sua imagem; estava de branco, assentado num banco, enquanto ela mesma se achava deitada na cama. Contemplou por algum tempo

a visão e quando quis gritar não o pode. Conseguiu, enfim, fazer-se ouvir; o marido chegado desapareceu.

Não suportava a luz. Nessa época, sua faculdade de percepção tornou-se tão sensível que ouvia e sabia o que se passava à distância; tal era a sua sensibilidade às influências magnéticas, que um prego na parede a indispunha a ponto de o terem que retirar.

Os amigos aconselharam-na a experimentar um remédio receitado por uma criança nascida. Tornou-se mais sensível aos magnetizadores e mais calma. Como não suportasse a viagem de dia, transportaram-na a Oberstefeld, num carro fechado; chegando antes da noite obrigada a esperar que escurecesse para entrar em casa.

Recorreu aos cuidados do Dr. B. e lhe pediu alívio. Este parecia existir apenas graças aos cuidados nervosos dos outros, sendo necessário que lhe dessem constantemente a mão, e quando essa pessoa não estava de boa saúde, sua fraqueza aumentava.

O médico prescreveu passes e medicamentos; ela porém caiu em sono magnético e pediu para si mesma. O que mais a fazia sofrer era a sensação de enorme peso na cabeça e no cérebro como que estava comprimido e se tornava doloroso com a respiração. Tais sensações perturbavam o sono, que só durava enquanto lhe punham, a mão na fronte. Tentaram colocar-lhe um imã; logo virou a cabeça, modificaram-se-lhe os traços e torceu a boca com um ataque de paralisia. Esses sintomas persistiram por dois dias e depois desapareceram.

Nessa época, durante 7 dias e às 7 da noite, sentiu-se magnetizada por um Espírito que lhe falava. Nesse Espírito reconheceu a avó, que a magnetizou com os três dedos afastados, dirigindo os passes para a região epigástrica.

O que é incompreensível, apesar de atestado por muitas pessoas dignas de fé, é que durante esse período os objetos cuja vizinhança lhe devia ser nociva, eram afastados por mãos invisíveis. Uma colher de prata por exemplo era aos olhos de todos, retirada de suas mãos e colocada num canto à distância conveniente. Não eram eles lançados com violência, mas transportados suavemente pelo ar, como por força desconhecida. Por essa ocasião começou a divisar outras pessoas por detrás das quais punha a vista. Assim, viu o irmão Henrique, falecido, por trás de uma irmã mais moça. As costas de uma sua amiga notou a forma do fantasma de um velho conhecido em menina, em Lowenstein.

Depois disto o tio prescreveu-lhe um tratamento magnético regular, que o Dr. B. aplicou com o resultado a princípio. Ela parecia incapaz de suportar um magnetizador, que era obrigado a ficar no quarto. Com o tempo diminuiu essa antipatia, voltaram-lhe as forças, pode fazer longas caminhadas, e tornar às suas ocupações ordinárias.

Ficava ainda sob a influência magnética durante longos intervalos. Saía em plena neve e sob a chuva, e sentia-se melhor com o frio.

Era extremamente sujeita às manifestações espirituais de qualquer espécie - sonhos proféticos, predições, visões proféticas nos copos e espelhos. Viu assim num copo uma pessoa e entrava em seu quarto meia hora mais tarde e um carro impossível de perceber de onde vinha; descreveu a viatura, as pessoas que viajavam nela, os cavalos, e meia hora depois chegava a sua casa.

Parecia gozar, nessa época, da segunda vista. Certa manhã, deixando o aposento durante a consulta do médico, viu no vestíbulo um esquife que lhe impedia o caminho e nele o corpo de seu pai, o avô paterno. Entrou no quarto e pediu ao médico e aos pais que viessem vê-lo. Nem eles nem os pais, porém, precederam mais nada. No dia seguinte lá estava o esquife e o corpo ao lado de seu pai. Seis semanas mais tarde seu avô morria, depois de ter gozado a mais perfeita saúde nos últimos dias que precederam sua morte.

A faculdade de ver Espíritos que a Senhora Hauffe possuía desde a infância, desenvolveu-se constantemente. Os dois fatos mais importantes desse período serão narrados na sequência desta obra.

CAPÍTULO IV

Aumentam os sofrimentos e o sonambulismo torna-se mais completo

Houve um segundo parto a 28 de dezembro, seguido de febre com delírio e durante o qual a Senhora Hauffe se via deitada em imensa igreja; teve uma série de acessos e a agravação do estado sonambúlico. Os remédios tornaram-se ineficazes, e experimentaram os passes da mãe e do irmão. Na ausência destes os pais, aflitos, recorreram a outras pessoas o que não prejudicou a reputação da moça como a sua saúde, por causa da diferença das disposições nervosas dos assistidos.

Mergulhou ela em um estado magnético mais grave e ficou mais dependente da energia nervosa dos outros. Um tratamento mais judicioso ter-lhe-ia evitados maiores sofrimentos e convulsões.

Fato notável é que seu filho, especialmente durante a primeira semana, dormia na atitude que sua mãe ficava no sono magnético, isto é, com os braços e pés cruzados. Ver-se-á também se viu dotado da faculdade de ver Espíritos.

Uma amiga, que costumava estar-lhe ao pé durante esse período, escreveu-me:

“Sempre que coloco o dedo na sua fronte, entre as sobrancelhas, ela me diz qualquer coisa e me concerne; lê meu pensamento e tem frases como esta”.

“Quando penetrares no torvelinho do mundo leva firmemente ao Senhor o teu coração”.

“Se alguém quiser conduzir-te contra tua consciência, refugia-te no seio do Senhor”.

“Não deixes extinguir-se a luz que brilha em ti”.

Continuavam os espasmos e os acessos de sonambulismo, e os que a rodeavam, incapazes de compreender a situação, começaram a enfastiar-se. Ela piorava; foi atacada de diarreia, dores noturnas, e lamentavam que continuasse a viver, apesar de tantos males. Empregaram toda a força para que se levantasse; obrigavam-na a deixar a cama; ela, porém, caía sentada e atordada. Entraram então a acreditar que a doença era obra do diabo e recorreram a um homem que passava por curar por meios simpáticos. O público então acusou a família, de ignorância e credulidade.

Não fazem porém o mesmo, pessoas instruídas? Não se têm curado tantos doentes com magnetismo? Não mandavam os práticos à Senhora Hauffe doentes que não podiam curar?

O tal homem arranjou um pó verde que a obrigaram a tomar. Na segunda dose ficou deitada e logo cair rígida; deu depois alguns passos e rodou como na dança de S. Guido.

Nunca ficou completamente acordada; sua voz era aguda; falava o Alto-alemão e uma língua estranha, que também escrevia, e que denominava sua língua interna, a que ainda tem de referir-nos. Nessa ocasião ficava semi-sonolenta, e quando queria falar normalmente, desmaiava em si mesma.

Com o pó, o homem lhe forneceu um amuleto preto, de chumbo, suspenso a um tripé. As sextas-feiras enviavam-lhe, conforme seu pedido, uma mensagem que levava sete dias para chegar-lhe.

Ela dizia no sono:

- Ele quer que eu o chame, porém nunca o farei; vai, enterrar agulhas em certas plantas para não de submeter-me por completo e aumentar-me o sofrimento. Eu mesma lhe escreverei.

Escreveu-lhe durante o sono e ele veio. Tinha um aspecto sombrio, grosseiro, repelente, mas os olhos brilhantes. Quando chegou, ela dormia um sono magnético e declarou que ele poderia entrar no quarto quando dissesse:

- Creio em Jesus Cristo, o verdadeiro Filho de Deus, engendrado pelo Pai, de toda a Trindade.

Assim ele o fez e entrou sem dirigir-lhe a palavra. Ela pediu que, ao acordasse, não lhe tocassem, mas que não lhe falassem nessa proibição para não o melindrar.

Fizeram o possível para cumprir-lhe os desejos, mas sem resultado. Ele tomou-lhe a mão esquerda, para logo, torceu-se de maneira espantosa, e não conseguiram que voltasse ao estado normal, nem com insuflações nem com o magnetismo. Em sonambulismo pediu que lhe mergulhassem a mão em água corrente depois de banhá-la em vinho quente. E a contratura desapareceu.

Apesar do pó torná-la mais sensível ao magnetismo, ela continuou a ingeri-lo em pequenas doses, com receio - dizia - de que o homem lhe produzisse maldades.

Coisa estranha a referir é o caso do amuleto: foi-lhe posto sem o seu consentimento. Entretanto, não se sabe como ele percorria-lhe a cabeça, o peito, os lençóis, como coisa vivida preciso apanhá-lo e restituí-lo à dona. Este fato incrível produziu-se diante de muitas testemunhas dignas de fé, que o atestam. Ela conservou o amuleto durante três meses. Quando confiada a meus cuidados, examinei-o e verifiquei que continha assa-fétida, sabão, enxofre, dois fragmentos de estramônio, um pequeno imã e um pedaço de papel com as seguintes palavras: - "O Filho de Deus veio destruir a obra do demônio".

Sabendo de sua longa enfermidade, pediram ao marido que a levasse a Kurnbach. Lá ficou dois meses, mas acabou consentindo para diminuir-lhes a fadiga. Piorou entretanto e voltou. Alguns doses de ópio foram-lhe úteis.

Atacada de excessiva irritação de estômago, caía em estado de fraqueza alarmante quando a alimentavam constantemente. A medicina pouco adiantava e como o médico estava nesse estado, enviaram-na a seu tio em Lowenstein. Lá ela dormia às noites e fazia suas próprias prescrições, que não punham em prática por não confiarem nelas.

Fui chamado nessa ocasião. (1) Nunca a vira, mas disseram-me a seu respeito coisas débeis e falsas.

(1) Foi no começo de 1826. A Senhora Hauffe tinha 25 anos e Kerner era o médico-chefe em Weinsberg, de 1829.

Devo confessar que prestara crédito a tais mentiras. A princípio não quis dar importância ao estado magnético nem aos conselhos para tratá-la pelo magnetismo. E tudo fiz para libertá-la daquele estado e medicá-la com a maior solícitude pelos processos comuns.

Meu amigo Dr. Off, de Lowenstein, compartilhou de minha opinião e começamos a dar um tratamento regular. Mas ficamos desapontados. A disenteria, os espasmos, os suores noturnos aumentaram; as gengivas tornaram-se escorbúticas, sangravam constantemente, e ela perdeu o apetite. Quando lhe forneciam tônicos, tinha a sensação de estar no ar. Tudo a assombrava, e ela caía numa fraqueza que a deixava inanimada.

Seus amigos esperavam com a prece libertá-la da presença do demônio. Era-lhe então tudo indiferente; tornou-se insensível. A morte lhe seria um benefício. Experimentou o martírio, mas não morreu.

Seus amigos viviam inquietos e tristes. Felizmente, apesar de minha opinião, levaram-na a Weinsberg; a ver o que podiam fazer por ela.

CAPÍTULO V

Chegada a Weinsberg

A Senhora Haufe era uma imagem da morte à sua chegada a Weinsberg, a 25 de novembro de 1826, estava descarnada como um esqueleto e incapaz de manter-se em pé ou deitar-se no leito. Tinham que dar-lhe de 3 a 4 minutos uma colher de caldo, que nem sempre podia engolir e muitas vezes rejeitava. Se não a tomava, desmaiava ou tinha acessos. Apresentava sintomas inquietantes e às sete da noite caía em sonambulismo. Principiava ordinariamente por levantar os braços e pela prece. Depois os estendia, repousando-os na cama, e começava a falar com os olhos fechados e os traços animados.

Logo que chegou, adormeceu e mandou-me chamar; mas eu respondi que só iria quando estivesse acordada. Acordou então e eu me cheguei a ela, declarando-lhe gravemente que estava disposto a não dar atenção ao que ela dissesse durante o sono e nem o queria saber se desmentisse que o estado sonambúlico, que tantos cuidados dera aos amigos, deveria terminar. Assumi uma expressão enérgica, visto que estava com o firme propósito de só tratá-la pelos meios empregados em Medicina.

Proibi que se ocupassem com ela quando estivesse sonambúlica, e comecei um tratamento homeopático regular. Mas as doses, ainda mínimas, produziam efeitos opostos aos que queria. Ela apresentava sintomas alarmantes; era provável o seu próximo fim, o que se meus amigos aguardavam.

Estava tarde para que o meu plano desse resultado. Sob a ação de várias influências magnéticas, seu sistema nervoso chegou a tais extremos que ela não mais podia viver por suas próprias forças, mas pela que os outros lhe transmitiam.

Era de espantar a segurança com que ela indicava, durante o sono, os meios que deviam tratá-la; (*) o médico verificava, envergonhado, que os processos que ela prescrevia levavam onde vantagem sobre os que ele e a farmacopéia podiam fornecer.

(*) Esse fenômeno, de auto-prescrição-médica, deu-se na atualidade com o médium norte americano Edg. Allan Poe. Assim salvou-se de grave enfermidade contraída em sua infância conforme se pode ler em suas biografias.

Depois de ter mantido meu tratamento médico durante muitas semanas, perguntei-lhe quanto ela estava em vigília, se lhe seria útil o tratamento magnético regular.

- Só lhe posso responder - disse ela - às 7 da noite quando me houverem dado 7 passes magnéticos. Como eu estava resolvido a evitar os seus processos, encarreguei um amigo de-lhe os passes.

Com grande espanto da doente, que de nada sabia, os passes permitiram-lhe assentar-se na e sentir-se mais forte, o que jamais acontecera desde o meu tratamento. Prosseguiu essa terapêutica durante vinte e sete dias, observando-se as suas instruções dadas durante o tempo, e abandonaram-se os outros processos.

Posto que fosse impossível o completo restabelecimento de sua saúde, e restassem algumas tomas penosas, a infeliz ficou tão aliviada quanto era de esperar num caso daquela natureza, e o abalo que sentiu pela morte do pai neutralizou a influência benéfica, e sua vida daí em diante parecia estar por um fio.

Os acontecimentos dessa vida interna, as numerosas declarações sobre a vida interna da alma, sobre a existência dos Espíritos entre nós, assim como o que podemos recordar da vida passada, e a prova em que a alma liberta da matéria desdobra as suas asas para voar no tempo e no espaço, são o conteúdo deste volume. Limitar-me-ei aos fatos, deixando a outros a tarefa da interpretação.

Há muitas teorias para explicar esses fenômenos. Eu as conheço, mas que me permito adotar nenhuma. Proponho-me apenas mostrar, diante de vários exemplos, que as relações dessa infeliz sonâmbula nada têm fora do natural, e que já não haja sido observadas as visões mostram-se de tal natureza, que raramente atravessam o espesso nevoeiro da vida ordinária, e são os traços de luz de uma região superior.

CAPÍTULO VI

O retrato da Vidente

Muito tempo antes do começo do meu tratamento, a Sra Hauffe era de tal forma rãmbula, que ficamos convencidos de que o seu período de vigília era aparente. Não vida de que ela estava então mais bem acordada que os que a rodeavam, porque aquilo, ainda que a não considerem assim, era o da mais perfeita vigília.

Nele não possuía ela força orgânica e dependia completamente dos outros, dos que precisava a força pelos olhos e pela extremidade dos dedos. Dizia ela que extraía a vida dos outros das suas emanções nervosas alheias, sem que os outros nada perdessem. Não obstante, afirmava que muitas pessoas que se sentiam fracas quando ficavam muito tempo perto dela; experimentavam tonturas, náuseas, tremares, sensação de fraqueza nos olhos, na cavidade epigástrica, que ia até ao estômago. Ela declarava, aliás, que era nos olhos dos homens vigorosos que hauria força; e precisava mais por parte de parentes que de estranhos, e quando estava inteiramente fraca era naqueles que encontrava alívio. A vizinhança dos fracos e doentes debilitavam como as flores que perdessem sua beleza e perecessem nas mesmas circunstâncias; sustentava-se à custa do ar e mesmo nos grandes frios não podia viver sem uma janela aberta.

Era sensível a quaisquer emanções fluídicas, do que não duvidamos, principalmente das emanções provenientes de metais, plantas, homens e animais. As substâncias imponderáveis, tanto quanto as diferentes cores do prisma, produziam-lhe efeitos sensíveis. Sentia influências elétricas e não temos a menor consciência. E o que é quase incrível, possuía a noção do sobrenatural e do conhecimento por inspiração do que um homem houvesse escrito.

Seus olhos brilhavam como um luar espiritual que impressionava imediatamente os que estavam perto, e em tal estado, era mais um espírito que um habitante deste mundo mortal.

Se quiséssemos compará-la a um ser humano, diríamos que ela estaria nas condições de um espírito que flutuando entre a vida e a morte, mais pertencem ao mundo que vão visitar do que ao mundo que estão por deixar.

Não se trata apenas de uma figura poética, senão da expressão de um fato. Sabemos que imediatamente antes da morte os homens têm muitas vezes reflexos do outro mundo e o provam. Quando um Espírito deixa incompletamente o corpo antes de ser destacado definitivamente do mundo terrenal. Se pudéssemos manter durante anos uma pessoa em estado de morte imminente, obteríamos a imagem fiel do estado da Senhora Hauffe: Não é simples suposição, é a verdade exata.

Ela achava-se muitas vezes nesse estado em que se tem a faculdade de ver Espíritos receber o Espírito fora do corpo, como se ele estivesse envolto em ligeira gaze. E via dobrada. Dizia então:

- Parece que saio de meu corpo e plano acima dele, e faço reflexões sobre ele. Não me terei pensamentos agradáveis, pois reconheço que o corpo é meu.

Se minha alma estivesse mais estreitamente ligada a força vital, esta ficaria em união íntima com os meus, nervos; mas os laços que retêm minha força vital afrouxam-se cada vez mais.

Parecia de fato que a força vital estava tão debilmente retida pelo sistema nervoso, que um menor movimento bastaria para pô-la em liberdade. Via-se ela então fora do corpo e parecia toda a noção de peso.

A Senhora Hauffe não recebeu instrução nem notas de habilitação. Não conhecia Língua Latina, História, Geografia, História Natural, não possuía as noções comuns de seu sexo. - Durante longos anos de sofrimento, a Bíblia e o Livro dos Salmos eram o seu único estudo. Incontestável a sua moralidade; piedosa sem hipocrisia; considerava seus longos sofrimentos e duras condições como um desígnio de Deus, e exprimia em poesia os seus sentimentos.

Como costume escrever versos, logo disseram que era eu que lhe comunicava a faculdade por minha força magnética; ela porém já falava em verso antes de eu conhecê-la. Isso é sem razão que chamaram Apolo o deus dos médicos, dos poetas e dos Profetas. O sonambulismo dá a faculdade de profetizar, de curar, de compor poesia. Os antigos fizeram a justa idéia do sonambulismo e nós o envolvemos em todos os mistérios. Galeno, o grande médico, teve mais êxitos com os sonhos do que com toda a sua ciência médica. Conheço um sonambulo que não sabe escrever, mas que em estado sonambúlico se exprime em verso.

Os erros que o mundo espalhou à conta da Senhora Hauffe são inconcebíveis: nunca houve prova sonora do pendor para a calúnia que nesta circunstância. Ela gostava de dizer:

- Eles têm poder sobre meu corpo, nunca porém sobre meu Espírito. Entretanto, o maior número de pessoas que, por curiosidade, lhe rodeavam o leito, causavam-lhe grandes prejuízos. Recebia a todos graciosamente, posto que a fadiga que provocavam ocasionasse muitos sofrimentos; e defendia os que mais a caluniavam. Recebia bem os bons e os maus. Percebia as más intenções, porém não as julgava. Muitos pecadores incrédulos chamavam vê-la emendavam-se e foram levados a crer na vida futura.

Muitos anos antes de ter sido confiada a meus cuidados a terra, o ar, tudo o que aí respira excetuar a espécie humana, não existia para ela. Aspirava a muito mais do que lhe podiam oferecer os mortais; queria outros céus, outros alimentos, outra atmosfera que o planeta não

dia oferecer. Vivia quase em estado de Espírito e já pertencia ao mundo dos Espíritos. Fante do Além e já estava meio morta.

É extremamente provável que fosse possível, nos primeiros anos de sua doença, por tratamento hábil, pô-la em um estado que lhe permitisse viver nas condições ordinárias de vida; mas já no último período era impossível. Entretanto, graças aos nossos cuidados conseguimos para ela tal melhora que, a despeito dos esforços para envenenar-lhe a existência, considerou os anos passados em Weinsberg como os menos penosos de sua vida viciosa e irracional.

Como dissemos, seu corpo frágil envolvia um Espírito como um véu de gazes. Delicada e frágil; seus traços lembravam o Oriente; tinha os olhos penetrantes e proféticos e sua expressão avivada por longos cílios pretos. Flor delicada, vivia dos raios do Sol.

Eschenmayer diz a seu respeito nos Mistérios: "Suas disposições naturais eram doces e dóceis, sérias. Sentia-se sempre conduzida para a contemplação e para a prece. Havia algo de espiritual na expressão dos olhos, sempre claros e brilhantes, apesar do sofrimento; de grande facilidade durante a conversa, tornavam-se subitamente fixos; e via-se por este sinal, que ela estava em presença de uma de suas estranhas aparições. Em tais condições proferia palavras misteriosas".

"Quando a vi pela primeira vez, sua vida física não prometia longa duração, e abandonara a esperança de alcançar um estado que a pudesse manter no mundo".

"Embora nenhuma função estivesse alterada, sua vida era uma tocha que se extinguia, presa entre as garras da morte e sua alma só se ligava ao corpo pelo poder magnético".

"Nela, alma e espírito pareciam em constante oposição, de tal sorte que a primeira permanecia ligada ao corpo, enquanto o segundo desprenhia as asas e voava a outras regiões".

CAPÍTULO VII

Funções nervosas externas da Vidente e suas relações com o mundo físico

Nos metais e nas pedras, como nas plantas e nos corpos dos animais existem muitos sentidos e faculdades de que só temos conhecimento quando saímos do isolamento no qual nos mantém a vida cotidiana. Não é no estado sonambúlico que é percebido, senão também quando se possui temperamento nervoso.

Assim é com os fatos de adivinhação pela vara, que são considerados incontestáveis por um grande número de pessoas. Eles se manifestam mais ou menos, conforme o fluido nervoso mais ou menos capaz de desprender-se.

Conta Del Rio que na Espanha existe uma raça de homens chamados Zahoris, que podem perceber as coisas ocultas na terra como a água, os filões metálicos e os corpos mortos. Gammas, um português que viveu no começo do século XVIII, tinha a faculdade de perceber a água e os metais a considerável profundidade do solo. Zschokke refere-se a uma jovem que praticava adivinhação pela vara, com extraordinária segurança. Conhecem-se as experiências de Rittmeyer, o camponês Campetti e os exemplos da sensibilidade dos sonâmbulos às influências das pedras e dos metais, o que já tem sido muito divulgado. Os antigos e especialmente Orígenes atribuíam às pedras, aos metais e às plantas faculdades secretas extraordinárias.

O Sumo Sacerdote, entre os judeus, trazia um peitoral guarnecido de pedras preciosas fixado à cavidade estomacal, e de que se servia para as divinas profecias. Aristóteles, Teoscórides, Galeno, Plínio e muitos outros falam dos poderes mágicos das pedras, de que se usavam como talismãs e feitiços. Teofrasto diz que evitou febres usando, certas pedras, e os magos preparavam pedras que curavam ou impediam doenças. Acrescenta porém que elas não conservavam suas propriedades por muito tempo, desde que não era imutável a posição dos astros.

Ainda que a posição dos astros fosse sempre a mesma, os homens mudam, o que os leva a considerar como puras ficções esses conhecimentos, dos antigos. Quando o homem está mais perto da natureza e menos envolvido nessa ganga em que se acha desde que chegou à civilização, era mais sensível às influências espirituais e mesmo às propriedades ocultas dos corpos materiais. Agora, com a tríplice couraça material que o reveste, só percebe as influências físicas ou mecânicas. Para penetrar-lhe as massas assim revestidas, são necessárias vibrações extras extraídas dos três reinos da natureza, como a testemunha nossa prática médica atual

A vida magnética revela-nos fenômenos que provam que a realidade vai além do que costumamos considerar como simples sonhos poéticos. No Oriente ainda se encontra a crença na virtude das pedras, e usam-se as jóias como ornamento e talismã.

Em sua História Universal nota Schubert que muitas observações mostram ter o homem relações profundas e mágicas com a natureza do homem e sua espiritualidade.

A clarividência magnética provou que não apenas o contato mas a simples vizinhança com certos metais produzia efeitos que nada têm de químicos ou mecânicos. (1)

(1) - Nota da edição inglesa. - Omitimos pormenores das diversas experiências com metais, pedras, plantas etc, que seriam fastidiosas e dariam ao volume proporções consideráveis. Que nós baste dizer que quase todas as substâncias produzem efeitos precisos e especiais no sistema nervoso da vidente, mesmo colocando-as simplesmente em suas mãos. As experiências parecem ter sido rodeadas de todas as precauções e verificou-se que seu lado esquerdo era mais sensível. Notaram-se efeitos análogos, se bem que mais fracos, em organismos sãos. Os sentidos apurados de um médium podem perceber também substâncias ao simples contato. Diz-se que Werner podia indicar o poso específico de um mineral com a maior aproximação, com o auxílio do sentido muscular exercido desde muito tempo.

Alguns cegos tornaram-se capazes de reconhecer as cores pela polpa dos dedos. Não há dúvida que as substâncias produzem relações especiais com o sistema nervoso humano; que apresentam uma delicadeza ou rudeza particular, uma sensibilidade espacial de conduzir o calor, uma potência elétrica própria e assim por diante.

Essas experiências parecem estabelecer de modo indiscutível que na Senhora Hauffe havia-se desenvolvido uma utilização extraordinária da sensibilidade.

Tais resultados dir-se-iam produzidos pela existência de um fluido especial magnético e sensitivo, ao qual somos insensíveis no estado ordinário. É digno de menção que as pedras coloridas produziam na Senhora Hauffe mais efeito que as incolores.

Ennemoser cita o exemplo de uma mulher muito susceptível, que se extasiava sempre diante de rubis, é que se acalmava olhando um cristal.

Entretanto, a Senhora Hauffe nunca olhava os minerais. As experiências foram feitas colocando-os em suas mãos, sem lhe dizer o que era.

Ela sentia-se sensível à ação do vidro ou do cristal, que a faziam sair do estado normal e provocavam a catalepsia, se os mantinham junto à cavidade estomacal. Quando experimentava os mesmos efeitos com a areia ou diante dos vidros de uma janela. O odor do vidro lhe era perceptível aos sentidos e lhe provocava sensações agradáveis. Muitas vezes, por acaso, assentava-se num banco de grés, (*) podia cair em catalepsia. Uma vez perdera a visão e a encontraram sentada num monte de areia, em tal estado de rigidez, que não podia mover-se e ficou incapaz de se levantar.

(*) Grés - Rocha formada de areias consolidadas por um cimento. O mesmo que arenito. Uma adaptação para os nossos "grés".

As experiências que fizemos com a Sra Hauffe para pesquisar a ação dos minerais foram confirmadas de diversas maneiras: colocamos, por exemplo, uma vara divinatória ou um bastão de louro em sua mão esquerda, que ela mantinha acima de diversas substâncias. Po-

verificar que elas não tinham ação sobre a Senhora Hauffe, assim como não tinham sobre a. Poder-se-ia levar mais longe a experiência; colocar-se-ia a substância na cavidade do osso; mas houve receio de que ela agisse sobre a constituição muito excitável da enferma.

CAPÍTULO VIII

Efeitos da água. - Modificação do peso

A Senhora Hauffe ficava mais fraca quando molhava as mãos durante o dia, ao tomar banhos sentia-se com vertigens; mas os inconvenientes desapareciam logo que o Sol se punha e ela tinha sede de dia, por mais intenso que fosse o calor. Em sonambulismo sabia quando dava passes num copo com água, pois esta lhe parecia mais escura que em estado normal e a clarividência dizia-me, sem jamais se enganar, quantos passes lhe havia eu dado.

Nesse estado, quando entrava no banheiro, verificavam-se extraordinários fenômenos em-se-lhe os membros, o peito e parte inferior do corpo emergir involuntariamente, e a sensação de uma elasticidade estranha. As pessoas que tratavam dela faziam esforços para manter-lhe o corpo na água e não o conseguiam. - Se nesse instante caísse num rio, provavelmente afogaria mais que um pedaço de cortiça.

Essa particularidade lembra-nos a prova aplicada aos feiticeiros, que eram, muitas vezes em dúvida, pessoas em estado magnético, e podiam por isso flutuar em contradição com as leis ordinárias.

André Mollers cita o caso de uma mulher que vivia em 1620 e que, em estado magnético, levantou-se do leito, de repente, em presença de numerosas testemunhas, a uma altura de muitos metros, como se fosse sair pela janela. Os assistentes oraram e ela desceu.

Horst, Conselheiro Privado, fala de um homem nas mesmas condições: em presença de muitas testemunhas respeitáveis, ergueu-se no ar, pairou acima da cabeça dos presentes; e procuravam desviar-se a fim de não se machucarem quando ele caísse.

Observa-se um fenômeno da mesma natureza nos sonâmbulos naturais, que podem manter-se nas mais perigosas situações e raramente se ferem quando caem. Os pelotiqueiros hindus atingidos pela dança de S. Guido fazem muitas coisas inteiramente contrárias às leis da gravidade.

A Senhora Hauffe, quando saía do transe tornava-se sensível ao peso do corpo, e a pessoa aparentemente leve podia muitas vezes parecer mais pesada que outras de maiores dimensões. Tinha ela a noção de peso, independente da matéria, e falava de uma espécie de peso moral. Quando eu colocava meus dedos em face dos seus, eles eram atraídos como por um ímã e eu podia então soerguê-la.

Já se observaram muitos fenômenos análogos, especialmente os que se produziram no caso do diácono de Paris, em 1724, ao qual os doentes se dirigiam em multidão; deixava

bater por homens vigorosos, armados com toda a espécie de instrumentos; estendiam a tábua sobre a qual ficavam mais de vinte pessoas, e saíam dali sem dores, ferimentos e sentindo-se bem. Verificam-se os mesmos fenômenos com os feiticeiros da Idade Média; pedrões eram empregados como instrumentos de tortura e em alguns casos nem eram sentidas as vítimas. Encontrou-se também essa suspensão das leis do peso em pessoas de virtética rigorosa e que haviam penetrado nas profundidades da vida interior (1).

(1) Estes últimos fatos devem estar ligados à exteriorização da sensibilidade. Não são de natureza, diferente do autor assinala no princípio deste trabalho.

Pelo testemunho de Santa Teresa, Pedro de Alcântara só teve meia hora de sono por durante 14 anos, sentado, e com a cabeça apoiada numa barra. Alimentava-se com pão e água e tomava de três ou de oito em oito dias, por vezes, a ponto de tornar-se transparente; ver-se através de seu corpo como num véu. Seu espírito estava em constante comunhão com Deus, era envolvido freqüentemente por uma nuvem luminosa, e elevava-se no ar. (2)

(2) Deve ser efeito de imaginação essa comunhão com Deus, assim como a nuvem luminosa porque seus santários pereciam-se com os do suicídio, procedimento altamente reprovável aos olhos de Deus.

Santa Teresa sentia igualmente a alma, a cabeça e todo o corpo levantado do solo e à vista toda a comunidade flutuou acima da soleira da porta.

A vida dos santos contém muitos fatos idênticos, fenômenos que incluímos entre as fábulas e não os poderemos compreender. (3)

(3) Ao tempo em que a obra foi escrita não se tinha noção de levitação, e daí as dúvidas do Autor.

O louro tinha notável ação sobre a Senhora Hauffe, o que nos explica seu emprego no templo de Delfos, de Esculápio... Ela achava também que a aveleira, de que o povo se serve como um meio de adivinhação, tinha grande poder como condutor do fluido magnético. Vibrições e mãos de uma mulher tornarem-se rígidos quando ela apanhava uma vara de aveleira provável que as modificações de nossas condições de existência e o uso de violentos estimulantes de toda a espécie nos torne incapazes de sentir essas delicadas influências.

As presas do elefante produziam na Senhora Hauffe uma espécie de crise epiléptica e notável é que entre os antigos eram elas consideradas como eficazes contra aquela doença e entre os naturalistas este animal é tido como sujeito à epilepsia.

A opinião dos antigos concorda com a teoria homeopática. O chifre do camelo também é considerado como útil contra a cãibra, e os tirolezes do nosso tempo usam anéis fabricados com esses chifres e os chamam anéis contra as cãibras.

As verrugas de cavalo, os dentes de mamute, o bezoar, (*) as teias de aranha, os vasos produziam efeitos especiais quando ela os colocava nas mãos. Algumas gotas de veneno produzidas por um animal em putrefação desenvolviam os sintomas que se verificam na intoxicação com carnes avariadas.

(*) **Bezoar** - Pedra que se forma nos intestino, e era considerada como antídoto. O verdadeiro bezoar é produzido pela cabra selvagem da Pérsia.

Esse efeito singular - diz Schubert - trazem viva luz sobre as relações entre nós e objetos exteriores. Quando a força vital, em toda a atividade, governa o nosso corpo, podemos resistir a tais influências. Mas quando ele solta as rédeas, e como no caso da Vidente que se concentra no fundo do organismo, o corpo abandonado e susceptível torna-se sensível às suas propriedades ocultas. É de notar que as câibras e a rigidez produzidas pelos minerais no princípio difíceis de suportar, acabam por tornarem-se salutares.

Pequenos diamantes colocados na mão da Senhora Hauffe provocavam extraordinária contração das pupilas, com imobilidade, ao mesmo tempo em que rigidez na mão esquerda e direita. Os efeitos das substâncias eram mais intensas quando as colocavam em suas mãos e quando ela as tomava como remédio ou alimento.

É certo que o nosso hábito de ingerir alimentos excitantes, sólidos ou líquidos, aumentam gradualmente nossa insensibilidade às influências externas. Quando os antigos queriam submetter um doente a esses poderes ocultos prescreviam-lhe uma dieta severa. O modelo homeopático age de dois modos: a princípio afasta os excitantes, em seguida aplica doses repetidas do medicamento, cuja extrema divisão nos lembra as experiências de Brown, (*) que reduzindo as partes do corpo a um estado impalpável, percebia nelas a que se atribuem movimentos espontâneos e independentes do ser vivo. Dir-se-ia que estas substâncias divididas na água, como era o caso da Vidente de Prevorst, tem ação elétrica na epiderme, e que elas começam a agir, como acontece ordinariamente com os medicamentos, por assimilação pelas células vegetais. Assim sucede com os átomos, os quais aglomerados por muito tempo, já obedecem às leis de coesão: a extrema divisão expõe-nos às influências elétricas e lhes dá o movimento que um microscópio delicado permite descobrir.

(*) **Brown, Robert** - Botânico inglês nascido em Montrose, na Escócia em 1793. Desencarnou em 1888. (Nota do autor)

O pensamento de que nossos corpos como instrumentos de cordas delicadas vibram e se movem sob o peso do mundo, não é de molde a entristecer-nos? Nossas alegrias e nossas penas, como muitas vezes a nossa vontade; estão submetidas a influências de causas imperceptíveis, e cujos efeitos nós somos incapazes de evitar. Parece evidente, quando bem refletimos, que as relações entre a alma e o corpo são diferentes das que ela mantém com o mundo exterior.

Da mesma forma que o pássaro na gaiola é excitado pelos ruídos que o rodeiam, o homem enervado e fortificado pela variedade das influências que o assaltam. Os ventos tumultuosos resfriam os órgãos respiratórios; dão-lhe vigor alimentos sólidos e líquidos; mas a força diretora da alma diminui em proporção à ação dos agentes precedentes.

Em Daniel, 1:12 e seguintes, quando no palácio do rei, o jovem prisioneiro pede ao mordomo que lhe dê raízes e água em lugar dos alimentos escolhidos e dos vinhos da mesa, o mordomo, temendo a cólera real, limita sua condescendência há poucos dias, com o resultado que, com tão magro regime os traços do rapaz ficassem mais emaciados que os dos seus companheiros. Aí, escoam-se os dias, a criança torna-se mais bela e de melhor compleição que os outros. Também Melzar recusa as comidas e bebidas apuradas e lhes dá água e vegetais.

Assim a fonte de toda a abundância e da nutrição do homem interior e exterior não se encontra onde a procuramos, porém no fundo de nossa natureza espiritual, onde as influências não podem atingir para perturbá-lo ou exauri-lo.

CAPÍTULO IX

Efeitos das substâncias imponderáveis

A luz do Sol produzia na Senhora Hauffe efeitos físicos variados; entre outros, dores de cabeça; durante o sono, exposta à luz, pedia que lhe colocassem gelo no estômago e assim podia suportá-la. Tinham para ela efeito particular as cores do prisma. A luz da Lua se pressionava quando a olhava: experimentava melancolia e tremor de frio. Era extremamente sensível às tempestades; percebia os relâmpagos que nos eram invisíveis e via outros antes dos outros.

Quando a atmosfera estava carregada de electricidade via, se lhe tocavam, pequenos relâmpagos que subiam para o teto. Nos homens eles eram incolores e nas mulheres, azuis. Percebia vários eflúvios da mesma natureza, que saíam dos olhos das pessoas. Não podia beber água da chuva por causa do calor que lhe ocasionava, o que outrora lhe era agradável. Com a electricidade, sob todas as formas, causava-lhe profundos efeitos.

Não podia viver de janelas fechadas; dizia que lhe impediam o ar vivificante. Achava que não era simples ato de superstição abrir a janela no momento da partida da alma, mas que isso lhe facilitava o desprendimento.

Cria que havia no ar certos princípios de que os Espíritos se serviam para tornarem visíveis e se fazerem ouvir dos mortais. Pensava que essas substâncias podiam ser prejudiciais e que seus efeitos só eram percebidos por ela.

Jâmblico acredita que a alma, no momento da partida, fica envolvida pelo ar, o que conserva a forma da pessoa. Paracelso afirma que o homem não se nutre unicamente pelo estômago, mas por todos os membros, que extraem a nutrição dos quatro elementos de que se compoem o ar.

A Senhora Hauffe era sensível às moléstias contagiosas ou epidêmicas. Quanto mais se movia no espaço, mais anormal e magnético se tornava o seu estado; isto se verificava mesmo em diversos andares de uma casa. No vale sentia-se oprimida, pesada e sujeita a convulsões. Era sensível ao vento, sobretudo de aspecto borrascoso; e fechada num quarto dizia de onde vinha o ar.

A música mergulhava-a em estado sonambúlico, tornava-se clarividente, fazia versos e dizia-me que magnetizasse, aos sons da harpa, a água que ia beber; e mesmo que disso se aproveitasse esse conhecimento, quando eu o fazia começava logo a cantar. O profeta Eliseu forneceu-lhe um exemplo da excitação da vida interior pela música:

"Levado perante o rei de Israel, pediu-lhe que chamasse um músico e desde que este tocar as cordas desceram sobre Eliseu as mãos do Senhor e ele profetizou".

CAPÍTULO X

O que a Vidente percebia nos olhos humanos

Quando a Senhora Hauffe via o olho direito de uma pessoa, notava outra imagem refletida na sua; e essa imagem não era nem a sua nem a da outra; acreditava tratar-se do retrato espiritual da referida pessoa. Em muitos, essa imagem interna era mais nítida que a externa. Muitas vezes dava-se o contrário. Tal fato denunciava o caráter do indivíduo, e em geral, esta imagem era mais bela e mais pura que a outra imagem. Se examinava o olho esquerdo, percebia a moléstia interna de que sofria a criatura; estômago, pulmões ou outra doença, e dava a prescrição necessária.

No meu olho esquerdo leu as devidas prescrições. Num homem que só tinha o olho esquerdo viu-lhe a doença e a imagem de sua personalidade interna. Na vista interna de um animal, cão, pássaro, observava uma chama azul, sem dúvida sua parte espiritual ou alma. Como o Sr. de respeito Schubert observa:

- Vemos muitas vezes, nos olhos de um animal reflexos de um mundo oculto e secreto que se abrem como através de uma porta, põe em comunicação esse mundo com o nosso.

Freqüentemente, nos olhos de um animal moribundo, posto à morte inutilmente sustentado pela mão do homem, vemos a expressão de uma consciência íntima que se prepara a testemunhar contra nós no outro mundo.

A Vidente dizia que não era com seu olho carnal mas com a vista espiritual, que tratava dentro de si que via os Espíritos e a segunda imagem nos olhos dos outros. Era por esse olhar superior que Jakob Bohme via toda criação e reconhecia as essências, usos e propriedades de todas as coisas.

O olhar de certas pessoas mergulhava imediatamente a Senhora Hauffe em estados místicos. As bolhas de sabão, os vidros, os espelhos provocavam-lhe a vista espiritual. Quando vendo uma criança formado uma bolha de sabão gritou:

- Ah Deus, vi naquela bolha tudo o que tenho passado, por mais antigo que fosse, e não em um momento fugaz, mas toda a minha vida, e isto me assombra.

Fiz eu então uma bolha e pedi-lhe que procurasse ver o filho que estava longe. Disse-me que o via na cama e isto lhe dava grande alegria. Certa vez, viu minha mulher em outra criança e escreveu precisamente o ponto em que se achava, o de que me assegurei com cuidado.

Era com dificuldade que conseguíamos olhasse ela para as bolhas. Tremia e temia ver a criança e pudesse espantá-la. Numa delas, certa vez, percebeu um esquife diante de uma criança.

inha. Não-havia na ocasião nenhuma criança doente, mas a mulher que morava lá teve o filho morto. A criança não viveu mais que alguns meses e foi conduzida no esquife, tal como costumava acontecer na época. Tal como a história que Hauffe vira.

Se queríamos que se lembrasse dos sonhos que esquecera, bastava mostrar-lhe uma boneca de sabão e eles lhe vinham à memória. Via muitas vezes num copo d'água as pessoas caminhando para chegar. Quando convidada, porém, a experimentar essa adivinhação, fazia o que queria a vontade e costumava enganar-se.

(Nota do tradutor) - Vêem-se aqui fenômenos hoje familiares aos estudos parapsíquicos e então altamente interessantes; a imagem que a Vidente notava no interior dos olhos dos pacientes era o corpo fluídico, ou o espírito, ou o perispírito que, na morte ou em certos momentos da vida, desliga-se do corpo somático; o desenrolar rápido do tempo e o passado é a visão panorâmica, por onde sabemos que esse passado não desaparece e volta à nossa realidade para absolver-nos ou condenar-nos; há o fenômeno do desprendimento, pelo qual, solto o espírito do corpo, vê o que se passa alhures. E finalmente o que ela notava nos animais nos mostra que eles sentem como nós, e que lhes fazer mal acarreta para os que os maltratam grandes responsabilidades.

CAPÍTULO XI

Visão pelo epigástrio

Os fenômenos que se seguem reportam-se à faculdade que têm os sonâmbulos de ler o que se coloca sobre o estômago ou de que tomam conhecimento pelo simples toque.

Dei à Senhora Hauffe dois pedaços de papel cuidadosamente dobrados. Num escrito retamente: - Há um Deus - No outro: - Não há Deus - Coloquei-os na mão esquerda, com a força acordada, e perguntei-lhe se não via neles qualquer diferença. Depois de um instante tornou-me o primeiro, dizendo: - Este me produz certa sensação, o outro só me deixou frio. Fiz a experiência quatro vezes, sempre com o mesmo resultado. Escrevi então num pedaço de papel: - Há espectros - E no outro: - Não há espectros -. Ela colocou o primeiro sobre o epigástrio, conservou o outro na mão, e leu-os ambos. Escrevi então: Viste B. - Quando coloquei o escrito no epigástrio disse que aquilo lhe causava aborrecimento. Entretanto, quando mais tarde leu o que eu escrevera, não pode explicar aquele efeito; renovada a experiência, com o mesmo resultado. Anos mais tarde, quando lhe coloquei na mão uma carta fechada da mesma natureza, ainda o resultado foi idêntico, posto que não tivesse idéia de como isso poderia ser possível. A presença da aludida criatura produzia-lhe efeitos iguais.

Certo número de experiências interessantes, no mesmo sentido; deram-me as convicções que os escritos e desenhos colocados no epigástrio produziam efeitos apreciáveis conforme a natureza.

Boas notícias do filho faziam-na rir, as más a entristeciam. O nome de um inimigo excitava-lhe a cólera, o de Napoleão acordava-lhe idéias marciais e ela entoava marchas.

Apesar de estranhos os resultados as experiências repetidas confirmava-os. Como acidentalmente com os sonâmbulos, a Senhora Hauffe distinguia nitidamente os órgãos internos do corpo, principalmente quando enfermos. Via o trajeto dos nervos e podia descrevê-los ativamente. (1)

(1) A esse fenômeno se dá modernamente nome de *autoscopia*. (Nota do Tradutor)

Uma vara magnética com ponta de torro, colocada diante do olho direito e dirigida para um objeto afastado, desenvolvia-lhe os poderes de modo extraordinário; assim, as menores coisas pareciam-lhe: tão grandes como a Lua e a Lua ficavam com tais dimensões que podia ver-lhe claramente as manchas. Só divisava o lado direito. Dizia que os habitantes do outro lado estavam absorvidos por suas construções e não eram tão felizes como os do lado direito. Quando lhe fez ver que isto era um sonho, o que ela protestou dizendo que seu estado sonambúlico

perfeita vigília. É lamentável que tais experiências fossem feitas com a vidente de cam tanto impossibilitada de entregar-se à observação prolongada dos astros.

Quando ela encontrava uma pessoa que perdera um membro continuava a vê-lo ligado ao corpo. Isto é, via a forma do membro projetada pelo fluido nervoso, (1) Tal como via a forma ídica das pessoas mortas. Este interessante fenômeno permitem-nos, talvez, explicar as sensações experimentadas pelos que ainda sentem o membro amputado. A forma invisível do membro está em relação de continuidade com o corpo visível, forma essa conservada pelo fluido nervoso. O velho teosofista Aetinger diz - O invólucro terrestre permanece na retina enquanto a parte essencial e volátil sobe como o Espírito de forma perfeita porém privado de matéria.

(1) Esse fluido nervoso é o perispírito, desconhecido na época. Pode-se dizer que o Autor andou perto.(Nota Tradutor)

CAPÍTULO XII

O Espírito Protetor

A Senhora Hauffe tinha um guia espiritual invisível, como todos os sonâmbulos e muitas pessoas que cultivaram o ser interior. Sócrates e outros se acreditaram sob a direção do Espírito. Esse gênio ou demônio advertia-os não só dos perigos que os ameaçavam como os que ameaçavam os outros; revelava-lhes o futuro e lhes ditava o procedimento.

A falecida mulher de um respeitável cidadão de Heilbronn tinha perto de si constantemente, um espírito que não só a prevenia de muitos perigos ameaçadores, como as doenças que ia receber, dos falecimentos que se iam dar na família e finalmente do seu próprio; e se tornou visível uma vez sob a aparência de um velho. Sua presença foi percebida por ela e por outros, e quando conversava com ele sentia o ar agitado como pela respiração. Muitas testemunhas ainda vivas e perfeitamente dignas de fé podem atestar grande número de factos concernentes a este fenómeno.

Uma jovem chamada Ludwiger perdera por completo o uso da palavra e ficara paralisada desde a infância. Sua mãe, no leito de morte, confiou essa afiança sem arrimo as outras irmãs. As irmãs cumpriram esse dever até que uma se casou, e esqueceram a protegida. Em meio às festividades das núpcias as três moças lembraram-se subitamente da abandonada e foram vê-la. Encontraram-na de pé, e ela lhes disse que a mãe viera de comer. Foi a única vez que a ouviram falar durante toda a sua doença, e depois morreu.

Por vezes - diz Jamblico -, um espírito invisível erra em torno das pessoas adormecidas para afastar-lhes os sofrimentos da alma e do corpo; algumas vezes, quando toscanejamos, durante os sonhos enviados pelo Céu, ouvimos uma voz fraca que nos indica o que devemos fazer.

(*) **Toscanejar - Escabecear com sono, pestanejando, abrindo e fechando os olhos repetidas vezes; dormir com os olhos abertos e sem perceber. Nota da editorial.**

Conheci um camponês que durante longos anos curava doenças por passes e massagens; por sua própria narrativa como foi levado a isso. Aos 39 anos assaltaram-no dores atrozes no olho direito, o que lhe tornou impossível qualquer trabalho, e, contra as quais falava a medicação. Em certa ocasião, como a dor persistisse durante três dias, pediu a Deus que o aliviasse; apareceu-lhe então um fantasma, deu-lhe sete passes com o polegar, desde os olhos

o epigástrico, e ele sentiu-se grandemente aliviado; em seguida, ele mesmo repetiu os passos e logo ficou inteiramente curado.

Na coleção dos ensaios de Horst sobre a feitiçaria, lemos que uma jovem claudicava há muito, em consequência da deformação de um osso. Não se encontrara nada eficaz quando a noite o osso endireitou por si próprio. A criança acordou a mãe e o irmão perguntando o que tinham visto e ouvido o anjo que estivera com ela.

Parecia que qualquer coisa lhe tinha tocado o osso depois do que se levantara e daí em diante a claudicação desapareceu.

A Vidente nunca deixou de referir-se, sem profunda comoção, a seu espírito protetor, só o Sr. Schmidgall, seu guia constante e visível. Falava, entretanto, com muita repugnância das aparições e comunicações com o mundo dos Espíritos e só o fazia, solicitada. Salvo raros casos em que o fato se produzia por acaso, ou quando insistiam para que fizesse revelações, nunca a ouvimos tratar dessas coisas, aliás de tão grande interesse. As aparições perturbavam a saúde e os pensamentos, mas para as pessoas dignas de fé que a conhecera, eram incontestáveis sua lealdade e absoluta convicção.

Na época em que estava em plena atividade a sua faculdade de ver espíritos, supunha estar em vigília. Mas na realidade vivia a sua vida interior.

Sua avó lhe aparecia sempre sob a forma que tivera em vida, mas com atributos diferentes. Aparecia vestida com uma roupa cintada e se lhe via na cabeça um como véu que lhe cobrisse os olhos e lhe recaísse nas orelhas. Os espíritos femininos, sem exceção, usavam esse toucado.

Já o dissemos como lhe parecia ter sido magnetizada pelo espírito protetor, do mesmo modo que eram afastados os objetos cuja vizinhança se tornava prejudicial. Isto se renovou em 1887, às três da madrugada. Depois de a magnetizar, o Espírito mandou que se levantasse e escrevesse, o que ela fez, e disse que o escrito deveria ficar como uma instrução para o médico, quanto ao modo de magnetizar. Pediu ela ao Espírito que a magnetizasse sempre, e ele respondeu:

- Se eu o pudesse fazer, cedo deixarias o leito e caminharias.

Já isto acontecerá precedentemente e ela via muitas vezes uma forma espectral atrás da pessoa com quem falava. Podia ser o espírito protetor ou a imagem do ser interior. Assim, atendeu uma mulher que nunca vira, notou uma forma vaporosa com membros delgados e vestimentos ágeis. Reconheceu que essa mulher era extremamente inquieta.

Outra vez, como olhasse pela janela, viu passar uma mulher desconhecida e saudá-la, não ouviu bruscamente, e quando lhe perguntei porque o fizera, disse que atrás da tal pessoa via uma forma de homem de aspecto desagradável e vestido de preto. Olhei para fora e reconheci

ia mulher de mau caráter, rixenta, que vinha entretanto de longe e que lhe era absolutamente estranha.

Atrás de uma empregada que vivia conosco, via a forma de um jovem de onze anos perguntei à empregada se tinha algum parente dessa idade e ela respondeu que não. Disse-me entretanto, mais tarde, que, refletindo, se lembrou que seu irmão morto aos três anos deveria ter tido exatamente onze. Teremos ocasião de tratar ainda desse aparente aumento de idade do Espírito.

Demonstrar-se-á um dia - diz Kant, no sonho de uma vidente - que mesmo nesta vida as almas humanas estão em constante comunicação com o mundo espiritual, susceptíveis de se comunicarem reciprocamente. E enquanto tudo vai bem, as impressões passadas são percebidas.

CAPÍTULO XIII

Sonhos proféticos

Um dia, a Senhora Hauffe, que se achava muito mal, disse a uma senhora sensível, e dava a ponto de deixá-la:

- Se sonhar esta noite que o devo fazer, fa-lo-ei.

A dama sonhou que passando do seu, quarto para um maior, vira muitos frascos de água ruginosa e que a Senhora Hauffe lhe fizera sinal de que lhe desse um no qual estava escrita sua Fachinger. E o que é extraordinário é que a Vidente, na mesma noite, teve sonho profético. Seguiu a indicação e o resultado foi como o desejara.

Certa noite sonhou que via a filha mais velha de seu tio sair de casa com um pequeno anel na cabeça. Sete dias depois morria seu filho de um ano, que ninguém supunha doer e não se acordar; narrou-me este sonho e a outros. Em outra noite sonhou que atravessava a água com um pedaço de carne estragada na mão, e que encontrando a Senhora N. esta lhe perguntara, inquieta, o que ia fazer com aquilo. Quando nos contou o sonho fomos incapazes de interpretá-lo. Sete dias após, a Senhora N. dava à luz um filho morto, com o corpo já em decomposição. Outra noite ainda sonhou que a Senhora L., que nunca vira, vinha a chorando, com um filho morto nos braços, e lhe pedia socorro. Seis semanas mais tarde a mesma Senhora L. tinha um parto e depois de sofrimentos e perigos perdia o filho.

Outra noite dormindo em minha casa, no andar inferior, sonhou que no reservatório da água do andar superior, onde nunca estivera, havia alguma coisa que ali não devia estar. Narrou-me esse sonho: no dia seguinte esvaziei o reservatório e encontrei uma velha agulha de aço inteiramente enferrujada. A Senhora Hauffe bebera a água desse reservatório logo após acordar e é possível que sua extrema sensibilidade à ação dos metais tivesse provocado esse sonho.

Na noite de 28 de janeiro de 1828, sonhou ela que se achava numa ilha deserta e vira a aparição de um menino rodeado de luz celeste, com uma coroa de flores na cabeça e na mão uma vara com brotos. O menino desapareceu e ela me viu tratando de um homem que sangrava e me deu uma terceira visão em que era atacada por acessos violentos, enquanto uma voz lhe dizia que eu estava prestes a chegar. Contou-me este sonho na manhã de 29. A 30 era eu chamado a tratar de um homem ferido no peito, e na mesma noite ela me mandava chamar; confirmava a terceira visão. Não sabemos se algum acontecimento permite interpretar a aparição do menino.

Darei agora um exemplo do seu conhecimento do futuro, fora dos sonhos, estando ela em transe. A 6 de julho de 1827, depois de ter estado inerte por algum tempo, disse:

- “Vejo N. na Lua, posto que habite a Terra, mas o vejo como se ele ali estivesse anteriormente. Em três meses ele morrerá e meu pai será o primeiro a saber de sua morte”.

Esta pessoa, que estava de boa saúde, morreu na época indicada e o pai da Vidente foi o primeiro a saber.

Notável sonho profético é o de W. Reiniger, de Stuttgart, que se afogou no Neckar, e desenvolveu muito sua vida interior, como refere o seu diário. Esse diário foi parar às mãos de seu pai, após sua morte. Dizia ali que se lembrava do espantoso sonho que o pai lhe contara quando ele que atravessara um rio com o filho pela mão, quando o viu afundar sem socorro possível. O jovem acrescentava: - se não me engano, tive um sonho análogo e a cena não saiu da memória, em seus pormenores. Meu pai com certeza o esqueceu.

Vê-se por seu diário, que antes de sua morte, sofrera durante muitas noites de angústia, inexplicável, e ainda tivera um sonho inquietante, de que infelizmente não forneceu detalhes. Havia ali provavelmente alusões ao seu próximo fim. Ele afogou-se tomando bar no Neckar, onde foi contra a vontade.

CAPÍTULO XIV

Segunda Vista

Sabe-se que o dom da segunda vista está muito espalhado em certas localidades, como algumas partes da Escócia e da Dinamarca. Viu-se que os possuidores da segunda vista tem a visão penetrante, como se verificou com a Senhora Hauffe, que via Espíritos ou o seu próprio. No momento em que se produz o fenômeno, o corpo do Vidente fica rígido, as pálpebras se abrem e ele se torna surdo e mudo para tudo o que o rodeia, como sucedia com a Senhora Hauffe. Se o Vidente, por ocasião da segunda vista, toca outra pessoa ou um animal, fazem eles sujeitos ao mesmo fenômeno. Um cavalo cobre-se de suor e recusa caminhando seu cavaleiro tem uma visão, e por vezes o animal percebe o que escapa ao cavaleiro. Os cavalos que experimentam profunda perturbação quando passam em lugar onde existe alguém enterrado. Em 1823 construiu-se nova cavalariça no castelo de Schmiedelfelde e os cavalos que aí colocaram deu sinais da maior aflição; descobriu-se mais tarde ali um esqueleto humano. Há na Escócia que o dom é hereditário, o que aliás nem sempre se dá.

Cita-se um curioso exemplo da segunda vista na mulher de um ministro em Niemberg, que recebeu de seu pai esse dom infeliz.

A 13 de janeiro de 1827, a Senhora Hauffe teve espasmos em hora inabitual e esforçou-se para que ela lhe dissesse a causa desse incidente. Caída em sonambulismo, revelou que tirou de um ataúde no qual estava estendida pessoa que lhe era muito cara, seu irmão, ameaçado de grande perigo; devia ser ferido a 18 daquele mês; indicou o meio de evitar o incidente e escreveu o assassino. Deu-se o que tinha previsto, mas o tiro não o atingiu. algum tempo depois teve ela outro sonho a propósito ainda do irmão: por muitas vezes viu uma rapariga durante o sono magnético e teve a noção de que na caçada ao animal haveria grande perigo para a carga do fuzil. O irmão foi avisado, examinou a arma, e verificou que a mão inimiga a tirou da carga até à boca. O acidente foi assim evitado. Pode-se admitir que ela estava em esta situação com o irmão, que a magnetizara muitas vezes.

A 8 de maio, pelas sete horas da manhã, pediu à irmã que não se aproximasse de sua cama porque sentia a presença de algo invisível. Estava sob essa impressão havia uma hora, quando, durante a refeição matinal, viu o filho que tinha perdido perto do leito e ao lado dela o filho vivo, que estava longe. O morto encarava o vivo com persistência e o apontava com o dedo. Este último tinha na mão um alfinete que levou à boca. As crianças pareciam tão reais que ela esticou o braço para apanhar o alfinete. E gritou:

- Deus, que é isto?...

Logo a visão desapareceu. A criança, morta aos nove meses parecia estar com três anos e parecia que teria se fosse viva. Mostrava-se brilhante ali qualquer coisa impossível de descobrir. A visão impressionou-a vivamente e pôs a chorar. Disse em seguida que dali a sete dias a criança deveria engolir um alfinete e morrer, mas os parentes com os quais se achava deviam pedir o caso. Eai o que aconteceu: escreveram eles que examinando a criança encontraram o alfinete na manga e o retiraram.

Durante os três dias que precederam a morte do pai, sem que tivesse recebido qualquer notícia de sua doença viu em vigília, perto da cama, um ataúde coberto por um dano mortuário, qual havia uma luz branca. Ela alarmou-se e declarou temer que seu pai estivesse morto ali dentro. Procurei acalmá-la sugerindo que a visão poderia referir-se a outra pessoa. Ela não sabia como interpretar a aparição desse ataúde fechado, porque até então vira ataúdes com uma pessoa que devia morrer deitados dentro dele, ou com a pessoa que devia estar doente olhando para o interior. A 2 de maio pela manhã chegou à notícia da doença do pai, que morreu à tarde do mesmo dia. Estivera ela muito ansiosa durante o sono e fez compreender que via um fantasma, mas que não no-lo revelava a fim de que não o disséssemos quando ela acordasse. Logo seguinte chegava à notícia da morte.

Acordada, viu durante três vezes a sogra olhar para um esquife e sete dias depois ela morreu e a sogra adoecia, mas restabeleceu-se.

Quando a Senhora Hauffe vê o fantasma de pessoa morta estendida num esquife é anúncio de morte próxima; se o fantasma parece vivo é sinal de grave moléstia.

CAPÍTULO: XV

Exteriorização do corpo fluídico

No dia 2 de março, a que já nos referimos; pelas nove horas da noite, a Sra Hau clamou durante o sono: Oh, Deus! - e acordou como que abalada pela própria exclamação que acabara de ouvir duas vezes, promanando dela mesma. A hora em que este fato produzia, o Dr. Fohr, de Bottivar, o médico que assistira ao falecido, e que se achava com a Senhora Hauffe, num quarto vizinho ao do corpo, ouviu as palavras - Oh, Deus, - nítidamente que foi ver quem estava lá e só encontrou o defunto. E a propósito revelou:

"Depois de minha chegada a Oberstenfeld, onde achei M. W. morto, ouvi perfeitamente ao arto próximo, onde estava o cadáver, a expressão: Oh, Deus! Pensei que saíam do caixão e M. W. estivesse apenas em morte aparente. Velei durante uma hora até que me convenci que ele estava bem morto. O tio nada ouviu. É certo que não havia ninguém de onde desse ter partido a voz".

Ela explicava o fato dizendo que o seu imenso desejo de saber como passava o pai permitia sua alma acompanhar o fluido nervoso até o lugar onde ele jazia; seus sentimentos e pensamentos fixaram-se energeticamente no médico e sua capacidade, e daí ter este podido ouvir a exclamação junto ao ataúde, que ela repetiu ao tomar o corpo, e a ouviu.

Seus parentes me haviam dito, um ano antes da morte do pai, que no começo do seu estagnético ela se fazia ouvir dos amigos à noite por pancadas, como se conta dos falecidos; e viviam na mesma aldeia mas em habitações diferentes; perguntei-lhe então durante o dia, se ela ainda o podia fazer e em que distância. Respondeu que sim e que não havia distância para os Espíritos.

Pouco depois, quando as crianças e os criados dormiam, ouvimos, ao deitar, um ruído recendo produzir-se no ar, acima da cabeça. Foram ouvidos ainda seis pancadas com minuto de intervalo. Era um som cavo, mas nítido, doce, distinto. Nossa casa é isolada; somos convencidos de que os ruídos não podiam provir de pessoa junto a nós ou acima de nós. À noite seguinte, quando ela adormeceu, posto que eu nada dissesse a quem quer coisa, ela perguntou se eu queria que batesse de novo. Como acrescentou que isto a esgotava, usei. Declarou-me que as pancadas eram produzidas no ar pelo Espírito e não pela alma.

as que a voz ouvida junto ao corpo do pai fora produzida quando a alma deixara o dela, mesmo tempo em que o espírito, sob a influência dos intensos sentimentos que a animavam.

Não nos surpreenderão esses fenômenos se nos lembrarmos de que os moribundos, quando o espírito já partiu, com a alma ainda ligada ao corpo, têm a faculdade de apresentar-se com os traços característicos a amigos afastados. Assim é que um parente do meu amigo, o Dr. Lyffer, lhe apareceu no momento da morte, e o príncipe Hohenlohe apareceu ao Dr. Oesterlin, colega de Academia.

Colho, de pessoas absolutamente dignas de fé, o notável fato seguinte:

O Senhor Hubschmann, de Stuttgart, tinha o pai em Bothnia e um irmão em Estraburgo. Certa manhã, ao romper do dia, os filhos de Hubschmann acordaram grifando.

- Avô, avô, avô!... o avô chegou!

O pai olhou para todos os lados e não viu ninguém. Interrogou os filhos, os quais responderam que o avô estava lá, mas que não sabiam para onde tinha ido. Alguns dias depois, Hubschmann recebeu uma carta do irmão perguntando com inquietação se tivera notícia do pai, porque uma circunstância recente o havia alarmado. Com efeito, em dia e hora correspondiam ao momento em que as crianças assinalaram o avô, o irmão vira-o entrando em casa. Oito dias depois chegava à notícia da morte do velho. Falecera no momento justo em que se preparava a partida para a família em Stuttgart e Estrasburgo (1).

(1) Trata-se do fenômeno conhecido com o nome de desprendimento, bilocação e outros. É ele de grande importância pois demonstra que há no ser o binômio - corpo e espírito -, separáveis momentaneamente durante a vida e imediatamente depois da morte. Daí as manifestações de vivos e mortos, com a prova nos casos descritos, da existência do paralelismo psico-fisiológico. (Nota do Tradutor).

O Dr. Bardili, jovem de talento, que fora à América, votara-se ao estudo das línguas e matemáticas; conforme o testemunho dos amigos, nunca dera crédito às coisas espirituais, mas mudou de opinião na última carta que lhes escrevera e que eles ainda conservam:

"Aconteceu-me uma coisa extraordinária: Meu amigo Elwert, que morreu em Wurtemberg nove anos, apareceu-me e disse: Morrerás breve - e o mais estranho é que o dia da aparição coincidiu com o aniversário de sua morte".

Pouco depois de haver escrito essa carta o Dr. Bardili morreu de modo inesperado.

Contou-me a Senhora Hauffe, que pouco tempo antes se vira assentada num tamborete estendida de branco, quando estava aliás deitada na cama. Fixou os olhos na aparição, quis gritar mas não pôde. Durante seus esforços ela foi desaparecendo gradualmente. Declarou então que se desprendia do corpo, tomava forma aérea, enquanto o corpo ficava consigo. (1).

(1) Citemos que aqui se deve entender por alma o perispírito; a hipótese é que nos parece ainda sujeita a melhorias. A visão de si própria é o fenômeno do desdobramento ou do duplo fluídico. (Nota do Tradutor)

A 28 de maio de 1827, à meia-noite, estava eu perto dela quando se viu de novo, como precedentemente, num tamborete, com vestes brancas, que possuía, porém não usava. Queria falar, mas lhe foi impossível falar ou mover-se, e não via mais outra coisa.

Entrementes, sua inteligência era absorvida por uma idéia que nunca lhe ocorrera e compreendia assim: Um dia passado no Céu vale milhares passados na Terra.

O fantasma levantou-se e veio a ela; um choque elétrico percorreu-lhe o corpo, como se fosse um choque. Deu então um grito de terror e contou-me o que acabara de passar. Viu-o ainda em outras ocasiões. Certa vez passei entre ela e o fantasma, e ela declarou que lhe havia causado grande dor, como se a tivesse separada violentamente de sua alma.

Nada direi sobre esta visão de si própria nem dos fantasmas visíveis por outros. Todos estes fenômenos são exemplos da dupla vista.

CAPÍTULO XVI

As fórmulas mágicas da Vidente

A Senhora Hauffe considerava o numero sete como especial e o fazia entrar em suas prescrições de remédios. Para ela há sétima hora era particularmente crítica. O número, diz ela, faz parte do meu ser como uma linguagem. Se eu tivesse tido o número três estaria muito mais aliviada.

Como Paracelso, atribuía uma virtude especial à erva de são João, o *hypericum perforatum*, planta de que se servia tanto internamente como de amuleto. Um jovem atingido por profunda melancolia, ao qual a Senhora Hauffe aconselhara trazer a erva a guisa de amuleto, ficou inteiramente curado após grave erupção.

Assim como todos os sonâmbulos, ela não extraía seus remédios unicamente da farmácia de toda a natureza; é exemplo um unguento à base de verruga de cavalo para fortificação da espinha dorsal. Suas prescrições concordavam muitas vezes com o sistema homeopático e escrevia em doses fracas, substâncias que em doses elevadas provocariam sintomas que se precisava combater. Em certos casos, suas receitas eram puramente mágicas. Assim, uma vez pediu-me que recitasse às sete da manhã e da noite a oração dominical, exigindo inteira fé e pusesse a mão na fronte quando dissesse – *livrai-nos do mal*.

A propósito de amuletos convém notar que ela os utilizava mais para os outros; constituía por vezes de substâncias vegetais e outras de sentenças tomadas à sua linguagem interior.

A palavra - diz Poiret - não foi dada ao homem unicamente como um meio de comunicação mas como o de dirigir o mundo visível pelo seu poder secreto, porque a palavra e a coisa são o mesmo. Quando os santos personagens da Antiguidade faziam grandes coisas quando Adão dava aos animais nomes de acordo com sua natureza, quando Noé os reunia no arca e Moisés ordenava ao Mar Vermelho que se dividisse, era isso uma volta à natureza primitiva do homem. É admissível existisse nessa época uma linguagem como a da Vidente e exprimia os poderes da natureza física.

É de crer que existam palavras mágicas que contenham o espírito e a faculdade das coisas. A virtude não reside na palavra nem nas ervas ou metais. Podemos fazer amuletos e talismãs como o dos fariseus, porém nada obteremos sem a fé, nem apenas com o nome escrito nos lábios.

As fórmulas mágicas da Senhora Hauffe pareciam constituídas por palavras e cifras muito mais profundo que o da linguagem interior comum, e da mesma natureza que as cifras misteriosas que lhe permitiram calcular o dia de sua morte.

Signos e números desse gênero eram usados pelos antigos e deviam provir da vida interior. Quando compunham amuletos, formavam-nos de maneira diferente, conforme deviam ser colocados nas costas ou no estomago; julgamos assim que outrora havia mais sensibilidade e magnetismo.

Os amuletos originam-se do Oriente, berço da espécie humana. Entre nós só o povo usa os remédios. Considera-se que as condições à sua eficácia dependem das mãos de quem os prepara, dos planetas sob os quais as plantas foram colhidas e da fé infantil do doente.

A Vidente dizia que para o desenvolvimento dos poderes mágicos fazia-se mister a fé soluta no mundo invisível:

- É uma faculdade especial da alma sustentada pelo espírito. Há outra espécie de magia e não quero falar e que não é o espírito que a sustenta. Eschenmayer em seus Mistérios explica:

"Amuleto, palavra estranha ao nosso século, onde a razão conseguiu triunfar e vencer as superstições da Idade Média. O renascimento dos amuletos e outros absurdos mostram a cura dessa história ou pelo menos a insânia da Vidente. Como homens sensatos e instruídos podem deixar-se arrastar por essas noções?"

Consideramos irônicas tais palavras. Mas é certo para nós que havia na Vidente uma fé soluta e que ela estudara os fenômenos com o maior cuidado.

Há três espécies de poderes curadores: o da natureza, o da combinação desta com o poder espiritual, e o do poder Espiritual. Quando o corpo está doente o médico recorre ao primeiro mundo é esse magnetismo incomodo, que aparece em tantas histórias, que não poderem explicar, e que cura quando falham todos os meios; o que garante não é só o poder orgânico e procede do homem é a sua influência física. Mas há um remédio superior, o poder mágico. As fórmulas com o nome de Jesus Cristo são o remédio que Pedro nos ensina nos ensinamentos dos apóstolos, cap.111, 2-18.

A Magia que a Senhora Hauffe diz não ser sustentada pelo espírito é a da natureza má, praticada pelos que se dedicam ao mal. É a ela que o Evangelho faz alusão; a razão, porém, não acredita em tais superstições. Entretanto, os resultados obtidos pleiteiam em favor da eficácia dos amuletos. Os que duvidarem façam as suas pesquisas; as testemunhas são apontadas e ainda encontrarão as suas.

Se não acreditarem não acreditem também nos que vêm do reino dos mortos para confirmar a verdade dos fatos que narramos.

No principio de sua moléstia o espírito protetor da Senhora Hauffe mostrara-lhe durante o sonho o desenho de uma máquina que, empregada convenientemente deveria restituir-lhe a vida. Ela desenhou-a mas não se importaram com a indicação. A comunicação foi renovada e disseram que se tivesse seguido o conselho estaria completamente boa. Construíram-na depois de sua morte. O efeito produzido foi de natureza galvânica. Ela apelidava-o o maldador-de-nervos.

(Nota do Tradutor). Havia muita coisa impenetrável naquele tempo como ainda hoje o há. Os amuletos e fráglicas pouco estudados, raramente comprovados e dificilmente observáveis, sofrem ainda os efeitos do ridículo que não os sabemos explicar, mas negá-los pura e simplesmente não é próprio do pesquisador. Lembremos certos fenômenos, como o magnetismo, o hipnotismo, a telepatia o chamado sexto sentido, que já vamos sendo obrigados a aceitar, bom gré, mal gré. Os objetos nada valerão talvez por suas qualidades intrínsecas, pelo material de que são formados, mas a influência dos fluidos, a sua ação por parte de vivos e mortos, uma espécie de imantação que os pode envolver, as interferências externas, incluídas a sugestão e a fé, poderão talvez elucidar-nos grandiosos mistérios. Eles poderão entrar na categoria dos feitiços, maus-olhados, quebrantos, e outros negados, chasqueados e moralizados, mas que existem.

Há muitas coisas no céu e na terra que não o sonha a nossa filosofia, já se dizia no drama shakespeariano.

CAPÍTULO XVII

Manipulação magnética e prescrições contra as doenças

Um fato digno de nota é que minha mulher tem sobre a Senhora Hauffe a mesma influência magnética que eu, e colocando perto da doente a ponta dos dedos, pode fazê-la levantar-se da cama, como eu o faço, enquanto ela por si própria é incapaz de assentar-se e perde muitas vezes a consciência da existência, salvo quanto ao epigástrico. Parece-lhe que não vê a cabeça, braços ou pernas. Mas, nesses casos, com os olhos fechados, tem a noção de tudo e pode dizer se vê ou se sente. Se lhe faço levantar as pálpebras com os passes, só vê a mim e as pupilas ficam imóveis e ela não pode dizer se me vê ou me sente. Quando acorda mostra-se profundamente penalizada se lhe contam o que nos disse durante o sono, e pede-nos para repetir-lhe termos mais isso.

A Senhora Hauffe, aproximando-se dos doentes, tocando-os, ou mesmo sem tocá-los, conhece-lhes as moléstias, e com grande espanto deles experimenta-lhes as sensações, airas e não as descrevam. Percebe-lhes não só o estado físico, senão ainda as diversas emoções que se lhe imprimem no corpo, outras na alma.

Tal fato - diz Eschenmayer em seus Mistérios -, podem ser provados por testemunhas. No meu caso, foi o meu, porque ela, com a maior exatidão, adivinhou o estado de meus órgãos e o de meus amigos, ao simples contato uma mão. Os fenômenos observados com alguns sonâmbulos são menos notáveis. Assim como não podem, negar que a suscetibilidade de um organismo se concentra na mão ou em outra parte do corpo, explicando-se destarte a desproporção da suscetibilidade entre os órgãos, é muito provável que exista um sentido oculto que pode chegar ao centro do sistema nervoso e aí se desenvolver por aproximação uma espécie de polaridade entre os sistemas nervosos de duas pessoas.

Nessa relação de polaridade os órgãos de um procuram os do outro e acabam por acordar os pólos do doente (pólo negativo), refletem-se nos correspondentes da clarividência (pólo positivo).

Daí provém adivinhar-se o estado do doente.

Neste exemplo a simpatia é o condutor neutro entre os pólos homônimos que se comunicam.

Uma prova é o caso de uma senhora que nos era inteiramente desconhecida e pediu-nos que lhe permitisse à Senhora Hauffe tocá-la, pois sofria de violenta dor no fígado. A Videira escreveu exatamente as suas dores e depois, tornando-se vermelha, disse que apenas podia

com o olho direito. A senhora estrangeira, profundamente surpresa, declarou que já há algum tempo perdera quase completamente o olho direito, mas sabendo o mal incurável, não se curara dele. A Senhora Hauffe foi recuperando a vista aos poucos, com a pupila inconstrita e o reflexo na amaurose. Só pode ser curada por pessoas de olhos sãos, que dirigiam com energias os olhares durante muitos minutos sobre o seu olho afetado.

A 5 de setembro de 1827, durante a tarde, coloquei-lhe na mão uma fita onde estava escrito o nome de uma pessoa que a tocara e cuja doença me era tão desconhecida como a própria. A Senhora Hauffe, logo que pegou na fita, foi tomada de vertigens, sufocações e convulsões violentas, dores no peito do pé esquerdo, ansiedade com irritação da epiglote. Tentaram tirar-lhe a mão e procuraram fazer cessar os sintomas, mas a situação piorou, ficando ela, em estado cataléptico, semelhante ao da morte.

Não produziu efeito um vesicatório que lhe apliquei, e ela só foi melhorando aos poucos e ao fim de alguns dias... A seis daquele mês soube da morte da senhora. Era evidente que ela estava morta e enterrada quando dei a fita à senhora Hauffe, o que explica os efeitos observados. Se estivesse em sonambulismo veria o corpo da senhora no túmulo.

Van Helmont fala de uma mulher parálitica que era atingida de crises de paralisia quando se sentava na cadeira em que o irmão falecido costumava sentar. E um sonâmbulo me disse:

Se os homens conhecessem os números e os períodos curariam as mais graves doenças pelos mais simples processos.

CAPÍTULO XVIII

Cura da Condessa Von Maldeghem por intermédio da Vidente

Como neste volume só nos referimos aos fatos, a eles nos limitaremos na seguinte narrativa.

A 28 de março de 1828, o Conde Von Maldeghem veio procurar-me com uma carta de seu médico, o Dr. Endres, de Ulm. Dizia-me a carta quem era o portador, o qual ouvira falar da vidente e, desejava consultá-la com respeito a sua mulher. E apresentava a seguinte descrição da doença:

Pouco tempo antes do nascimento da Condessa, seu pai fora morto, diante de seu castelo, por um destacamento de soldados austríacos. Tal desastre fazia prever um aborto por parte da mãe, mas ao contrário, o parto deu-se em tempo normal e foi feliz. Entretanto, a criança, desde o nascimento doente em questão, lembrava exatamente os traços do pai, e durante muito tempo ficou magra como um esqueleto. Mas isto desapareceu com o tempo e o único traço mórbido que persistiu, como consequência do acidente, foi um temperamento nervoso, de excessiva excitabilidade. A moça educara-se num convento e casou-se aos vinte e três anos com o Conde Von Maldeghem. Ela tem o espírito culto e altamente religioso. Sua doença começou com o segundo parto; caracteriza-se por um estado sonambúlico no qual vive, e é tomada de terríveis ideias fixas, que se sucedem, e onde se move a sua imaginação: duvida da identidade do marido e dos filhos; deseja vivamente a mudança de seu ser; espera algum fenómeno sobrenatural que produza essa alteração. Ela é possuída por tais idéias de maneira constante, com algumas variações.

Aos 16 anos a Condessa, negligenciada por suas vigilantes, dormiu durante meia hora num sono profundo de papoulas. Quando acordou, percebeu que sua memória enfraquecera de tal forma que não conhecia as irmãs nem as pessoas íntimas, e durante muito tempo não esteve mais segura da realidade das pessoas e das coisas que tão bem conhecia antes. Esses fenómenos desapareceram em grande parte, mas tendo estado no Convento, os fatos recommençaram, e ela não distinguia os seus sonhos da realidade. Depois dos esponsais com o Conde teve muitas vezes dúvida de sua identidade, posto que se esforçasse por ocultá-lo. Em 31 de outubro de 1827, após o parto, caiu numa espécie de vida sonambúlica; que os médicos atribuíam no princípio a uma inflamação do cérebro e acabaram por qualificar de loucura; sua idéia principal era de que estava morta e condenada irrevogavelmente a errar através de sombrios e tenebrosos filadeiros, de cavernas subterrâneas, onde sofreria toda a espécie de suplícios. As pessoas

e lhe eram mais caras tomavam forma de animais como ursos e outros, e não admitia que a sua existência, de que tanto gostava, fosse real; tinha-a como um desenho, uma imagem. E ela, com tanto amada, supunha-se vítima do ódio de todos os homens. E nessa convicção evitava-lhe a presença.

Depois de experimentar sem êxito numerosos remédios, o Conde enviou sua infeliz esposa para a Alemanha, onde ela transformou em instrumento de tortura tudo que a cercava. Deve-se notar desde o começo da doença não deixou de declarar que sua cura não viria pela Medicina por seu marido. Nesse comenos ele veio procurar-me.

Declarei-lhe sem hesitar que nos casos ordinários não tinha a menor confiança em sonhos e visões, mas no da Condessa, onde não parecia haver loucura mas um sonho sonambúlico, a experiência merecia ser tentada.

Consultada, a Vidente tomou o maior interesse; disse que a cura da Condessa era três vezes por dia e o tratamento devia ser dirigido de acordo. Três vezes por dia, durante nove dias, poria a Condessa em um leito composto de três folhas de louro. O Conde deveria magnetizá-la três vezes por dia em determinada direção; tinha ela que levar, durante esse tempo, vida simples, sem usar remédios e sem alimentos excitantes. Tomaria ainda três vezes por dia uma colherada de suco de erva de São João com água. Deveria ainda deitar-se e dormir todas as manhãs às 9 horas, e que, se há erro, ela, Vidente, estivesse dormindo, não lhe falassem, porque estaria em preces por ela e pela Condessa.

A 31 o Conde voltou a Ulm e começou o tratamento prescrito desde 3 de abril. Na manhã, a Senhora Hauffe, contra seus hábitos, adormeceu às 9 horas e ficou silenciosa, com os braços cruzados como em prece. A partir desse momento teve consciência de estar em relação com a Condessa, convicção que aumentava dia a dia, até que na quarta feira, dia 9, às 10 horas, exclamou:

- Entreguei a Deus todos os seus cuidados porque é ele que irá velar por você.

E acrescentou que tivera uma visão onde soubera que se havia operado uma mudança na Condessa. A 14 recebeu do Conde a carta seguinte:

"Ulm, 11 de abril de 1828. Peço que me escreva logo que puder e me diga se no dia 9 à tarde, notou alguma coisa extraordinária na Senhora Hauffe e o que lhe aconteceu com a consciência a minha mulher. Não é sem motivo que lhe faço a pergunta, e com o Dr. Enders aguardo ansiosamente a resposta. C. Von Maldeghem."

O que lhe pude responder foi o que anotei no meu diário; como acabo de contar. Além disso, duas testemunhas corroboravam a exatidão. A 18, pela manhã, a Vidente disse-nos a respeito da chegada da Condessa nesse dia, e de fato chegaram o Conde e a Condessa. Aquilo que notou que durante seis dias seguira as instruções da Senhora Hauffe, sem ver qualq

ultado, mas que, na 4 feira, às 6 da tarde, a Condessa pediu para retirar-se de junto a pessoas com quem estava e lhe disse que assim que batessem às seis horas ela estaria em ação íntima com a Senhora Hauffe, e sentira a necessidade invencível de comunicar a todos o que tinha ouvido uma coisa que não dissera a ninguém. Após a revelação, suas alucinações, que tanto lhe causaram, desapareceram. Reconheceu o marido, os filhos, percebeu o seu estado e teve um grande desejo de ver a Senhora Hauffe, de quem o Conde lhe falara. O médico do Cordeiro revelou-me que a doença desaparecera como que por magia, e só lhe restava um escrúpulo religioso, que a levava a supor não possuir uma fé suficiente nos santos mistérios da religião.

A Condessa falava de sua existência precedente como de um labirinto no qual se havia perdido; lembrava os sonhos cheios de ansiedade que tanto a perturbaram e se sentia agudamente acordada, mas costumava acrescentar:

- Não estou ainda bem certa de que este é o meu Carlos e só me convenço tocando-lhe a cabeça e a cicatriz:

O Conde tinha no braço a cicatriz de um golpe de sabre.

Muitas vezes ouvia vozes que a escarneciam, e posto que fosse piedosa, não podia mesmo entrar numa igreja. A Senhora Hauffe, a quem a Condessa vinha visitar no seu estabelecimento ambulante, fazia esforços para acalmá-la e reavivar-lhe a fé. E dizia-lhe:

- Quando eu orar quer orar comigo? Fique certa de que não direi nada que possa melindrar a sua fé.

Ela era luterana e a Condessa, católica. Esta lhe perguntava como conseguiria libertar seus penosos pensamentos, e a Vidente respondeu:

- Não os expulsará mas os verá sob outro prisma. Durante 7 dias, às 7 horas, a Senhora Hauffe orou com a Condessa, e o espírito desta tornou-se mais calmo. Enfim, na manhã de 18 de maio ordenou a família e declarou-se inteiramente curada. Essa inopinada declaração inquietou-me profundamente de sua realidade. Ela assegurava-me que eu nada tinha a recear, e os acontecimentos vieram confirmar o que me disse. Já se passaram dez anos e não sobreveio qualquer recaída. (A Condessa ainda estava viva em 1845).

O leitor reconhecerá aqui o poder da comunhão espiritual, da prece e da fé cega.

Difícilmente se achará - diz Eschenmayer - nos anais do magnetismo, um caso no qual não apenas se produzam tão claramente e se nos mostre um poder tão extraordinariamente magnético, que poderíamos dizer religiosamente mágico; eu ouvi a narrativa da própria Condessa, e afirmo que ela se acha plenamente convencida de ter sido curada pela Vidente. Esta história fornece-nos sobre o domínio da simpatia espiritual uma lei que dissipa, como a água de sabão, todas as objeções fundadas na lei da natureza. Meu amigo Kerner convidava os outros a reconhecerem o poder da fé e da prece. Eles porém nada querem saber. Pensam que

descobrirão as leis do Universo unicamente com as forças da razão, muito encomiadas, e encontram mais que uma casca vazia.

Nota do tradutor português. - É de certo estranhável, mesmo aos estudiosos de tais fenômenos, a ação de amuleto e a influência não se conhece e que pode não ser nenhuma. Mas parece, no caso, tratar-se de uma obsessão, e não de a força que eles exerceriam nos obsessores, que não deviam ser muitos cultos. O Autor, pouco versado em assuntos do Psiquismo, dada a época em que viveu, não teria apurado o caso, como hoje se faria, se ele caísse nas mãos de um competente, sem idéias preconcebidas. Parece-nos entretanto que atinou com causas poderosas, a da prece e do espírito.

Como quer que seja, atendendo a inegável honestidade do testemunho, a sinceridade do relator, aí fica o fato: a seqüência das experiências posteriores vieram validar.

CAPÍTULO XIX

Os diversos graus do magnetismo. Opiniões da Vidente sobre cada um

O estado magnético da Senhora Hauffe pode ser dividido em 4 graus:

1. Aquele em que estava ordinariamente, parecendo acordada, mas que se achava meio período da vida interior. Ela dizia que muitas pessoas se encontravam nesse estado sem o saber.

2. O sonho magnético. Ela supunha que muitas pessoas, tidas por loucas, estavam simplesmente nesse estado.

3. O estado de semi-sono, que se manifestava especialmente pela facilidade de escrever a linguagem interior, o que lhe sucedia de quando em quando. Dizia ela que falava e escrevia quando o seu espírito estava em união com a alma.

4. Sonambulismo completo durante o qual ficava clarividente e fazia prescrições.

Entre o terceiro e quarto graus parece-me evidente que há um intermediário; o cataléptico, durante o qual ela fica rígida e fria. Nesse estado, dizia ela, penso com o cerebelo. Não senti o cérebro, que estava adormecido; pensava com o espírito e seus pensamentos eram mais claros e o espírito tinha mais força.

No sonambulismo completo o espírito dominava. Quando a clarividência era completa - os pensamentos vinham diretamente do espírito e da região epigástrica.

"Em nosso estado de vigília pouco ou mesmo nada sentimos do espírito. O homem amado a viver neste mundo deve ser governado pela alma. Se o espírito fosse livre, que se poderia fazer no mundo? Ele pode penetrar nas regiões superiores e o homem não deve conhecer o futuro".

Assim falava ela no sonho sonambúlico.

Disse um dia:

- Sinto e bem claramente a alma nos nervos. Mas é preciso que eu saiba com certeza o que acontece na vida somente sobre os nervos e o que sucede aos nervos após a morte. - E depois disso eu tenho sempre refletido profundamente:

- A alma continua a viver com o espírito e cria em torno dele uma forma etérea.

Declarava que o sonho magnético tinha alguma semelhança com o sonambulismo e que, apesar de pouco de sua natureza, mas vinha sobretudo do cérebro. Quando saía desse estado lembrava-se do que tinha sonhado; o mesmo não acontecia no meio-sonambulismo ou na clarividência incompleta. Considerava o sonho como se produzira no cérebro, traduzindo-o, ora em forma dramática, ora em forma

rsos. Distinguia-os dos do sono natural: achava-os mais regulares e nítidos; se for
errompidos, voltavam na noite seguinte ao ponto exato onde tinham ficado.

Dizia ela que o estado sonambúlico era a vida e o ato do homem interior, continha a pro
vida futura e da nova união apos a morte. Esta atividade interna do homem dormita
livíduo em estado normal e está plenamente acordada naquele cuja vida se acha confinada
rebro e que, inconsciente de sua existência simpática, nunca ouve essa voz. Se o hom
letisse veria ali seu verdadeiro guia.

O sonambulismo provocado pelos passes é um remédio seguro, porque na clarividênci
mem interior sai e examina tudo o que o rodeia, e isto não se produz no sono normal.
rividência é o mais perfeito estado de vigília, porque o ser espiritual interno se despre
s laços do corpo. Chamarei o sonambulismo exteriorização do homem interior ou
envolvimento espiritual. Em tais momentos o espírito está inteiramente livre, capaz
sprender-se e ir onde quiser com a rapidez do relâmpago. O sonâmbulo é então incapaz
alquer má ação; mesmo que sua alma seja impura não pode mentir ou enganar. É o terce
u da clarividência. No segundo, que é inferior, alma e espírito estão unidos.

Há ainda um grau inferior em que a alma fica unida ao espírito e a vista se to
perfeita. O grau mais fraco é uma excitação do sistema nervoso e se encontra no curso
la ordinária. Lembra as faculdades proféticas de que algumas pessoas são dotadas. N
râmbulos elas são mais desenvolvidas e regulares.

No estado normal a alma habita sobretudo o cérebro, e o espírito a região epigástrica.
agnetismo aproxima-se mais ou menos da sede do espírita. Domina nos que vivem a v
terior. E só se atinge o mais alto grau da perfeição quando o espírito se liberta da alma.

Há grandes diferenças entre o desprendimento do espírito no sonambulismo e a sua part
morte.

CAPÍTULO XX

A esfera solar e a vida da esfera. Estados da Vidente quando essas esferas se desenvolvem.

A 18 de dezembro de 1827, a Senhora Hauffe achava-se em sonambulismo causado por uma noite e uma bagas de louro; disse-nos que no dia seguinte, às sete da noite, achar-se-ia pela primeira vez num estado perfeito de clarividência; acordaria depois e lhe seríamos estranhos. O objecto de seus olhos tornar-se-ia mais natural e o passado lhe faria o efeito de um novo sonho.

Perguntei-lhe se os fantasmas deixariam de aparecer-lhe e ela respondeu que isto responderia de seu estado sonambúlico. Iriam aparecer como outrora, mas lhe pareceriam fantasmagóricos e lhe causariam terror.

A noite esteve muito doente e declarou que uma luta dir-se-ia travar-se consigo, com um espírito e dois combatentes, em que um afirmava que ela estava em Weinsberg e outro em Weinsenstein. Num caso, os objetos que a rodeavam lhe pareciam familiares, no outro não. Na manhã de 19 acreditou que teria muita dificuldade em pronunciar seu idioma materno impelida a falar o Puro-Alemão, a tutear a todos. Sentia-se como a ponto de perder a razão e como se alguma coisa fosse morrer em si.

A 19, às sete da noite, disse em sonambulismo, depois de uma prece em silêncio:

- Sinto que acordo de longo sono, que dura desde o momento em que vim para aqui quando ralhou comigo, e que bem pouco havia em mim de humano. Conteí até agora com o apoio dos homens, mas vejo-me abandonada e recolhida a mim mesma. Desde então não mais vivi na Terra, ainda quando parecia mais bem acordada. Como vou espantar-me quando despertar!

Direi logo que sonhei com muitas pessoas. Quando vierem a mim os Espíritos que tenho o direito de ver, não os reconhecerei e lhes apresentarei questões já apresentadas, e a vista deles me espantará quando acordar.

Mas sei que os verei. Os nervos das pessoas são também capazes de vê-los, mas eu vejo mais do que o digo. Penetro inteiramente no mundo dos Espíritos. Que não me digam que isto vem do meu longo sono, mas que me preparem para a chegada dos fantasmas, sem o que eu me assombrarei. Parece-me estar na noite em que cheguei aqui. Ao acordar chamarei minha irmã Amélia, que estava então comigo.

Depois de orar, pediu-nos que a acordasse, o que fizemos, tocando-a com um pedaço de ferro. Chamou logo a irmã a quem queria contar seu longo sonho. Apesar de lhe estarmos imediatamente ao pé, parecíamos-lhe estranhos, e ela só conhecia os que já conhecia antes.

de outubro de 1826. Mostrava-se surpreendida com suas melhoras e especialmente por não ter a febre tuberculose.

Disseram-lhe que o médico lhe havia ministrado um pó que lhe proporcionara o sossego durante a Primavera e o Verão. Isto fê-la chorar, pelo fato de ter dormido tanto tempo. Sentiu grande desgosto por estar num quarto estranho, rodeada de coisas estranhas.

Contou que durante a noite ficara muito alarmada: é que uma forma entrara-lhe no quarto e sentara-se diante dele e dissera:

- Console-me. Ela assustou-se e perguntou-lhe o que desejava dela. O fantasma respondeu e viera vê-la muitas vezes e lhe contou o que se acha na segunda parte deste livro.

No dia seguinte, experimentou ainda mal-estar, e desesperava-se por não poder fazer um novo estado.

Foi um grande erro de certas pessoas oficiosas falarem-lhe sobre particularidades de sua vida magnética. Isto a desagradou profundamente e quis voltar para casa. Parecia lembrar-se de algumas pessoas, fixando-as nos olhos. Mas perdera a lembrança do que ouvira, sentira-se cansada, tocara durante os últimos meses. Dizia que a vista era uma função mais espiritual e que aquele ouvido e que aquela muitas vezes lhe revelara o que esta nenhuma impressão deixara. Ela parecia flor de que tinha idéia era a buganvília, parecendo-lhe que teve pelos olhos a noção de um novo odor.

Dos poemas que lera só recordava um de Goethe. Em verdade, ela era o que dantes fora, mas com a voz mais fraca e com mais dificuldade para deixar a cama. Minerais e plantas continuavam a produzir-lhe os mesmos efeitos, porém meu poder magnético sobre ela diminuía.

Não nos parecia entretanto que ela tivesse saído completamente da esfera magnética e impossível que apresentasse um novo despertar.

CAPÍTULO XXI

A linguagem interior

Em sonambulismo, a Senhora Hauffe falava freqüentemente uma língua que nos desconhecida e parecia apresentar alguma semelhança com as do Oriente.

Ela dizia que essa linguagem era a que Jacó falava, natural para ela e para outros. Embora ela, e como a usava freqüentemente, os que a rodeavam puderam compreendê-la. Só por um meio - acrescentava - poderia exprimir completamente os pensamentos da vida interior. Quando queria apresentá-los em alemão tinha que traduzi-los para esse idioma. Não tinham da cabeça, mas do epigástrio, e acordada não repetia uma só palavra. Os nomes e coisas, nessa linguagem, já lhes emprestavam as propriedades e qualidades.

Os filólogos descobriram nela semelhanças com o copto, o árabe e o hebraico. Assim a palavra Elschaddar, com que designa Deus, quer dizer em hebraico o que se basta a si próprio que é todo-poderoso. A palavra Dalmachan é árabe. Dianachli significa em hebraico respirar ou suspiro.

Eis outros vocábulos com sua tradução: handacadi, médico; alentana, senhora; chia-po; chmado, Lua; nohin, não; nochiane, rouxinol; bianna fina, muitas flores coloridas; mmo; toi, que; optini poga, você deve dormir; moli arato, eu fico.

Os caracteres escritos estavam sempre em relação com os números. Ela dizia que as palavras com os números tinham um sentido mais profundo e mais significativo. No seu estado sonambúlico repetia que os Espíritos falavam essa língua, visto que, apesar de serem insensíveis, ela tinha uma alma que formava um corpo etéreo com o espírito.

Declarava mais que a separação do espírito durante o sono sonambúlico tinha semelhança com a morte, embora não fosse o mesmo. Quando o espírito deixa o corpo, nos últimos momentos fica enfraquecido, não pode arrastar a alma e tem que esperar. Os moribundos nam-se inconscientes, o futuro lhes é oculto, e não podem exprimir-se. Quando, antes de morrer, eles declaram estar certos da existência de um estado futuro, é que a alma já não depende da dependência do cérebro, então recobra sua faculdade de clarividência e aspira ao futuro então obscuro.

Deixando o corpo, a alma compreende que não pode retardar a luta por libertar-se: a verdadeira agonia. E para suprir a fraqueza do Espírito, os espíritos dos santos vêm em auxí-

alma. Em caso de morte natural a luta é mais ou menos longa, conforme a dificuldade e a facilidade que experimenta a alma, ao abandonar as coisas terrenas.

O fluido nervoso era o laço que unia a alma ao corpo e o corpo ao mundo. A facilidade com que em seu caso o fluido se desprendia era a causa do seu estado anormal. Esse fluido vital e acompanha a alma após a morte, a menos que esta seja perfeitamente pura. Graças a ela a alma constitui uma forma fluídica em torno do Espírito. É capaz de crescer após a morte e sua ação as almas das regiões médias são postas em relação na atmosfera com uma substância que lhes permite fazer-se entender pelos homens, assim como suspender as leis da gravidade, mover os corpos pesados. Quando a pessoa morre perfeitamente pura, o que é raro, leva o fluido nervoso. Este, apesar de indestrutível, fica com o corpo. Depois se une à alma e constitui uma forma aérea. Os bem-aventurados, a quem o fluido não continua aderir, não podem mais aparecer. Quanto mais puro é o espírito mais elevado é o lugar que ocupa.

Uma de suas palavras - dizia a Vidente - exprimia mais que as linhas inteiras da linguagem comum, e após a morte, num só símbolo, um homem poderia ler toda a sua vida.

Observa-se que as pessoas em estado sonambúlico é que vivem a vida interior profundamente e não podem expressar o que sentem em linguagem comum.

Outro sonâmbulo me dizia, quando não conseguia exprimir o pensamento:

- Não me poderiam falar a língua da natureza?

Declara a Vidente observada por Meyers que aos olhos do homem no estado magnético a natureza se revelava, espiritual e material, mas que havia certas coisas que a linguagem não podia traduzir, e daí provinham as incoerências e os erros.

Encontra-se nos arquivos do magnetismo animal um exemplo dessa linguagem especial que manifestam sua semelhança com as línguas do Oriente, restos das antigas línguas da Espiritualidade.

Assim, os sonâmbulos não se lembram facilmente dos nomes de pessoas e coisas e não usam os modos convencionais da expressão.

A Vidente de Meyers dizia que assim como se alteraram os olhos e os ouvidos humanos também se perdeu muito da linguagem das sensações. Mas ainda as encontramos; sensações e pensamentos têm um signo próprio e não os podemos exprimir.

Para as noções que adquirira, a Senhora Hauffe construía figuras que chamava sua esfera, sua esfera de vida, etc.

Muitos exemplos mostram a que ponto se lhe desenvolveu a memória das palavras de linguagem interior. Dando-se-lhe uma litografia do que escrevera um ano antes, ela notara com surpresa um ponto a mais num dos signos, o que verifiquei, comparando a cópia com o original em meu poder. Ela não tinha cópia nenhuma.

Nota do tradutor português. - parece haver nos casos relatados o que os pesquisadores modernos chamariam ressão da memória que é a lembrança de fatos passados em existências anteriores, e entre esses estaria a linguagem, que seria a reminiscência de uma linguagem antiga; assim, dar-se-ia também a emersão das noções bíblicas pela força do hábito e do tempo, se incrustam firmemente no espírito, tal como ainda hoje as vemos, mesmo se julso do Fenômeno; e aí demos pessoas de alto descortínio e grande conhecimento a afirmarem como palavra divina absurdos que os antigos acumularam no "Livro Sagrado".

No caso da Senhora Hauffe, os psicólogos e psiquiatras veriam ali, quando muito, um caso de "dissociação da personalidade" essa erupção de velhos sedimentos anímicos, que os doutos não compreende o que seja batizam com o nome de mais ou menos científico, e dá-se por satisfeitos.

CAPÍTULO XXII

A sétima esfera solar

A 1 de maio de 1828 disse a Senhora Hauffe que sentia lhe iria suceder algo importante, mas não sabia o que era, mas esperava o melhor. Depois da notícia da morte do pai, que havia visto, cessaram as convulsões. Não obstante, aumentava o seu estado magnético e ela continuava em sonambulismo muitas vezes por dia. Declarava-nos que não poderia ir mais à sua esfera solar como outrora; que a direção em seu círculo de vida, que só atingira o centro do zembro, vinha de saltar para diante, e que já sem forças para ir e voltar, poderia perder muito tempo e temia morrer. O dia 7 foi ocupado por sonhos e pela catalepsia.

O espírito protetor apareceu-lhe mostrou-lhe um ataúde semi-aberto, o que ela interpretou como anúncio de um grande perigo, que lhe ameaçava a vida. Dia 8, às sete da noite, seguiu as instruções que dera em estado sonambúlico, como se achasse em estado cataléptico semelhante à morte, chamei-a.

Dizia-me ela que iria perder a lembrança dos anos decorridos desde o começo da doença, o que não podia suportar. A minha voz, com um grito de terror, saiu do estado de insensibilidade e se achava; tomou a aparência do desespero e caiu na insensibilidade primitiva. Acordou pois sem parecer capaz de compreender seu estado e reconhecer o que a rodeava. Declarou-me que a sua sétima esfera solar tinha desaparecido. Não sabia sair nem entrar numa nova; nada lhe lembrava do presente e devia conservar-se assim para evitar qualquer recordação. Sua primeira indicação devia ser a do seu próximo fim.

A 15 recuperou em parte a lembrança desse período que parecia esvaecer; perdeu a lembrança da esfera, e o tempo em que a vira dir-se-ia afastado e apagado, enquanto a época precedente se lhe revelava como a mais recente.

A lembrança desta, vaga a princípio, pouco a pouco se esclareceu, até que dela se pôde lembrar com a maior nitidez. Observavam-se fenômenos semelhantes entre os povos antigos.

A 29 de janeiro de 1829 disse que sua sétima esfera solar desvanecera-se, e que se não fosse ajudada, teria recuperado a saúde na última crise.

Os meses da esfera solar em que se achava durariam até maio em vez de irem até o zembro, como devia ser. Estava privada desses meses e portanto o breve trecho da morte que os quatro meses era só o que lhe restava. A 2 de maio teve um sonho durante o qual falou, como de hábito, e disse mais ou menos:

- Estou numa montanha. Deveria ir para a direita, acima destas nuvens douradas, onde vale cheio de flores. A esquerda diviso tumbas e podridão. Atrás a espécie humana combate como os leões e os tigres. À direita sorriem-me as flores, mas eu vou para o túmulo. Vou sucumbir nesta aflição? Conduza-me, guie-me. Que terrível sonho! Vou cair no abismo? O Senhor é poderoso e forte, compreende-me? Ficarei na montanha? Sim, ficarei até que a hora chegue, mas o Senhor estará dia e noite comigo; se me abandonar, cairei. Oh, permita-me este sonho terrível!

Entrou em nova esfera e em nova vida magnética, na qual descreveu suas qualidades com mais lente e mais poderosas que nunca, embora, como antes, não dissesse o que via. Ela sabia que seu corpo estava morto, ainda que vivente, mas sua alma era mais calma, mais firme que nunca.

- Que não se ocupem com meu corpo, é uma vestimenta dilacerada, sem nenhum valor. Em sua mão, ó Senhor, entrego o meu espírito!

Era o pressentimento de sua morte próxima e desde então caiu na indiferença que recomendava.

Apesar de excessivamente magnética e em estado de extrema debilidade, seus sofrimentos foram aliviados durante sua estada em Weinsberg; teve mais lucidez e calma. Sentiu-se encorajada por seus amigos e pela comunhão de idéias com pessoas distintas. Mas não estava o poder deles protegê-la contra as condições desfavoráveis que nessa época tiveram influência nesta ação sobre sua saúde: a morte do pai e a doença do filho.

A 2 de maio voltava a Lowenstein para cumprir seu destino.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

O homem magnético em suas relações com o mundo dos Espíritos

Quando observamos, mesmo superficialmente, o curso da natureza, não podemos deixar de notar que ela progride a cada minuto; que seus progressos formam uma cadeia a que não falta nenhum elo, e que não dá saltos bruscos.

Vemos já na pedra a planta, na planta o animal, no animal o homem, no homem o espírito. Assim como as asas da borboleta estão ocultas na crisálida, no homem, em certas condições especiais, revelam-se as asas da Psique mais elevada, prestes a desdobrar-se de curta existência terrena. Pelo homem magnético, diante do qual o tempo e o espaço parecem revelar, sabemos que existe um mundo supraterrrestre. O homem magnético é um espírito imperfeito. No pólipo, que forma o anel entre a planta e o bruto, vemos ao mesmo tempo um animal imperfeito e uma planta imperfeita. Fixado como planta à terra, estende os braços para o mundo animal, de que é a primeira amostra. Assim é com o homem magnético; ainda preso ao tempo, chumbado à matéria, penetra, entretanto, pelos seus sentimentos, no mundo dos espíritos, de que nos traz seu testemunho.

Em todos os espíritos magnéticos vemos o esforço para atingir o mundo dos Espíritos e transferir o vôo as regiões superiores. Nunca porém o divisamos em grau tão elevado como o homem magnético no presente.

Vimos na primeira parte como o fluido nervoso, parado nos degraus da morte, torna-se sensível as propriedades espirituais das coisas. Vimos ainda como o ser, quase espírito, desembaraça-se do seu invólucro terrestre, franqueia o tempo e o espaço.

Há nada mais estranho do que, por meio das mesmas faculdades que lhe permitem perceber a propriedade das coisas terrestres, - a nós desconhecidas, - possa o ser tornar sensível às aparições supranaturais que nos são imperceptíveis?

O homem é evidentemente o liame entre os espíritos felizes e os infelizes, ou entre os bons e os demônios. Apesar de independente e com existência própria, está submetido às influências de ambos. Sem dúvida, as leis da natureza, tanto quanto as conhecemos, são adaptadas à esfera média em que pensamos, sentimos e queremos; tem relações menos estreitas

nas potências superiores e inferiores, cuja existência é negada por esses espíritos dependentes que delas não têm o sentimento inato.

Não queremos apresentar uma teoria das aparições, quer sejam consideradas como simples funções do cérebro, quer as aceitemos como provas incontestáveis. Limitar-nos-mos a examinar as revelações da Vidente é possível achar um motivo sério de crença.

Ela pensa que o fluido nervoso persiste depois do corpo, e depois da morte envolve a alma em forma etérea; alta potência orgânica, não pode ser destruída por outra, física ou química. Quando o corpo, acompanhado o corpo, acompanha a alma. Durante a vida constitui o laço entre a alma, o corpo e o mundo, e também é o único meio pelo qual a alma na região média pode manifestar-se ao mundo, que só tem a atmosfera por instrumento de seu poder.

No estado ordinário, nossos sentidos são incapazes de discernir esses fenômenos assim como o de descobrir porque vemos e ouvimos; o subjetivo não se pode tornar objetivo. Mas, quando o estado magnético anormal, são possíveis tais condições. O fluido nervoso que durante a vigília se espalha por meio dos sentidos, torna-se mais concentrado. Desenvolve-se o sentimento por si próprio, fora do plexo nervoso, enquanto se enfraquecem os sentidos externos. Assim, a vida sensitiva da alma aumenta e fortifica-se com o reforço do pensamento e da vontade.

A alma dirige-se a seu centro originário: o conhecimento passa a clarividência. Assim o espírito pode tornar-se apto a colocar-se no centro de sua órbita e a conhecer as coisas ocultas aos olhos comuns. E os habitantes das regiões médias ficarão visíveis aos sentidos subjetivos do indivíduo magnético.

Ainda que consideremos essas aparições sobrenaturais simples quimeras, devemos admitir que o brilho supranatural dos olhos da Vidente dá ao menos certa confirmação do que ela nos diz sobre as freqüentes visitas das mesmas e o modo por que se firmam, de início vagas, para depois irem precisando à medida que ela ora.

No brilho de seus olhos os espíritos procuravam luz; é provável que aí encontrassem o plexo do Sol da graça, oculto para eles. É interessante que a Vidente colocava a morada dos bem-aventurados e o Sol da graça no centro da órbita solar, e os espíritos infelizes em sua região média. A primeira pertence ao sobrenatural e a segunda ao sub-natural. Entre ambas se acha a natureza humana, que no estado magnético elevado atingido pela Vidente se acha em contacto com eles.

CAPÍTULO II

Alguns reparos da Vidente sobre a visão dos Espíritos

As pessoas cuja vida está no cérebro e principalmente as que a têm no epigástrico, são capazes por vezes de ver os Espíritos, mas a aparição é sempre vista pelos olhos espirituais e não pelos olhos carnis. O pressentimento e a sensibilidade das coisas espirituais podem desenvolver-se pela alma, o que não se dá com a clarividência. Quando o espírito é excitado por alguma coisa, os pressentimentos e a visão dos Espíritos podem produzir-se; isto porém é momentaneamente naqueles cuja vida é intelectual. O cérebro pode lutar e resistir, mas só os vêem e têm a vida no centro epigástrico, como eu. Nesses casos, não existe nenhuma força resistência. Essas formas não são o produto de minha imaginação, porque eu não gosto de vê-las; causam-me ao contrário, aborrecimento, e só penso nelas quando as percebo ou me fazem perguntas a respeito.

Infelizmente, minha alma e meu espírito vêm do mundo espiritual os que estão na terra, e são muito isolados e muitas vezes em multidão, com diferentes naturezas, assim como as almas dos mortos.

Uns ficam distantes, outros vêm a mim; converso e convivo com eles durante meus sonhos, e visto-os em ocasiões diversas, de dia, à noite, quando estou só ou acompanhada. Sinto-os frequentemente acordada e não estou em condições de poder chamá-los. Vejo-os quando estou acordada ou quando estou adormecida, forte ou fraca, alegre ou triste, distraída ou séria, e não os posso controlar.

Não estão sempre comigo. Dirigem-se para onde bem lhes parece, como visitantes mortais, quer eu esteja em estado espiritual ou corporal. No mais calmo e mais normal dos sonhos e acordada, não sei como, mas sinto que estou acordada para eles e que teria continuado a dormir se eles não viessem para junto da cama.

Já observei que, quando um Espírito me visita à noite, os que dormem no mesmo quarto que eu, são advertidos em sonho, de sua presença; falam da aparição que viram, apesar de não lhes ter dito nada. Enquanto os Espíritos estão comigo, continuo a ver e ouvir como de ordinário tudo o que se passa em torno, e posso pensar em outras coisas. Poderia desviar-me para outras coisas, mas é difícil; sinto uma espécie de laço magnético entre mim e eles. Aparecem-me como se fossem através de uma névoa que se podem ver, embora eu não o consiga.

Nunca observei que produzissem sombra; vejo-os melhor à luz do Sol ou da Lua, que na escuridão. Não sei porém se nesta os deixaria de ver. Se um objeto se coloca entre nós, e

vejo mais. Não os posso perceber de olhos fechados, nem quando viro a cabeça; mas a presença deles me é tão sensível que designo onde se acham. Ouço-os falar, mesmo quando não os ouvidos. Não posso suportar que se aproximam porque me causam sensação de queimação. Certas pessoas junto de mim sentem a sua presença, mesmo que não as vejam; algumas têm tendência ao desfalecimento e queixam-se de constrição e opressão nervosa. Alguns jamais experimentam os mesmos efeitos.

O aspecto dos Espíritos é o que tinham em vida, mas parecem acinzentados e estímulos vaporosas. Os mais brilhantes e felizes trazem roupas diversas. Uns usam um vestido longa, flutuante e brilhante, com uma cinta. Os traços dos espectros são os que tinham em vida, porém vagos e obscuros; os olhos brilham como uma chama; nunca lhes vi os cabelos. Os Espíritos femininos têm o mesmo penteado, ainda que conservem o que possuíam. Isto sugere uma espécie de véu que lhes cobre a fronte e disfarça os cabelos. Os fantasmas dos bons parecem brilhantes; os maus são escuros.

Não afirmo mas penso que os meus sentidos não os podem perceber de outra forma do que tinham como os vivos; só os mais elevados parecem flutuar, enquanto os maus se arrastam pesadamente; seus passos puderam ser ouvidos por mim e pelos que estavam perto. Têm a faculdade de atrair a atenção por outros sons além da palavra, e empregam essa faculdade para fazerem ouvir a voz e não os podem ver nem lhes ouvir a voz. Os ruídos consistem em suspiros, choques, queimaduras, machucamento de papel, o rolar de uma bola, assobios.

São capazes de mover objetos pesados, de abrir e fechar portas, apesar de poder atravessá-las, assim como as paredes. Noto que quanto mais escuro é um fantasma, mais forte é a sua voz e parece possuir o poder de produzir qualquer espécie de ruídos e outros fenômenos físicos. Os ruídos que produzem são devidos ao ar e ao fluido nervoso que conservam consigo. Nunca vi um Espírito quando produzia sons que não fosse a palavra, donde concluí que os não podem fazer nada de visível. Nunca os notei abrindo ou fechando portas, mas só imediatamente depois de ouvirem os lábios quando falam, e suas vozes são tão variadas como as dos vivos. Não posso ponderar a todas as minhas perguntas. Os espíritos perversos respondem com mais facilidade do que os bons. Evito entrar em conversa com eles. Posso repeli-los por meio de uma palavra escrita e empregada como amuleto e da mesma forma desembaraço outras pessoas.

Vi Espíritos e sobretudo os obscuros, acolherem minhas palavras com atenção, e se tornam mais brilhantes, mas isto me enfraquecia. Os espíritos felizes me fortificavam e proporcionavam sensações inteiramente diversas dos outros.

Notei que os Espíritos felizes tinham tanta dificuldade em responder às questões relativas aos interesses terrenos quanto os maus em tratar das questões espirituais. Os primeiros pertencem mais à Terra, os segundos não conhecem ainda o Céu. Não me acho em estado

versar com espíritos elevados ou santos e apenas me aventuro a algumas perguntas. Responderam-me que quando eu dormia, falava muitas vezes com meu espírito protetor, que eu creio que os santos não sei se será assim.

Vêm a mim principalmente os espíritos de graus inferiores, da região média, que se mantiveram à nossa atmosfera; o termo de região média é impróprio, seria melhor dizer região de atração forçada. São os Espíritos que aqui permanecem por atração do mundo ou ligação a ele, e os que não acreditam na Redenção ou ainda os que, no momento da morte, ficam perturbados por suas ocupações terrenas, as quais os impedem de voar para as regiões superiores.

Encontram-se nas regiões médias, muitos Espíritos não condenados, mas que ainda não podem ser colocados entre os santos. Os Espíritos purificados ocupam os mais altos graus; os que no grau inferior ainda estão expostos ao mal, o que não acontece nos graus superiores: não podem participar da felicidade celeste e da pureza dos santos.

Não se pense que a melhoria se faz lá mais facilmente; ela tem que ser extraída do esforço próprio. Lá não se encontram as distrações e dissipações do mundo. A vida do pecado pesa e resenta sob um signo com caracteres. Cabe escolher.

Os Espíritos de graus inferiores são mais pesados e estão em perpétuo crepúsculo; não podem vêem alegrar os olhos. A obscuridade não promana dos lugares em que estão, senão da condição de suas almas. Não lhes é visível à órbita do sol, e apesar de estarem em nossa atmosfera, nada vêem dos objetos terrestres. Só à custa do progresso obtêm a luz e a facultade de ver.

Logo que a luz lhes brilha na alma podem deixar a nossa atmosfera; são os que vêm a mim, porque infelizmente os posso ver e ser vista por eles. E vêm para que eu os consigne e os consigneiros têm a convicção errônea de que a confissão de algum crime que lhes pesa na consciência possa trazer-lhes repouso. Levados por esse erro preocupam-os muitas vezes mais com a única malfeitoria que o resto de suas faltas. Outros me procuram por não se podem desembaraçar de pensamentos e sentimentos que os seguem na morte. Melhor fariam se dirigissem aos santos, mas seu peso os arrasta antes para os homens do que para os Espíritos; os vejo independente de minha vontade.

Essas revelações parecerão incríveis e absurdas, sobretudo aos que supõem que os Espíritos devem saber mais que os homens. Responderei que isto não se dá com os Espíritos e falo. Eles são de condição inferior; enfronhados no erro podem, com mais facilidade que os homens, reter-se com os homens por afinidade nervosa.

Um Espírito que viveu nas trevas aqui na Terra continua obscuro na morte. Um fraco que na vida ainda mais fraco quando privado do sustentáculo da alma, que lhe serve apenas de apoio; ou antes a sua fraqueza evidencia-se quando ele fica isolado e sem apoio. Um homem

apado e unicamente preocupado com o mundo, pode brilhar na Terra por sua inteligência. Mas se seu Espírito não deixa de ser fraco e escuro, e perde a vida interior. Sucede, assim, que quando dos Espíritos um tal se apresenta inferior, de baixa condição, como não o deixaria seu mundo intelectual a sua alma arrogante e sua velhacaria.

Se um homem cultivou a alma, o espírito não pode, na morte, cair em estado de brutecimento e fraqueza. Por cultura entendemos algo mais elevado do que o compreendermos num dos homens. Mesmo nos Espíritos fracos, exceto os que se entregam inteiramente ao mundo, não se extingue por completo a centelha celeste. Procuram elevar a alma até que se purifique. Os Espíritos, purificando-se, gozam de certa felicidade na região média, e podem vir, sem chegar ao Além. Seus fantasmas e suas roupas me apareceram luminosos: espiritualizados.

Acrescentemos algumas particularidades por ela contadas ou constantes de cartas escritas por Schenmayer.

Ele perguntou: - Podem todos os homens ver os Espíritos ou só aqueles que têm olhos espirituais?

Resposta: - A faculdade de ver Espíritos encontra-se em todos; mas é momentânea; pode desenvolver-se por algo que evoque o homem interior.

A respeito do crescimento das crianças no Além, disse a Senhora Hauffe:

- Perguntei um dia a um fantasma se os seres humanos crescem depois da morte, porque alguns mortos na primeira infância me pareciam ter crescido. Ele respondeu:

- Sim, quando são levados da terra antes de terem atingido todo o crescimento. A alma completa o seu invólucro até que tenha atingido o talhe necessário. Ela é tão brilhante e transparente nas crianças como nos bem-aventurados.

Como lhe perguntasse se as faculdades das crianças ficam incompletas ou se desenvolvem depois da morte, respondeu que se desenvolviam por meio do fluido nervoso aderente à alma, e que não podíamos imaginar o poder e a pureza dos santos que conservaram o que o mundo lhes concede e que não se tinham envilecido por palavras e atos:

Os homens, entretanto, não devem desejar a morte na infância, porque uma vida onde se obedecem as leis divinas assegura um estado ainda mais feliz. Que pureza e que elevação alcançariamos, mesmo na Terra, se não debilitássemos a alma com, palavras, atos e pensamentos! Purificaríamos o corpo e exaltaríamos as nossas faculdades. A propósito disso disse a Vidente:

- Há dias perguntei a um Espírito um tanto iluminado onde estava, com quem e o que viam os que o acompanhavam. Respondeu:

- Não estou na região média, tenho certo grau de felicidade, a que se concede aos pagãos que, sem faltas, desconhecem o Senhor. Somos instruídos pelos anjos até poder ascender. Interrogada se a espécie humana podia libertar o Espírito, disse:

- Eles se devem libertar por si dos laços que os retêm. Pedem socorro aos vivos e pensam que podemos aliviá-los, porque desconhecem o Redentor. Tudo o que conseguimos é atuar como mediadores, tal como eu faço. Procuo mostrar-lhes o erro no socorro que supõem e os ensinamos a trazer-lhes. Oro com eles e busco afastá-los do mundo, mas grandes esforços são necessários para levá-los a Deus. Quando não têm boas tendências, só conseguimos incluí-los por uma graça geral que fazemos pelos nossos semelhantes.

Em muitos casos, aqueles uns tanto espiritualizados podem elevar-se por si, porque dependem da convivência com bons espíritos e o aproveitamento de seus conselhos. E o progresso é mais rápido.

Os pagãos virtuosos e os homens dignos - diz a Vidente - devem chegar à felicidade, mas é necessária a crença na religião cristã; são instruídos por Anjos, antes de penetrarem no Reino de Deus.

Quando o Cristo diz que atrairá a todos e que haverá um só rebanho e um só pastor, refere-se aos pagãos e aos reinos celeste e terrestre. Quando enviou a Boa nova aos pagãos e os trouxe ao seu seio é que lhes destinava um estado de beatitude diferente do que supunham lhes ser destinado.

Apóiam esta história os testemunhos dignos de fé e a lógica de que o faltoso pode achar um estado racional que a Vidente descreve. (*).

(*) Vemos aqui que os Espíritos mantêm no espaço a sua crença. Os comunicantes, educados na fé crescem e apresentam-na como elementos necessários de progresso. (Nota do Tradutor)

CAPÍTULO III

Ultimas explicações sobre a faculdade de ver os Espíritos apresentados pela Vidente

A faculdade de ver Espíritos, que se encontra desenvolvida em tão alto grau na Senhora Hauffe, foi verificada mais ou menos em muitos outros membros de sua família, especialmente o irmão. Este vira outrora aparições quando estava afastado da irmã; mais tarde quando viu a mesma casa, via muitas vezes os que estavam perto dela ou que atravessavam o quarto, e assim se manifestava uma vez em voz baixa:

- Há um Espírito que atravessa o aposento para ir ao quarto de minha irmã.

Apenas tinha falado, ouvimos a Senhora Hauffe conversar com um Espírito que ela via, e que estava diante de si. Ele, porém, não tivera sempre essa faculdade como a Vidente, por que um dia ela me chamou para ver o Espírito que estava em seu quarto, o que ele não conseguiu fazer num momento em que, distraidamente, coloquei-me numa posição que o ocultava a ela.

Seu filho, que tinha apenas três anos, deu também incontestáveis provas de que possuía a faculdade. Uma irmã de Hauffe, moça simples e ingênua, sentia de modo tão viva a presença desses seres imateriais, que sem os ver com os olhos podia dar uma descrição deles que correspondia a da Senhora Hauffe.

Ela dizia:

- Não os vejo com a minha vista, vejo-os do interior. Essa moça nunca se manifestou como uma médium, e gozava perfeita saúde.

Novalis crê que quando vemos um Espírito, tornamo-nos momentaneamente magnéticos. No caso da Senhora Hauffe; um copo colocado no epigástrio tornava-a mais sensível. Quando fazendo isso, eu disse à irmã dela que, quando um Espírito se apresentasse, aplicasse um copo sobre o epigástrio daquele modo. Assim ela o fez, e o Espírito pareceu mais escuro e maior, de sorte que a Senhora Hauffe ficou aterrorizada, o que não era hábito seu. Tornava-se evidente que aos olhos espirituais internos, um Espírito parece mais luminoso que aos olhos materiais. Acreditava-se que a Senhora Hauffe que provavelmente ela não via os Espíritos como eles eram.

Uma honesta e sincera jovem de Lowenstein, que assistiu a Senhora Hauffe durante algum tempo; foi obrigada a retirar-se porque via todos os fantasmas que lhe entravam no quarto, e que atravessavam o corredor; podia-os descrever exatamente como a Senhora Hauffe os via, e muitas vezes eles lhe apareciam mais assustadores. Foi a única pessoa, que sei os tivesse ouvido falar com a Vidente. Muitas eram advertidas da presença dos Espíritos por uma sensação de inquietude ou ansiedade. Os que dormiam no quarto da Senhora Hauffe foram impressionados

qüentemente durante o sono por esses visitantes espirituais, e contavam o sonho ao acordar. Assim, vida espiritual, sonho, sono, morte, tudo parecia mesclado.

Acreditava a Senhora Hauffe que uma pessoa que, ordinariamente, não tinha a faculdade de ver Espíritos, estava mais disposta ao fenômeno durante o Inverno que no Verão. Sua vida, durante esta estação, a vida da Terra é mais intensa que depois do período entre o Natal e a Epifânia, o que deixa supor que esse tempo é mais propício às aparições.

Os Espíritos podiam ser ouvidos por pessoas de diversas condições, de modo acidental quando eram esperados. Os sons pareciam leves pancadas nas paredes, na mesa, na cadeira, ou por vezes no ar; eram ainda um amarfanhar de papéis, o rolar de bolas, o ruído de passos, e sobretudo quando um espírito trevoso estava preste a aparecer, de que e de que história dará exemplos; - ouvia-se o ruído da projeção de areia combinada com a queda real de alguma substância, como por exemplo um pedaço de limão.

Os rumores eram percebidos no quarto da Senhora Hauffe e em outras partes da casa, e mesmo no meu quarto de dormir, durante todo o tempo em que ela habitou o andar inferior.

O fenômeno apresentou-se também em duas outras casas que ela habitou. Os ruídos eram percebidos por outras pessoas que moravam sob o mesmo teto; eles experimentavam, por vezes, uma estranha sensação de pressão. Ainda mais: faziam-se ouvir em casas onde nunca pusera os pés, e a quem os espíritos importunavam.

O Senhor Zenneck, negociante em Stuttgart, contou-me que depois de haver passado um tempo com a Senhora Hauffe, produziram-se durante a noite em sua casa estranhos barulhos e portas que se abriam e fechavam, assim como areia e terra jogados no quarto. Ele não morava com a Vidente, mas nunca ouvira falar de espíritos sombrios. O mesmo aconteceu ao Sr. Wagner, artista em Heilbronn. Eu percebia causa dos ruídos, mas absteve-me de declarar minhas suspeitas.

Também eu vi certa vez um espectro no momento em que a Senhora Hauffe tinha os olhos fechados. Seus contornos não me eram bem distintos; fez-me o efeito de uma coluna de vapor ou de uma nuvem com a figura de um homem. Ele estava ao pé do leito da senhora e ela estava falando em voz baixa. Disse-me ela que se tratava do fantasma de um velho que viera visitá-la algumas vezes. E de notar que na primeira aparição, sua irmã o viu e outra pessoa o observou distintamente como a Senhora Hauffe.

Os Espíritos apareciam à jovem doméstica já citada, com cores mais sombrias que as da Senhora Hauffe. Outra pessoa viu um, como sombra acinzentada, mas com contornos muito bem definidos do que eu o vira.

Em muitas narrativas de aparições citam-se os ruídos de que falamos; talvez seja esse o meio por que estes seres nos podem fazer conhecer a sua presença.

Quanto mais sombrio era o Espírito mais fácil parecia a produção dos ruídos, o que a Senhora Hauffe explicava pela maior aderência do fluido nervoso.

Esse fluido invisível para nós é um dos poderes da natureza, senão física pelo menos mecânica. Sem eles nossos músculos não passariam de carne morta; dele vem a nossa energia e o que não produziríamos a mais leve contração muscular. E o impulso do fluido nervoso através de nossas fibras que produz a contração. Enquanto ligado ao nosso corpo o fluido não pode manifestar; logo que somos libertos, ele produz os efeitos sensíveis ao mundo exterior, a luz e da matéria, por meio de uma substância tomada à atmosfera. E assim se resolve a questão de como um Espírito pode produzir sons.

Visitei a Senhora Hauffe pelo menos três mil vezes, passando muitas horas com ela e conhecia melhor que ela os que a rodeavam e as condições em que se achava. Dei-me muitas vezes cansadas para fiscalizar suas narrativas, mas jamais lhe notei uma burla. Outros, que nunca a viram nem a conheciam, falam a seu respeito como os cegos das correntes logo descobriram, sem quaisquer dificuldades, o embute.

A Senhora Hauffe nunca falava voluntariamente de aparições, porque o assunto lhe era desagradável. Quando o fazia, a meu pedido ou de outras pessoas, era sempre com uma simplicidade e convicção que até aos incrédulos impressionava. Ela considerava o dom de ver espíritos como uma grande infelicidade, sobretudo por causa dos comentários que lhe fazia, e então pedia a Deus com fervor que o retirasse. Escrevia ela um dia a uma de suas irmãs:

- Se eu pudesse impedir os espectros de me conhecerem e visitarem, eu os eliminaria imediatamente; ou faria que outros também pudessem vê-los, e minha situação melhoraria. Estou-me isolada, abandonada e desconhecida; mas como é esta a vontade de Deus, eu me calo.

Quando as vantagens e desvantagens dos que são dotados de tais faculdades os que têm o dom para o mundo visível e invisível, se equilibram - diz Kant - esse dom assemelha-se ao que Juno outorgou a Tirésias: a este concedeu a profecia e o tornou cego.

Quem se deu ao trabalho de observar a Senhora Hauffe ou pô-la à prova, convenceu-se da sua sinceridade e espírito piedoso. Ela não esperava que os outros acreditassem na realidade das aparições que Deus não lhes pedia.

Infelizmente minha vida foi feita assim - dizia ela; - os seres espirituais me vêm e eu vejo; os outros não têm essa faculdade, e tanto podem crer nas visões como considerações, se lhes agrada. Ninguém deveria desejar vê-los; eu bem sei por experiência os efeitos nocivos dessa faculdade para o cérebro.

Pedi-lhe durante muito tempo que me desse uma oportunidade de ouvir um espectro e como isso se produzisse a princípio, pedi-lhe ainda para ver um; mas respondeu-me ela que isso dependia de sua vontade.

Algumas pessoas consideram este desejo como um pecado; diz porém Eschennmayer e outros místicos, que como tais casos não são simples fenômenos magnéticos mas assuntos de interesse para a humanidade, tal como a comunicação dos mortos, considera-os como parte integrante da Medicina. Fez o mesmo pedido, e a Vidente lhe deu a mesma resposta acrescentando que o fenômeno só se produziria em certas condições é provável que aqueles que podem ver Espíritos na vida comum se encontrem em estado magnético, mas o cérebro logo reassume o seu império e eles se supõem vítimas de uma ilusão..

Muitas pessoas acreditaram que a visão dos Espíritos da Senhora Hauffe vinha de dentro de sua ambiência. Ela porém não era como certas sonâmbulas, com as quais os fenômenos são sempre provocados, como eu vi; estava só; era, manifestamente, aos olhos dos que a conheciam e compreendiam, uma criatura extremamente sensível em estado anormal.

A primeira vez em que disse ter visto um Espírito, censurei-a e a contradisse, afirmando-me aquilo uma ilusão, e, posto que o tempo e as circunstâncias modificassem minha opinião, esforcei-me sempre por persuadi-la de que os espectros que ela via não passavam de ilusões de percepção visual, como no caso Nicolai e outros. Mas a despeito disso, eles continuaram a aparecer; eram muitas vezes ouvidos e percebidos por outras pessoas, e, um fenômeno extraordinário, era logo seguido de outro.

A propósito de minha influência sobre a vista dos Espíritos, direi que a Senhora Hauffe antes de me conhecer e quando era tratada por um magnetizador que não acreditava nela, a convicção nunca foi abalada por minhas dúvidas nem pelas declarações que lhe fazia, alheios de crer, quando outros também tinham visto.

Em minha própria casa, e disso me faço fiador, não só se produziam os ruídos de jatos de água, de pancadas e outros, como uma mesinha percorreu um quarto sem nenhum contato visível; pratos de estanho eram atirados com força na cozinha, o que se ouvia em toda a casa.

Tais fatos dariam que rir a muitos, como a mim mesmo, se eu não fora testemunha de um verdadeiro eiro sangue frio. Mas isto ainda tem maior significação quando os comparo a numerosas narrativas da mesma natureza, onde o sonambulismo não intervém.

A meu pedido, o prelado de Marklin veio falar à Vidente e esforçou-se por combater-lhe a influência na realidade das aparições, sendo ele própria absolutamente incrédulo a respeito. Ele acabou com satisfação; mas nem por isso os fantasmas deixaram de vir, nem foram menos quentes as suas visitas, e quando estava ela rodeada de amigos, não somente incrédulos mas também que ainda chasqueavam dos fatos.

Uma amiga da Vidente vinhá visitá-la algumas vezes e anunciou-nos que um de seus amigos morrerá. Essa pessoa havia prometido aparecer depois de morta e esperávamos a constante que a Vidente nos anunciasse ter visto o Espírito. Mas passaram-se dias, semanas e meses sem que nada acontecesse. A amiga declarou-nos, então, que não acreditava em aparições e falara assim para fazer uma experiência: a pessoa em questão não morrerá.

Outra experiência: A Senhora Hauffe era visitada freqüentemente pelo espírito de uma pessoa morta, que nunca virá e de quem nunca ouvira falar. Um amigo lhe disse e perguntasse ao Espírito a época de seu nascimento, tão desconhecida da Vidente quanto o nome. Assim ela o fez, e o amigo procedeu a um inquérito junto aos parentes para saber se a data indicada estava certa.

- Não! - responderam-lhe.

Nosso amigo escreveu-nos e eu li a carta a Sra Hauffe, Onde se apresentava o caso com poderoso argumento contra a realidade das aparições. Ela respondeu, sem perturbar-se e respondeu a pergunta. Fê-lo, e obteve a mesma resposta. Escrevi de novo ao amigo contando o fato e pedindo se assegurasse da época do nascimento em questão. Ele aceitou e verificou que os parentes se tinham enganado a data havia sido dada precisamente.

Poderia lembrar outros fatos igualmente notáveis, mas seria preciso estender-nos sobre a privada das pessoas em causa. Sei que muitos continuarão incrédulos, mas por maior que torne a nossa convicção, não temos o direito de impô-la a quem quer que seja.

A Vidente tinha essa faculdade desde criança e a conservou, a despeito de nossos esforços. Muitas pessoas a possuem, não obstante gozarem de saúde robusta e não estarem em estado magnético. Mas costumam atribuir tais fenômenos à loucura e por isso não os estudam. Essa faculdade era natural na Senhora Hauffe e certamente desenvolvida pelo seu estado magnético.

Os indivíduos são podem possuí-la em alto grau como a Senhora Hauffe, posto certamente; muitos a têm mais ou menos. Um interessante exemplo nos é fornecido pelo conselheiro S., de Neustadt. Apesar de hígido, dos 25 aos 65 anos, e de vida intensa, tinha a faculdade da clarividência, que ia até o sonambulismo. Como a nossa Vidente, podia discernir o homem interior através do invólucro externo e possuía o dom do pressentimento.

- Uma vez. - Disse ele, - quando estava deitado na cama projetando o casamento de certa moça com um dos meus parentes, as cortinas do leito se afastaram e apareceu um braço; tirou-me da mão uma tabuleta na qual estava escrito em caracteres que eu desconhecia: - Frederika casará-se dentro de três anos, quatro meses e dois dias. Surpreendido por compreender a comunicação, tomei nota das palavras e da data. A moça não esposou o meu parente, mas casou-se mais tarde que se tinha casado com outra pessoa, na data indicada.

Isto nos faz pensar na linguagem interna, já assinalada:

Esse senhor tinha o hábito de declarar que os espectros que via pareciam de um cinzeiro alado e vestiam como em vida; era prevenido da presença dos espíritos por um sentimento de medo, - não de medo, que nunca lhes causaram.

- Notei muitas vezes - dizia ele - que os animais lhes eram sensíveis à presença, enquanto isso não sucedia às pessoas que me rodeavam. Aliás, posto que pudesse conversar e estabelecer comunicação com eles, procurava evitar-lhes a vizinhança.

A perfeita saúde desse senhor e sua vida ativa tornavam o caso dos mais notáveis.

É bem conhecida a faculdade de Swedenborg.

Disse Claudius:

- Ou Swedenborg era louco ou via fantasmas; é caso para resolver. Não podemos, porém, negar a existência dos Espíritos, e Swedenborg os viu por duas vezes, no curso de sua vida. Quando em seu leito de morte, em 1771, afirmou solenemente que os tinha visto.

- Procura-se - diz Friedrich Von Meyer - explicar as aparições da Vidente de Prevorst, comparando-as com as de Nicolai. Blake, o pintor inglês, evocava-os à vontade. Muitos outros, melancólicos, nervosos, histéricos os vêem igualmente, e estamos longe de supor que estes fantasmas sejam sempre objetivos; são muitas vezes subjetivos. Mas nesses casos é preciso contar todas as circunstâncias de que se revestem. Não podemos assegurar que as fornecidas por Nicolai e Blake não fossem simples criações de sua imaginação. Deve haver sempre a possibilidade de verdade e erro.

- Enfim - diz Eschenmayer - podem-se explicar esses fenômenos como se quiser; nós nos apegamos à palavra do profeta: - Sucederá que nos últimos dias espalharei meu espírito pela terra, e vossos filhos e filhas profetizaram e vossos velhos terão sonhos. E nesse tempo espalharei meu espírito pelos servos e eles profetizarão.

“A todo o momento - diz Kerner - um raio atravessa os mistérios da criação e penetra no interior do nosso mundo fictício. Quem olha para o Céu vê essa luz como um clarão na noite e por um instante, ilumina uma região desconhecida. Mas os que têm os olhos fixos na terra não podem ver essa luz e para eles tudo é noite. Mas a lembrança dessa região desconhecida habita sempre no espírito daquele que a viu uma vez, e todas as suas energias se dirigem para lá; mas quem não a viu, quem não a procura, fica envolvido no braço gelado da Terra de orvalho. A larva oculta na terra não pode transformar-se em borboleta senão após uma bem longa série de metamorfoses”.

CAPÍTULO IV

A crença nos Espíritos é baseada na natureza

A crença na vizinhança dos Espíritos e das almas dos mortos encontra-se em todos os povos. É inata no coração do homem e só desaparece pela educação e pela cultura. Os sábios da antiguidade falam com segurança de uma região espiritual, de uma condição média depois da morte e do peso ou da rusticidade que, depois da morte, conduz a alma impura para a Terra.

Diz-nos Platão que quando uma alma pura deixa o corpo, ela vai de imediato para Deus e para a imortalidade, mas que a alma impura que só amou o corpo, que se dedicou unicamente a fazer e se envolveu nas paixões, que não se importou com a sabedoria e conservou os olhos voltados para a Terra, esta não pode desprender-se da carne, que a faz retornar a Terra.

Os Espíritos que flutuam em torno da tumba não podem separar-se de seus corpos e conservam os meios de se tornarem visíveis. Segundo a vidente esse meio seria o fluído fluídico. Não são as boas almas, mas as dos maus que vêm visitar a Terra.

O testemunho de muitas pessoas sensatas e dignas de fé, em nossos dias, deve ser tomado em consideração. Sei de muitos cuja experiência tende a confirmar estas visitas. Conheço muitas casas que têm de longo tempo à reputação de serem visitadas pelas aparições. Poderia citar vários fatos autênticos desta natureza, mas como me foram comunicados em cartas ou em notícias, nada posso dizer, sem entretanto julgar severamente essa fraqueza humana que resulta das zombarias do mundo neste assunto.

Nota Meyer que estaríamos avançados no conhecimento das questões espirituais se não nos acássemos nas nossas pesquisas e nas nossas crenças por um temor infantil do mundo. Cite-me o caso de Lichtenburg, homem sensato e refletido, o qual refere que estando uma noite em sua cama, viu-se de repente tomado de um insólito temor de incêndio, sem de ele poder desembaraçar-se. Parecia-lhe ao mesmo tempo em que sentia grande calor nos pés, como se estivesse perto do fogo. Logo depois, ouviu-se o alarma dos sinos e notou-se que o incêndio lhe tinha invadido o quarto mas não a casa vizinha. Lichtenburg acrescenta: "Tanto quanto é possível lembrar, jamais contara este fato, porque não queria ter o trabalho de defendê-lo contra as suposições ridículas que não deixariam de suscitar, nem contra a desdém dos filósofos opositores".

Kant, esse profundo pensador, disse que não conhecia a situação do homem depois da morte assim como a maneira por que veio a terra; nem como um espírito imaterial pode existir em um corpo material e dele fazer o instrumento de sua vontade. - Não se sente - declarou -

torizado a repetir as histórias de fantasmas, mas se um fato isolado pode ser declarado provável, as numerosas testemunhas formam um conjunto que impõe a crença.

Nossa Vidente tinha a faculdade de reconhecer a forma independente da substância e a cor com sua cor sem o tecido. Desde que podemos logicamente separar a forma da substância, devemos admitir que a primeira pode existir sem a segunda, e persistir quando a substância desaparece, especialmente num mundo onde esta não existe. Há vidros diorâmicos e refletem uma pintura com suas formas e cores, como se fossem reais. E onde esta substância? Dá-se o mesmo com as almas dos mortos.

O libertino pode aparecer sob a forma de um animal ao qual se assemelha por seu modo de vida; o infanticídio é apresentado pela aparição de uma mulher com o filho assassinado e os filhos. Neste mundo, os homens têm necessidade de corpo sólido; no outro esta necessidade não existe. Quando a matéria encontra a matéria produz-se uma oposição: mas as formas substanciais da alma dos mortos passam tão facilmente através das paredes como por uma porta aberta. O fluido nervoso não deve ser confundido com as substâncias imponderáveis principalmente com as ponderáveis. É um agente superior às forças químicas e físicas e quando livre, estas não lhe podem resistir, e ele, ao contrário, pode fazer delas seu instrumento.

A Vidente tinha razão em representar os espíritos da região média como mais ignorantes que o eram em vida. Arrancados às ataduras e dependências do mundo, onde estava toda a ciência, só conservam suas últimas aspirações, sem o meio de realizá-las, e com a lembrança de suas faltas.

Dizia Platão:

- Aquele que viveu no vício torna-se mais bruto do que o era antes.

É natural supor que os semelhantes se atraem. Assim, quando é geral a ignorância e as leis espirituais, não há meio de instruir. O mau, separado do bom deve arranjar-se por si próprio e resgatar o tempo perdido na Terra por um esforço dez vezes maior. A lei moral e as recompensas futuras é tão precisa como as leis físicas deste mundo. Cada espírito deve reconhecer a sorte que então lhe cabe, como consequência natural de sua conduta. Assim abandonada a si própria, sem o sustentáculo terrestre ao qual estava acostumada; privada da luz do Sol e do aspecto verdejante da vegetação, como num país de sombra e de morte, a borboleta desenvolve as asas mais brilhantes, apesar das trevas e da solidão nas quais a transformação se opera.

Apresentadas e pesadas estas considerações, podemos extrair as seguintes indiscutíveis consequências:

1 - O peso moral, o pecado, assim como o peso físico, arrasta-nos para o solo e opõe-se à nossa separação do mundo.

2 - Quando a substância, a carne, desaparece, a forma continua.

3 - A forma desprendida da substância não só pode representar-se por uma aparência como por uma imagem etérea.

CAPÍTULO V

Algumas palavras a propósito dos fatos que aqui se relatam

A propósito dos fatos que vou narrar, limito-me a dizer que fui testemunha do mero deles, e nos que cito tenho procurado, infrutiferamente, embora com a maior atenção e ansiosa reflexão, descobrir se seria possível explicá-los pelas leis conhecidas.

Posso afirmar com segurança que os ruídos inexplicáveis de que vou tratar não podiam ser produzidos pela Vidente, nem em vigília nem em sonambulismo; com o fim de enganar e vencer o mundo da sua faculdade de ver Espíritos, como sugeriram muitas vezes; não o que ela desejava.

Muitas outras testemunhas, dignas de fé, verificaram que os ruídos não foram produzidos pela Senhora Hauffe nem por outra pessoa qualquer. Muito longe de prevalecer-se de sua faculdade de ver Espíritos, ela a considerava como grande infelicidade, e se gostasse de falar sobre o assunto poderíamos agora citar mais exemplos e pormenores. Não queria convencer ninguém, porque pensava que sob o ponto de vista religioso, a crença na realidade dos fatos era necessária. Não achava mal que não lhe acreditassem, mas sua convicção era tão profunda que, dizia ela, seria precisa fosse louca para ter dúvidas na realidade das aparições. Não ver-se-ia então duvidar de tudo que pode cair sob os nossos olhos.

Como, ao mesmo tempo, via os Espíritos com os olhos corporais, julgava possível que a faculdade espiritual se alterasse com a vista física e que os Espíritos não fossem realmente como ela recebia, e não se lhe tornassem visíveis senão em certas condições. Nunca admitiu, por um instante, que não passassem de simples visões ou ilusões oculares.

Kant observa em *Sonhos de uma Vidente*:

"As influências do mundo espiritual revestem-se de tal peso na consciência do homem que o mundo a lei da associação de idéias, formar-se-iam imagens com relação a este mundo. As concepções desta natureza podem despertar no espírito como símbolos. Nossa razão pura e pura aproxima da espiritual toma ordinariamente formas materiais para melhor fazer compreender. A sensação da presença do espírito, sob a influência da imaginação, pode volver-se de uma forma humana como gostaríamos de vê-la na vida..."

Muitas vezes apresentei a Vidente a teoria que considera tais aparições como simplesmente fenômenos do estado sonambúlico e da imaginação; pela ação do magnetismo físico e o sonambulismo podiam ser impostos a outras pessoas, assim como pela ação do magnetismo animal o sonambulismo de um sonâmbulo pode ser transmitido. Ela porém sustentava a

ida que fosse provado esse gênero de transmissão isso não demonstraria fossem os fatos produto da imaginação; significaria apenas que pessoas há que podem entrar em relação, com certeza, entre ela e os espíritos.

Citava entre outros o exemplo de indivíduos com quem absolutamente não tinha relação e nunca ouviram falar da faculdade de ver Espíritos e que entretanto, os viam no mesmo tempo em que ela os observava. Em suma, nunca deixei de insistir junto a ela sobre a possibilidade de uma ilusão, nem de lhe expor as diversas teorias propostas para explicar tudo isso pelas leis conhecidas; a sua convicção, porém, nunca se abalou.

Devemos recordar que os fenômenos eram muitas vezes acompanhados de sinais sensíveis ao ouvido e à vista; que por muitas vezes os objetos eram visivelmente deslocados e acrescentados sem intervenção de qualquer agente visível, e ainda, como lembrava, outras pessoas me freqüentemente as aparições no lugar em que ela as percebia, posto que uma ignorasse e se passava com a outra.

Não percamos de vista as numerosas e corroborantes histórias, recolhidas por toda parte que já citamos alguns exemplos. As mais notáveis confirmam incontestavelmente as afirmações da Vidente a propósito da existência entre nós, de um mundo de Espíritos. É este um assunto que o nosso orgulho e o temor do ridículo não nos permitem estudar, mesmo quando estamos secretamente inclinados a crer.

Bem sei que não é à presente geração mas às vindouras que caberá o estudo sério e a reflexão. Estas revelações que vêm perturbar os espíritos sensuais e mundanos, são mal vistas e não terão quaisquer probabilidades de ser aceitas; e eu tenho a consciência do desdém a que me exponho, relatando-os. Não me atemorizo, porém, e concluo pedindo aos humanos que vejam no futuro destino fielmente reproduzido na lamentável situação desses espíritos infelizes, carregados ao pesado fardo de crimes, que trazem nos ombros, introduzem-se entre nós e procuram avisar-nos antes que seja tarde.

CAPÍTULO VI

Fatos sobrevidos em Oberstenfeld

PRIMEIRO FATO

A casa habitada pelo pai da Sra. Hauffe fazia parte da velha catedral. Desde muito tempo diversos locatários que a tinham habitado observaram que ali se ouviam ruídos murmurantes, como pancadas nas paredes e nos tonéis da adega, jatos de areia, o rolar de bolas e certos casos sons ritmados como batidas em ferrinhos, sem que os pudessem explicar. E, em fim, a Senhora Hauffe e muitos membros de sua família percebiam de vez em quando o espectro de aparência feminina. No aposento em que o pai trabalhava ouviam frequentemente os passos de uma pessoa que ia e vinha. Ele se viu obrigado a mudar de departamento, porque sentia por vezes um animal desconhecido pousar-lhe nos ombros e nos pés. Chegou muitas vezes a ouvir o retinir de copos sem descobrir-lhe a origem.

Numa noite, em 1825, enquanto a Senhora Hauffe cantava um hino ao piano, ouviu-se repentinamente o ruído da queda de um corpo pesado. Procurou-se a causa sem resultado, e o incidente foi esquecido, tendo-se retirado para o quarto a Senhora Hauffe, a irmã e uma criada. Quando estavam deitadas sem dormir, havia um quarto de hora, quando viram a lamparina, que estava sobre a mesa, começar a mover-se; e não somente viu o deslocamento como o ouviam, mas também quanto a mesa e outros objetos se conservavam imóveis.

Quando observava esses fenômenos, a Senhora Hauffe viu aparecer perto da cama uma figura escura com roupas de cavaleiro, tão vaporosas que se lhes via através. A aparição falou-lhe assim:

- Vem comigo e livra-me das minhas cadeias. Nesse caso como em outros, a voz do espírito não parecia voz humana e as palavras eram como suspiradas. Ela respondeu:

- Não quero ir contigo - e tomada de terror lançou-se na cama onde se achavam a irmã e a criada. E disse:

- Não viram nada?

Elas responderam que não. E ela nada lhes explicou para não espantá-las. Mandou a criada ir para a cama e a irmã para o seu leito, que era defronte ao da irmã; aquela, ao apanhar as cobertas, sentiu-as arrancadas violentamente por mão invisível. Depois, disto conseguiram dormir tranquilamente o resto da noite.

Na noite seguinte, a pedido dos pais, o irmão, rapaz valente, estendeu-se sobre um parapeito, no quarto delas, a espera da aparição. Precisamente às 11 horas, a luz apareceu, transportada, de maneira a que vissem e ouvissem, e o Espírito reapareceu. Ela gritou:

- Ei-lo aí.

Mas os outros não o perceberam embora tivessem visto o movimento da lamparina.

O espectro ficou perto da cama da Vidente que reconheceu nitidamente a forma de um velho. Parecia ter 50 anos e apresentava um ar triste. A cama da Vidente e a do irmão começaram a ser sacudida de modo visível, e diante do irmão, o Espírito ameaçou:

- Se não vierem comigo, eu os farei passar pela janela.

Ela respondeu:

- Em nome de Jesus, faça-o.

A forma desapareceu para voltar depois, dizendo:

- Precipitar-te-ei no fundo da adega.

Deu ela a mesma resposta; a entidade evanesceu, para voltar três vezes, ameaçando air e ela não a inhalá-la; desde, porém, que ela lhe disse:

- Não terás o poder de fazê-lo - retirou-se e ficou três noites sem voltar.

Na terceira noite apresentou-se novamente perto da cama e declarou:

- É preciso que venhas comigo! Oculte alguma coisa debaixo do assoalho. Há lá um Espírito e muitas moedas. É preciso que eu as dê e depois terei repouso!

Ela explicou:

- Eu não irei contigo! Isso não te fará feliz! O fantasma sumiu.

Este acontecimento abalou-a muito e ela ficou doente sem poder mais se levantar. Seus pais então fizeram ir para o andar superior onde dormia, esperando que não fosse mais perturbada. Mas o Espírito apareceu-lhe durante sete dias, a toda o momento do dia e da noite quando ela estava em sonambulismo como acordada. Disse-lhe que pertencia à família Meyers de Litchenberg; que assassinara o irmão e era essa a causa de sua desgraçada situação; pediu-lhe que havia qualquer coisa de importante em certo subterrâneo da Igreja; ela por sua vez fazia preces e lhe opunha sempre o nome de Deus. Quando o viu ajoelhar-se, aproximou-se lentamente com ele, e aos poucos lhe tirou a idéia de que poderia achar alívio com o Espírito. Entendia.

Nas três primeiras noites em que ele veio ao andar superior, os pais da Vidente ouviram passos na janela, e foi retirado um vidro antes da aparição. Na sétima noite ele veio exatamente na mesma noite quando ela estava perfeitamente acordada, e agradeceu o havê-lo reconciliado com o seu Redentor; acrescentou que estava próxima a hora de sua libertação. Ajoelhou-se na cama e orou com ela pela última vez. O fantasma nesse momento tornara-se mais brilhante.

is alegre. De repente, apareceram sete crianças brancas, também brilhantes e alegres: er
is filhos, e cantando melodiosamente formaram um círculo em torno dele. Cantaram toc
itos e ela adormeceu cantando.

Acordou pouco tempo depois e conversou com o espectro. Ele quebra fazer-lhe um si
mão, porém ela recusou. E só a deixou, quando a avó da Vidente, seu espírito protetor, v
locar-se entre ambos; tomou ele então dois filhos pela mão e todos desapareceram. Por mu
npo ela se lembrou desse fantasma com um duplo sentimento de alegria e melancolia.

Nessa época a Senhora Hauffe, quando em sonambulismo, tinha o hábito de fazer si
ições, só, na cozinha deserta. Ajoelhará-se certa manhã, quando viu aparecer um pequ
itasma com um capucho sombrio e uma face enrugada. Inclinou ele a cabeça para frent
iou-a fixamente durante alguns instantes. Ela, assustada, precipitou-se para o andar super
de estavam seus amigos, porém nada lhes contou do que vira.

Em outro dia, ele lhe apareceu quando ela orava e lhe disse:

- Venho a ti para aprender a conhecer meu Redentor.

E durante um ano, a partir dessa época, o fantasma aparecia a qualquer hora do dia, q
estivesse dormindo, quer acordada. Às sete horas, entretanto, pedia-lhe invariavelmente c
isse com ele, dizendo:

- É preciso tratar-me como a uma criança, instruindo-me na religião desde as primei
ções.

Acrescentou que lhe pesava um assassínio e outros crimes, e durante anos errara aqu
olá, sem poder formular uma prece. Ela o instruiu, e a aparência dele se foi clareand
nando-se mais alegre. A aparição era precedida por pancadas nas paredes, ruídos no ar, se
vidos por muitos, como o podem atestar vinte testemunhas dignas de fé.

Noite e dia ouviam-se pesados passos subindo ou descendo escadas, pancadas nas pare
na adega; não se percebia ninguém. A cada instante as pessoas precipitavam-se para o lo
s ruídos, a fim de lhes descobrirem origem, sem resultado nenhum. Se saiam, as panca
soavam no interior, se entravam, produzia-se o contrário. Fechavam, entretanto, c
idado, a porta da cozinha; haviam-na até amarrado com cordas e de manhã encontravam
ertas. Posto que as pessoas se precipitassem, ouvindo-as abrir ou fechar, nunca encontrar
da. O ruído da madeira que se quebra, ou de pratos que se chocam, do crepitar do fogo
no, eram ouvidos freqüentemente, sem que jamais se pudesse descortinar a causa. Perceb
muitas vezes ainda o som de ferrinhos. E não só a Senhora Hauffe, senão outros membros
nília, viam sempre fantasmas de aparência feminina.

O ruído nessa casa tornou-se tão intenso que o pai da Vidente acabou por declarar que não queria mais morar ali. Não eram somente os habitantes da casa que os ouviam, mas os carros passavam na rua e paravam para escutar.

A Senhora Hauffe dizia no sono que os maus espíritos queriam impedir que o outro ora morasse com ela, para que não o abandonasse. Uma noite, depois de uma barulheira pior que as demais, um fantasma lhe apareceu com o aspecto sombrio e desconsolado. Ela fugiu e caiu na soleira da porta sem poder levantar-se. Sentiu então que passavam a mão em seu braço direito e viu um fantasma feminino que a seguia. No dia seguinte, como caísse de novo na escada, por um pacto falso, o mesmo fantasma veio auxiliá-la. Ela estava então perfeitamente acordada. À noite seguinte apresentou-se e lhe agradeceu haver orado com ele. Apareceu-lhe uma vez mais na companhia de um fantasma feminino, grande, forte, que trazia um recém nascido nos braços. O espectro, que a Senhora Hauffe reconheceu e fora visto muitas vezes por sua família, ajoelhou-se e orou com o outro fantasma.

Este se apresentava até no campo. Assim, quando ela voltava um dia de Bottwar com seus filhos, e outra vez na estrada de Gronau, ele veio às sete horas e flutuou diante dela. A Vidente deslizava antes do que corria, de sorte que os que estavam com ela não conseguiram acompanhá-la e não viam mais seus pés tocarem o solo. O espectro precedeu-a até que chegaram à cozinha onde ela se ajoelhou e orou. Depois do que, conversou com ela, dizendo mais ou menos:

- Agora um Sol se ergue e brilha em mim.

Ela perguntou-lhe um dia se as outras pessoas lhe falavam nitidamente como o fazia e ela respondeu:

- Eu os ouço por teu intermédio. Quando ouves os outros, os pensamentos deles se fixam em ti e eu os leio.

Como lhe perguntasse porque fazia tanto alarido, disse que era para forçar os homens a pensarem nele, o que lhe dava consolo e mitigava as mágoas. Quando ela cantava ao piano, o espírito começava logo a bater na parede, sobretudo com a canção - "Como é grande a bondade".

Os habitantes da casa não o viam, com exceção do pai, do irmão e da jovem irmã. Ele parecia sob a forma de uma serpente de prata. A mãe de Hauffe nunca viu o espectro mas sentia a respiração, assim como a irmã mais velha. Ele a acompanhava à comunhão e lhe dizia "Comaste-a por mim".

Um guarda-florestal, de nome Boheim, que não queria acreditar na realidade da aparição, colocou-se a cabeceira da Senhora Hauffe, na hora em que aquela se produzia. Achava-se adormecido há alguns minutos quando começaram os ruídos e especialmente o da queda de um co

sado. Boheim desmaiou. Quando tornou a si, contou que logo depois do golpe vira um homem sombrio ao canto da parede; ela se foi aproximando da cama onde tomou a forma e vestes de um homem, que se colocou no caminho da porta e não o deixou sair. Quando assistentes vieram socorrê-lo, espantou-se de que viessem na direção do espectro e não do homem. Um cão pogenço (*) preto, que estava na casa, tinha muitas vezes a noção da presença do espectro e arrastava-se uivando para junto dos donos; não quis mais ficar só durante a noite.

(*) Pogenço. Cão destinado à caça dos coelhos. Nota do Tradutor

Objetos eram deslocados por mão invisível, copos e garrafas retiradas da mesa e colocados no chão, assim como os papéis que se achavam na escrivaninha do pai da Vidente; por vezes até faziam-nos voar para ele.

Quando a Senhora Hauffe veio a Kurnbach, em novembro de 1825, o espectro chegou e disse:

- Onde estás devo estar também; breve, ficarei mais tranqüilo.

Todas as noites, entre 11 e 12, ela lhe ensinava religião como a uma criança, e uma vez disse:

- Vou permanecer sete dias sem vir, porque tua protetora está ausente por um negócio que sobreveio à tua família e de que ouvirás falar na quarta-feira. E sem ela não voltarás.

Contou a Vidente pela manhã o que lhe dissera o Espírito e na quarta-feira recebeu uma carta anunciando que seu avô, o marido do espírito protetor, de cuja doença ninguém suspeitara, falecera. Decorridos sete dias, o espectro reapareceu, e como lhe perguntava porque a protetora a tinha abandonado, respondeu:

- Ocupava-se com o marido moribundo.

Lembraram-se então do sonho que o avô tivera sete dias antes de morrer. Disse o espectro:

- Estou tão adiantado agora, que pude ver o morto atravessar um magnífico vale. Breve serei admitida ali.

Ela estava em Kurnbach e ouviam ainda o espectro em Oberstenfeld. Depois voltou a fim dela. Tornando para Lowenstein, ele ainda a acompanhou, flutuando perto do carro e os ruídos que produzia foram ouvidos por muitas pessoas. Mas com o esclarecimento do espectro enfraquecendo. E a 6 de janeiro de 1826 apareceu-lhe pela última vez.

Dissera-lhe na tarde precedente:

- Far-te-ei breve, uma última visita.

No dia seis era o batismo do filho da Vidente. Depois de haver agradecido o interesse que tomara por ele, pediu-lhe que durante o batismo cantasse certo hino para ajudá-lo a alcançar a tranqüilidade. Isso foi retardado pela presença de estranhos. Estavam todos à mesa e a Senhora

uffe no quarto com uma empregada, quando a porta se abriu e fechou. A criada compreendeu-se, mas a Vidente não lhe revelou a causa do fenômeno.

O espectro renovou o pedido. Ela chamou então a mãe e lhe contou o que se acabava de passar, mas a mãe esperou que todos se retirassem. Depois de duas horas, a porta abriu-se e fechou-se de novo, de modo a que percebessem. E o espectro, colocando-se diante dela disse com voz queixosa:

- Já é tempo de cantar o hino.

A Senhora Hauffe falou novamente a progenitora, que resolveu contar o caso a todos. Uns e outras assistentes foi logo para o piano, e enquanto cantavam o hino, o pai da Senhora Hauffe ficou com o espectro perto do pianista, com fisionomia alegre. Impressionado, foi para o aposento do pai. Lá encontrou um fantasma feminino, que parecia triste, e tinha uma criança nos braços. Enquanto cantavam a Senhora Hauffe chorava.

Depois de umas tantas indagações, fez-se uma escavação perto da cozinha e descobriram os ossos de uma criancinha.

Durante o período que esteve com seu tio, em Lowenstein, ao mesmo tempo em que parecia este segundo fantasma, a Senhora Hauffe via um velho todas as noites, vestido com um roupão, tendo um chapéu pontudo e com um maço de papéis na mão: passava ele de um departamento para o outro em que ela se achava: Notou-o muitas vezes porém não se falou dele. Em um período seguinte esse fantasma foi visto e ouvido por outras pessoas, sendo verificada a realidade de suas aparições constantes.

VII

Fatos sobrevindos em Weinsberg

Primeiro Caso

A Senhora Hauffe veio a Weinsberg a 25 de novembro de 1826. Ela não conhecia ninguém nem mesmo a mim, e habitava um pequeno aposento no andar térreo, perto da casa e acima da adega do senhor Fezer, do qual nada conhecia. Este senhor, que lhe era inteiramente estranho, nem sabia que ela morava lá; só veio a conhecê-la por mim e pelos fatos que seguiram.

É possível que a Senhora Hauffe tivesse ouvido dizer que um certo K. tratava os negócios de F., de maneira deplorável; mas se tal aconteceu, ela não se lembrava absolutamente. E mesmo se morrera havia alguns anos; ela nunca o vira, nem tivera qualquer notícia em relação aos negócios dele ou do sr. F., de quem não se falava mais em público.

Na primeira noite, caindo naturalmente em transe magnético, antes que eu a tivesse magnetizado, disse que havia perto dela um homem de aspecto lastimável, que esperava alguma coisa sem que ela pudesse saber o que fosse: A 24 de dezembro, disse ainda orgulhada em sono magnético:

- Aqui está aquele homem; ele sai da adega, situada aqui em baixo, quando estou dormindo; deveria retirar-se, porque perturba meu sono e nada posso fazer por ele. Vou mostrar onde ele fica na adega: é por traz do quarto tonel; ele sai quando adormeço. Oh! como é vesgo do olho direito! Lá vem ele; não pare; nada posso fazer... não há alguém que possa ajudá-lo? Ele persiste em me fazer sinais e deseja falar.

A 25, apresentei F. pela primeira vez, porque pensei que o fantasma fosse algum parente seu. Disse:

- Ei-lo ainda! Ele me perturba o sono; que é que quer me mostrar? Um pacote de desenhos e um infólio. O canto direito superior está voltado para baixo; no esquerdo há um desenho. Sob a primeira série de desenhos vejo um 8 e um 0 que não posso ler mais. Isto começa a lembrar-me de J. Esta folha se acha em baixo de outras, e ele não lhe presta atenção. Quer que fale dele para o meu médico e teve o caso ao seu conhecimento. Por que ele me atormenta? Não poderia dizer isto à sua mulher? Propunha-se dizê-lo antes de morrer, porém não supunha falecer tão depressa e agora isto adere à sua alma como parte de seu corpo.

É realmente exato que essa pessoa morreu inopinadamente. Ela lhe descreve os traços com exatidão, especialmente o olhar vesgo, que reconheço nela o defunto K. Ela acrescentou:

- E preciso que me afaste dele; não o posso suportar um dia mais.

A 26, em profundo sono magnético, ela procurou descobrir onde estava o papel. E disse:

- Ele se encontra numa construção, a 60 passos de minha cama. (É preciso notar que nenhuma Hauffe nunca vira essa construção). Noto um quarto grande e um pequeno. No último personagem muito alto trabalha diante de uma mesa. Ei-lo que sai e volta. Atrás de sessenta assentos há um maior onde estão muitas caixas e uma mesa grande. Há uma grande caixa que dá acesso à entrada da porta que está aberta. Mas as caixas não pertencem ao homem. Na minha mão há três maços de papéis; no do meio encontra-se a folha que o atormenta tão vivamente.

Reconheci o edifício por ser a repartição do superior Bailio, e acreditando que se tratava de uma simples visão da Senhora Hauffe, fui a ele e lhe pedi que nos permitisse folhear os papéis para não me desenganá-la.

O Bailio, que considerava isso como um sonho, disse-nos, entretanto, que ela estava certamente afirmando que ela trabalhava naquele momento; que era igualmente exato tivesse ido ao departamento vizinho e que observava a tampa da caixa aberta. Posto que abalados por essas coincidências, convencemo-nos de que tudo não passava de sonho, quando pesquisando os papéis, talvez apressadamente, que se achavam, aliás como ela os havia descrito, foi-nos possível descobrir o que procuravam. Pedi ao Bailio que viesse assistir-nos, com testemunha, à primeira vez que a Senhora Hauffe adormecesse.

Após haver prescrito o seu testamento, ela falou-nos de novo nesse homem que chamamos "homem-de-detrás-do-quarto-tonel", onde - dizia - o via todas as noites, reprovava-me por não termos procurado o papel com mais cuidado, e me pediu que o fizéssemos. Descreveu com mais precisão onde se encontrava, e acrescentou que estava envolvido num grosso papel escuro, e esclarei que não havia lá nada parecido e que tudo isso era um sonho. Ela respondeu-me com calma que era preciso achar o papel e que ele seria achado.

Com o fim de tranquilizá-la, quando ela voltou ao assunto no seu sono da noite, eu que conhecia absolutamente o seu caráter e considerava tudo como sonhos, dei-lhe uma folha de papel onde se achavam diversos números, e em baixo a cifra 80, dizendo-lhe que era o que ele estava procurando.

- Não! - Replicou-me - O papel está no mesmo lugar e os desenhos nele impressos são muito mais regulares que este.

A 31 ela disse:

- O homem-de-trás-do-tonel ameaça privar-me do Céu se não descobrir o papel; ele não sabe o que fazer. Morreu pensando nisto e isto o prende a Terra sem deixar-me um momento de paz.

o papel fosse achado, ele poderia, orando, encontrar tranqüilamente. Pelo amor de Deus cure-o! Se eu pudesse caminhar, logo o acharia.

Vimo-la ainda mais agitada ao acordar, e era evidente que essa perturbação do sono a afetava e lhe prejudicava a saúde. Voltei, pois, ao Bailio e solicitei que nos permitisse nos socorrer. Encontramos, afinal, num invólucro, como descrevera a Senhora Hauffe, uma folha de papel que correspondia exatamente as suas indicações, até a do canto dobrado em baixo. Infelizmente, me deu viva emoção, porque era evidente que isto tinha sido feito havia muito tempo. O papel continha a única prova onde se mostrava que o sr. K. tivera uma escusa particular, não encontrada após o seu passamento, e de que, como se dizia, sua mulher afirmava não ter tido nenhum conhecimento.

Convencionamos, eu e o Bailio, não dizer nada sobre o descobrimento do papel, e ele prometeu assistir ao sono, à noite. Apesar de não lhe haver pedido, eu previ que ele traria o papel para mostrá-lo.

Como de hábito, ela tratou do assunto dizendo:

- Ele ainda está ali; porém mais calmo; o papel deve ter sido achado.

Eu disse, acreditando que o papel estivesse no bolso do Bailio:

- Se ele foi encontrado, onde está?

Caiu em uma espécie de estado cataléptico, semelhante à morte, mas com os traços da vida. Explicou imediatamente:

- Os papéis não estão longe daqui. Ah! que surpresa! O que o homem tinha na mão e abriu, aberto; posso lê-lo melhor agora: "Para ser transferido para meu livro particular". Lá estava o que ele me mostrava sempre. Ele queria atrair a atenção para o livro. Que se deve fazer com este papel? Tremo ao pensamento do que fará esta pobre mulher. Previnam-na! Ele terá algum repouso e poderá aproximar-se de seu Redentor.

Essas palavras espantaram o Bailio, como me declarou mais tarde; ele pusera o papel na posição exata que ela descreveu.

A 1 de janeiro, disse ela que o homem desejava que a esposa fosse avisada de que deveria fazer alguma coisa, sem o que seria mais infeliz que ele, e declarou que ela mesma escreveria.

Quando vim vê-la, a 2, ela estava inteiramente acordada, estado no qual nada sabia de negócio, e me disse: - Na última noite tive grande medo às 9 horas pedi alimento; a criada trouxe e vim deitar-me. Estava acordada quando, de repente, ouvi perto da cama o ruído de alguém que escrevia. Olhei e vi, assentado à mesa, um homem a escrever num livro pantada, fechei os olhos sem ousar abri-los até que o sono sobreveio.

No sono magnético que se seguiu, perguntei-lhe se aquilo não fora sonho e ela respondeu:

- Não, era o morto; ele desejava por meio desse livro, atrair a atenção sobre seu canher particular. Vestia uma roupa de lã branca e chinelos semelhantes aos que usava quando estava no canhenho. Quer que eu advirta a mulher; mas terei que arcar com muitos sacrifícios para achar esse livro e ficarei doente sete dias.

Em consideração à família desse homem e à saúde da Senhora Hauffe, este caso exigia: assim mergulhei-a em sono mais profundo e roguei-lhe que abandonasse a preocupação de sua saúde. Ela me disse, porém, que a advertência lhe fora imposta pelo momento um dever. E o que aconteceria se ela não o enviasse?

A 3 de janeiro me disse bem acordada:

- Hoje, às 3 horas, - esse homem voltou. Abriu a porta de modo a ser visto; entrou e voltou-se de novo à mesa para escrever. Tinha uma roupa branca flutuante, um chapéu branco e chinelos.

Uma senhora que dormia no quarto da Senhora Hauffe declarou que o ruído da porta ao fechar-se, a tinha despertado. Olhou e viu uma forma, como nuvem acinzentada, dirigir-se para a mesa. Chamou a Senhora Hauffe, que não respondeu. E também, em seu espanto, levantou a cabeça nas cobertas.

Nesta mesma noite a Senhora Hauffe, adormecida, ditou a seguinte carta à irmã:

"E preciso que eu escreva a essa infeliz e inocente mulher e lhe diga: seu defunto marido aparece-me todas as noites, e mostra-me um papel que está no escritório do Bailio, e indica as palavras: "Transcreva no caderno particular". Do outro mundo sua alma me pede advirta-a que não perjure. Em nome do Redentor e do marido, não oculte nada em seu coração e não permita que essa atormentá-la mais tarde. Não se zangue comigo, não sou responsável por isso e esqueça o que me lembro quando acordo. Nunca a vi nem a seu marido e nunca ouvira falar desse negócio até o dia em que ele me veio pedir que procurasse o papel, porque esse pensamento lhe tira todo o sossego; faça agora o que lhe ditar a consciência. Que Deus a auxilie assim como a sua família. Salve do erro".

A Senhora Hauffe não teria repousado se esta carta não fosse enviada. Remetemo-la, pensando que considerávamos tudo como a ilusão de um defunto, mas aconselhamo-la a comparecer com a Senhora Hauffe quando ela estivesse acordada, como o desejava ela vivamente e ela consentiu.

À noite, antes que ela dormisse, escrevi-lhe as linhas seguintes:

"Se, quando essa mulher vier, achar que ela é inocente em atos e pensamentos, e chora por causa da posição que a atinge, não ficará você aflita por ter dito que o marido não podia ter cometido o crime após a morte?"

Lendo a carta, disse-me:

- Uma mulher pesarosa virá? - Depois, dormindo, escreveu com os olhos fechados:

"Quer isto moleste meu coração ou não, meu espírito deve passar corajosamente adiante, venha a aflita antes que seja tarde, do futuro que a espera".

A senhora K. veio à noite com o magistrado T. e quando magnetizei a senhora Hauffe, e perguntou logo que adormeceu, em que eu pensava quando fazia os passes, porque senti em mim uma força excepcional.

Respondi:

- Penso na viúva desse trêspassado, que está aqui para falar-lhe. Ela declarou que estava bem, e depois de ter, segundo o hábito, feito algumas recomendações a seu respeito, voltou para a senhora e lhe disse com calma:

- Que lhe direi? Meu cérebro não sabe nada, é meu espírito que fala e se, acordada, não tivesse o que ele diz, isto me mataria. Escute: não sei quem a senhora é, nem seu marido; mas ela está estranha aqui. Mas, constantemente, desde que me deito acima desta adega, seu marido aparece todas as noites, pedindo-me para procurar um papel e adverti-la que não se devesse ocupar no assunto por um pensamento terreno, que a tornaria mais infeliz do que ele o é.

O papel foi encontrado; fizera-na saber isto, e ele estão mais calmos.

A Senhora K. afirmou-nos que não tinha a menor idéia disso; que o marido não comunicava seus negócios; que nada sabia de um caderno particular nem lhe pediram qualquer documento a respeito. A Senhora Hauffe declarou-lhe que tudo isso ainda podia; sucedeu perguntou se consentia que procurassem o caderno. Depois, ficou durante uns tempos em um estado excepcional, frios e como morta, estado de que a retirei com dificuldade, por passes. Ela entrou logo seguida fervorosamente com a Senhora K. e esta a deixou profundamente impressionada.

Só poderão fazer idéia da originalidade e da realidade desta história, os que observarem desde o começo o desenvolvimento desse caso, ou que estiveram em relação com um dos interessados, especialmente a Senhora Hauffe; e poder-se-ia acusar de má fé os que, tendo a facilidade de edificar-se, falassem ainda de fraude.

Tentaram como sempre, explicar esses fatos por causas naturais; quanto a mim, que tive melhores meios de certificar-me, devo não só manter minha convicção, senão apoiá-la com o testemunho que o Bailio trouxe, para responder às indagações de amigos.

"A Senhora Hauffe veio aqui, como estranha, para confiar-me aos cuidados do Dr. Kerr alugou um compartimento perto da porfia dos armazéns de F. cujos negócios tinham sido via algum tempo antes, conduzidos tão deploravelmente por K. que ele perdera mil florins para recuperar esta soma, foram tomadas diversas medidas contra a viúva e os filhos de K. especialmente para lhes fazer entregar um canhenho particular, ao qual se faz alusão em documento. Tais fatos eram absolutamente desconhecidos da Senhora Hauffe. (Segue-se

rativa de todo o caso, que é inútil reproduzir). O Bailio assegura francamente que ninguém sabia que ela abrisse e desdobrasse o papel antes de ir à casa da Senhora Hauffe, e acrescenta que estiverem dispostos a acreditar que tudo não passa de um estratagem de F. para honrar a viúva de K., perguntarei como explicam que a Senhora Hauffe tenha podido escrever meu modo de trabalhar no escritório, em momento desacomodado, como ter encontrado o cofre aberto, num aposento onde estou certo de que ninguém, salvo eu e os meus, havia penetrado na semana. Enfim, como pôde ter conhecimento de um papel dobrado embaixo da porta que ninguém o vira desde alguns anos? O Superior Bailio Heyd".

Devo repetir que F. não conhecia absolutamente a Senhora Hauffe e só via vê-la a modo de estranho, a propósito desse caso, de cujos pormenores ele soube com a maior surpresa. Ele revelou depois disso apenas duas vezes e só voltou para assistir a algumas experiências.

A propósito assim se exprime Eschenmayer:

"A Senhora Hauffe, que acabava de chegar a Weinsberg e não conhecia a localidade nem os habitantes, nem mesmo seu médico, viu uma pessoa morta com um papel na mão, escreveu; o fantasma lhe disse onde estava o papel e que não teria descanso enquanto não fosse achado. Ela contou o fato e pintou o homem com tanta exatidão, que logo reconheceram. Para tranquilizar este espírito, ela levou o médico a procurar o papel, indicando exatamente onde se achava, ao mesmo tempo em que apresentava os detalhes do aposento contendo; tudo estava certo".

"O médico, que supunha tratar-se de uma alucinação, procurou o papel no local indicado e o achou. Entretanto, o dono da casa verificava que os demais pormenores eram exatos. Ela declarou que não achara nada; ela queixou-se, porém, de sua negligência e insistiu na necessidade de procurar de novo, e deu outras indicações. Assim, ele o fez e encontrou exatamente no ponto em que ela declarou que estava, e onde permanecia havia seis anos. Não disseram que o papel tinha sido encontrado. Entretanto, logo depois, ela revê o homem parecia mais contente e concluiu que pelo descobrimento. Esforçou-se por vê-lo e o descreveu ao Bailio o havia redigido. A solução do fato encontra-se nas seguintes palavras: "Querido fazer desse papel? Tremo com o pensamento do que fará essa pobre mulher se não sobreviverem. Mas é preciso preveni-la. Somente assim terá repouso e poderá, pela paz, reconciliar-se com o Redentor".

"O papel revelava a existência de um caderno secreto que haviam perdido de vista. A viúva estava para ser intimada a apresentá-lo, sob juramento. O fenômeno tinha como resultado adverti-la, a fim de evitar que ela cometesse um ato capaz de torná-la mais infeliz ainda com o marido. Tal era a consequência moral da aparição do espectro".

"A Senhora Hauffe não tinha relações em Weinsberg, e não conhecia ninguém interessado no descobrimento do papel. Aliás, F. estava sozinho no caso; ela só o viu quando o Dr. Kerl apresentou, depois que lhe falou na aparição. Que razão haveria da parte dos incrédulos punir a Vidente? Desde que os fatos não podem ser explicados por uma ilusão, negá-la por em dúvida sua moralidade e sua sinceridade.

"Um fato notável é que todas as coisas reveladas pelos clarividentes chegados ao terceiro grau, tendem a desenvolver a moralidade e os sentimentos religiosos. Como harmonizar o que ela diz a este respeito com uma fraude caracterizada? Os que a caluniam dizem que um caluniador é tão mau quanto um embusteiro. Como se poderá ater que uma pessoa, cuja vida foi uma longa série de sofrimentos e provas, que anunciou sua morte próxima e mostrou claramente os castigos que aguardam os enganadores além da tumba, se desagrassasse toda a sua vida a praticar um tal sistema de fraude?

"Os que estão afastados não podiam ser bons juizes em semelhante caso. O que podem fazer é traçar um ligeiro esboço. E preciso encarar os seus diversos estados para sentir a intuição da sinceridade que inspirava aos que a conheciam. A limpidez e a pureza que sempre observaram nela, estava acima de qualquer fingimento humano. Se a dialmagem diz São Paulo, pode tomar aparência de um anjo, isto não é possível ao homem. Estar convencido, há muito tempo; de que as aparições daquela espécie são permitidas para mostrar às criaturas sua impotência e a insuficiência de suas leis naturais, às quais se ligam como o verme a um torrão de terra.

"Certamente, a natureza é para o espírito uma base que lhe permite atingir as regiões da verdade eterna, tão acima das leis naturais. Este reino da liberdade estende-se a toda a espiritualidade do Universo, e o homem é apenas um elo acrescentado a essa cadeia; e como a verdade é desdenhada, esquecida e rejeitada pelas inteligências terrenas, os instrumentos empregados são enviados para confundi-los.

"Diz Fezer: "Apesar de não crer nas aparições e desconfiar dos sonâmbulos, meus olhos convenceram-me de que nesse caso não havia burla. A Senhora Hauffe era absolutamente estranha; eu a desconhecia quando alugou o compartimento ao representante, e os que a rodeavam nada conheciam do negócio de K., nem tinham nenhuma relação com ele. O fato, há 7 anos antes, já não era assunto de conversa, e a questão me era indiferente que, quando me falaram do documento, tive, a princípio, dificuldade em lembrar-me dele. Nunca disse do caso uma palavra a quem quer que fosse, e ninguém, além do magistrado, desconhecia ou fora levado a tratar dele.

"Estou absolutamente certo de que a vidente não tinha a menor noção da história, tais como as que ela não interessava a ninguém além de mim. Por mais incompreensíveis que sejam os fatos, estou convencido de que não podem ser postos em dúvida.

"O que aqui afirma é a simples verdade que pode ser verificada por documentos oficiais e que eu tenho a todos o direito de fazer de minha declaração o uso que quiseram. Fezer."

O segundo caso

Já dissemos que a Senhora Hauffe e sua família ouviam freqüentemente um ruído conduzido em ferrinhos, e, no mesmo período, viu uma forma feminina que lhe apareceu muito triste, e com um filho nos braços. A aparição seguinte parece ter relação com esses fatos.

A 6 de outubro de 1827, quando estava com outras pessoas no quarto da Senhora Hauffe, a porta abriu e fechou-se. Tratamos logo de pesquisar e não vimos ninguém que tivesse produzido o fenômeno. É supérfluo notar que se uma porta pode abrir-se por si, só se pode fechar por impulso que lhe fosse aplicado. Logo depois, ouviu-se um som metálico, doce, no quarto em que estávamos; durou alguns minutos, porém não se viu nada. No dia seguinte pela manhã, achava-se a Senhora Hauffe no quarto com uma só pessoa, quando o mesmo som se reproduziu. Logo depois viu ela uma forma feminina na soleira da porta que dava para a câmara. O fantasma era alto, magro, pouco idoso, com roupas escuras, cheias de dobras; tinha na cabeça o véu; que se observa constantemente nos espectros femininos. A Senhora Hauffe reconheceu a mesma forma, depois do que se ouviu o som dos ferrinhos ou pelo menos um som que se assemelhava. A Senhora Hauffe ouviu o fantasma dizer claramente:

- Quem está, como eu, nas trevas, sofre cruelmente?

Voltou no dia seguinte, porém não disse nada.

Na noite de 15 para 16 a Senhora Hauffe foi despertada por esse fantasma que ficou perto de sua cama e declarou:

- Eu não queria ser feliz e sei que só o seria pelo meu Redentor. Como me aproxima de mim?

A Senhora Hauffe respondeu:

- Orando ardente e constantemente para que lhe conceda a graça e o perdão.

O fantasma desapareceu.

Na noite de 31 voltou e disse:

- Quer orar comigo?

A Senhora Hauffe reconheceu o espectro que vira em C. berstenfeld, com uma criança e algumas vezes acompanhada por um homem. Ela orou e respondeu:

- Reza, eu não posso orar contigo.

O espectro ficou triste e desapareceu.

Na noite de 27 o espectro voltou e pediu de novo que orasse com ele, o que a Senhora Hauffe recusou. Quando lhe perguntei a razão, disse-me acreditar que as preces não seriam eficazes, que tinha medo e isto a punha doente. A 30, quando a família estava em Oberstenfeld o irmão viu o mesmo espectro que já vira antes, passar pela porta do quarto.

A 4, veio com os braços cruzadas no peito e olhou para a Senhora Hauffe em silêncio e tristeza. Quando reapareceu, muitas noites mais tarde, o filho da Senhora Hauffe viu-o a princípio, como ao aspecto de pessoa conhecida, mas logo inclinou a cabeça no ombro e o carregava, como se tivesse medo. É evidente que se lembrava de tê-lo visto em Oberstenfeld.

O Espírito voltou com roupas brancas, e declarou:

- Chegou o momento de reconhecer que Jesus era filho de Deus. É o tempo da reunião dos Espíritos felizes. O homem só pode ser salvo pela graça. Peça pelo fortalecimento de minha alma. A Senhora Hauffe orou e ele não apareceu mais.

Quatro anos depois e dois após a morte da Senhora Hauffe, houve circunstâncias que poderiam servir para provar a realidade dos fenômenos visto por ela, pelo menos para os que não têm o interesse de negar os fatos, desde que não concordem com suas idéias sobre Deus e o mundo.

Quatro anos depois que a Senhora Hauffe morreu em Oberstenfeld, o magistrado Pfaff comprou ali uma das casas da velha catedral e a reconstruiu. Sob a catedral havia um departamento de que lhe foi permitido o uso.

Devemos assinalar que Pfafflen nunca vira a Senhora Hauffe; que não lera sua história e não sabia que era vidente. Antes de sua chegada, a família da Senhora Hauffe havia deixado Oberstenfeld. Ignorava ele o negócio, de que não tivera a menor suspeita. Era um homem de boa saúde, inteligente, instruído e que não acreditava em Espíritos. A história seqüente, que temunho de sua honestidade, deveria fazer refletir os cépticos.

É fácil tratar dessas matérias, com bom aquecimento, com uma pena na mão. Muitos, por amor da verdade, teriam o trabalho de andar algumas milhas para ver e estudar os fatos? Quando a Vidente vivia, e se tocava no assunto, nenhum dos que hoje escrevem voluntariamente refutação, deu-se ao incômodo de vir vê-la, de escutá-la, de examinar. Limitaram-se a discutir diante de suas escrivatinhas, julgando-se capazes de se pronunciarem sobre

ômenos, que o calmo, sincero, profundo psicólogo Eschenmayer, verificou pessoalmente, e consideraram de pouca monta viajar para tal fim no coração do Inverno.

Não é desse modo e com tais indivíduos que a verdade pode ser revelada. O estudo e as experiências não fogem às pesquisas pessoais. Volto à minha história:

"Um dia - diz Pfafflen - desci à adega e ouvi atrás de um dos tonéis uma pancada tão forte e pensei fosse o toneleiro a trabalhar; chamei-o e não tive resposta. Andei em torno do tonelada vi, nem no resto da casa. Deixei o lugar sem achar a chave do mistério, sem pensar em coisas sobrenaturais, e muito menos num espectro.

"Desci mais tarde e muitas vezes a essa adega, porém não ouvi mais nada, e tirei esquecido o incidente por completo quando, no ano passado, 1830 no dia de Pentecostes, tive ocasião de voltar a ela, enquanto na catedral se celebravam os ofícios religiosos. Meus pensamentos estavam muito longe de Espíritos; ao contrário, pensava na cerimônia religiosa e as palavras do sacerdote que ouvia distintamente, quando, indo de um a outro tonel, corrigia o meu negócio, percebi, com espanto, uma forma feminina, com roupas brancas, e uma criança nos braços. Ela veio à minha frente, passou de lado, subiu a escada, e à metade da altura parou como a esperar-me. Ela parecia absolutamente senhor de meus sentidos e segui-a sem hesitar esperando ter coragem para falar-lhe. Mas não o pude, e ela evadiu-se através da parede de pedra do subterrâneo.

"O que senti não era tanto o terror, como a estupefação, sobretudo diante da espantosa beleza da criança. Fechei a porta do subterrâneo e vim logo para junto do meu pessoal, a fim de examinar toda a casa, mas sem nada descobrir. Durante os três dias seguintes nada aconteceu. No 4º dia vi o espectro como precedentemente, mas, desta vez, véu e roupas eram pretas. Foi um lugar de surpresa, como da última vez, foi horror que senti; apressei-me a subir e logo desapareci. Um instante antes de vencer os efeitos do terror, como nunca até então experimentara, apesar do hábito de descer ali constantemente, não reví mais o espectro".

Um parente de Pfafflen, que ia muitas vezes àquela adega, disse que nunca vira nada, nem ouvira ruídos de passos ao seu lado ou precedendo-o. Tal é a narrativa de um homem honesto e imparcial, nada sonâmbulo e que jamais conhecera a Vidente.

Quando uma segunda pessoa vê os espectros que apareciam à Senhora Hauffe, os crédulos dizem que sua imaginação se deixou influenciar por ela. Mas, que poderão dizer quando um homem que nunca a viu e ignora sua história, encontra, anos mais tarde, o mesmo espectro, no mesmo lugar? Dirão, sem dúvida, que como os germes de uma infecção podem persistir no mesmo lugar durante anos, assim se poderá produzir o contágio dessa estranha aparição, sobretudo em casas bem fechadas. Outros, mais instruídos, pretenderão que o espectro era um fantasma produzido pela projeção nervosa, graças à atmosfera e às condições

que se encontrava Pfafflen. Ou ainda que as imagens projetadas pelo sistema nervoso dente, alguns anos antes, tivessem passado de sua cama para a casa, onde ficariam, visíveis a um olho exercitado, explicando-se da mesma maneira as pancadas. Uma terceira categoria atribuirá tudo ao cérebro superexcitado de Pfafflen, que teria ouvido dizer que a casa habitada por espectros desse gênero, vistos sob a influência do vinho novo que se acabara receber.

É preciso lembrar, porém, que, a primeira vez, ela não acreditou que tivesse visto um espectro, e que só sentiu temor e horror à segunda vez.

São teorias nas quais se refugiam os sábios e os intelectuais, que preferem crer em tudo a admitir os espectros, cuja existência não enquadraram com o sistema da natureza que estabeleceram para seu uso.

NOTA - E de estranhar a declaração do espectro feminino, já de branco, a de que o homem se salva pela graça que a robustecessem na fé. E de crer que a brancura da veste, ou fosse reminiscência de modas e uso antigo na aparição a Pfafflen, ou reflexo do seu arrependimento, ou a vibração, no momento, pelo amor a Cristo.

Mas que a graça não a salvou, vê-se por estar ainda num local subterrâneo, quatro anos mais tarde, e apareceu morto. Queremos crer que o arrependimento e a fé apressam o resgate, ou o propiciam, porém não o tornam dispensável das provas porque terá o Espírito que passar. (Nota Editora)

O terceiro caso

Na noite de 20 de julho de 1827, quando a Senhora Hauffe estava na cama, depois de ter bebido apenas um pouco d'água, a porta abriu-se, fechou-se, e entrou uma forma de homem, cerca de 30 anos, com um comprido casaco aberto, grandes botões, polainas, dobradas, sapatos com fivelas, e uma gravata presa por um botão, cujas longas pontas pendiam. Disse ele:

- É preciso que desça comigo ao meu estábulo.

- E onde está ele?

- Perto da velha casa do Inspetor.

Saiu em seguida, abrindo e fechando a porta visivelmente. Sua cor era escura e havia uma rusticidade da vida dos campos, que, segundo parece, persiste depois da morte.

A 21, pelas 9 horas, as cobertas da cama da Senhora Hauffe eram continuamente puxadas de modo visível para todos; ouvia-se também um ruído de passos e parecia haver um cão

ixo da mesa. Às 10 horas, novo abrir e fechar de porta. O camponês reapareceu, olhar enciosamente para a Senhora Hauffe e reitou-se.

Na noite de 22, entrou pela porta aberta, acompanhada pelo fantasma de uma jovem nponesa. Aproximou-se da cama e a Vidente voltou-se para não o ver, e caiu em violentas convulsões. Quando recuperou os sentidos, descreveu-me o que vira, acrescentando que tinha o saber porque, grande pena do espectro feminino. Estava, entretanto, tão amedrontada, como queria ficar só.

A 27, à tarde, estando à janela, voltou-se e viu as duas formas perto dela. O homem falou-se:

- Venha imediatamente comigo ao estábulo.

E ela:

- Com que fim?

Que há?

- Ao que o espectro feminino respondeu:

- Matamos uma criança e a enterramos no estábulo; e morri logo depois. É ele responsável.

- E mostrava o companheiro. A Senhora Hauffe desejava maiores informações, mas eles desapareceram. Disse-me ela que a mulher era de um tom acinzentado, coberta como os espectros femininos, com um corpete e uma saia. O homem tinha chapéu com borlas e botas cantados. Mais tarde, para o meio-dia, pararam perto da cama. Ele suspirava profundamente e ambos pareciam muito tristes. A 3 de agosto vieram às 8 horas, e como tinha decidido não ir, decidiu não voltar. Essas aparições espantavam-na mais que as outras. A moça que a servia nesse momento, pessoa sensata e bem educada, que não possuía o dom de ver espíritos, experimentava estranha ansiedade quando esses fantasmas apareciam, embora a Senhora Hauffe não lhes assinalasse a presença.

A 3, às duas da madrugada, os espectros reapareceram. A Senhora Hauffe teve a coragem de interrogá-los sobre o assassinio da criança e o fantasma feminino respondeu com um suspiro:

- Eu tomei veneno para matar o menino que acabava de dar à luz, no estábulo, e lá me enterraram. Encontraram-me morta na granja vizinha.

E a 6, a mulher dizia:

- Veja com que somos infelizes e tenha piedade de meus sofrimentos.

- Ao que ela respondeu:

- Eleve os pensamentos ao Redentor. Só ele pode aliviá-la.

Eles se foram, mas voltaram na noite seguinte e o camponês disse:

- É preciso descer ao estábulo; cave a uma distância de dois passos da entrada; vai achar os ossos de nosso filho, que fará enterrar no cemitério.

Ela porém lhes pediu que confiassem no Redentor e orassem.

A meia-noite do dia 12, estava a Senhora Hauffe com violenta dor de cabeça devido a uma contusão onde vendaval, e pelo toque de sino que anunciava um incêndio na vizinhança; é fácil compreender que isto levou seus pensamentos a outra direção; mas os espectros reapareceram e a mulher trazia nos braços a criança envolvida em farrapos, e só com a cabeça descoberta: era a representação do crime, sem a criança como na visão de Pfafflen, em Oberstenfeld. O camponês declarou:

- Eu, Nicolau Pfeffer, fui o sedutor dessa moça e o assassino da criança; ajoelhe e confesse o seu crime conosco.

- Não a posso fazer, respondeu a Vidente - estou com muita dor de cabeça.

Ao que ele replicou:

- Enfaixe a cabeça em forma de cruz e faça-lhe três sinais em cruz com o dedo médio.

Ela o fez, a dor desapareceu, e ficou apenas com uma sensação de entorpecimento. Os camponeses ajoelharam-se e oraram, tendo o homem a criança nos braços. Agora, acrescentou ele, cavamos a escavação e a cura da criança, e desapareceram.

Ela contou-me que a prece os tinha aliviado. No dia 14, voltaram em companhia de um velho sombrio, e quando iam falar, o velho interpôs-se e pôs-lhe a mão na boca. Hauffe começou a alarmar-se e a ter convulsões. Na noite de 15 reapareceram; o velho ficava atrelado a eles enquanto oravam. Ela perguntou quem era o velho e eles responderam que era o homem que fornecera os meios de matar a criança.

Na noite de 21, a meu conselho, a Senhora Hauffe perguntou ao homem se ele habitava na casa do Inspetor ou outra, e de que estábulo falava.

- Não foi na casa do Inspetor - respondeu - mas numa vizinha, com um estábulo à direita. Enterramos o corpo a dois passos da entrada, onde há uma escavação.

Interrogado sobre quem era o velho, disse que se tratava de um feiticeiro da localidade vizinha.

- Dera as ervas de que me servi e por maldade quer-me impedir a declaração.

Quando voltaram: a 17, ela pediu o nome da mulher. A defunta fez um sinal de cabeça e o camponês não respondeu, e declarou que voltariam dentro de 7 dias.

Na noite de 24, além do pessoal comum, havia no quarto da Senhora Hauffe uma jovem bonita e sincera, digna de fé, que sabia ser a Vidente visitada pelos espectros, sem conhecer tanto os detalhes; e muito menos sabia do espectro do camponês, acompanhado

lher. Foi com grande surpresa que ela me disse, pela manhã, antes de falar com a Senhora Hauffe:

- Eu tinha fechado a porta e fomo-nos deitar. Eu dormia com a criada, cujo leito é perto Senhora Hauffe. Lá pela uma hora, ouvi a porta abrir-se e fechar-se, e vi entrarem duas figuras que se aproximaram da cama da Senhora Hauffe. Tinham a aparência de se tratar de um homem e uma mulher. A mulher era acinzentada e o homem mais escuro. Ela trazia uma criança, também de cor de cinza, com a cabeça e o pescoço nus e o resto do corpo coberto de farrapos; a mulher tinha os braços em torno dele e o homem era de meia estatura, um tanto maior que a mulher; vestia casaco e calças curtas e quando chegaram à Senhora Hauffe, que lhes respondeu. Ouvia-os a ambos; tinham voz fraca, por serem muito próximos e pareciam-se claramente. Pela manhã, entretanto, não pude lembrar-me exatamente do que aconteceu. Não estava assustada, porém não podia falar nem desprender meus olhos da criança. Fiquei ali muito tempo, e quando se afastaram a porta fechou-se com ruído.

Lembrou ela então a história do caçador-fantasma, como lhe haviam contado:

Estes espectros - dizia - pareciam-me seres humanos; apenas tinham a pele rude e escurecida e o rosto crivado de grãos de areia.

A Senhora Hauffe confirmou a narrativa e quando lhe perguntei se a pele de eles se parecia com a da criança, disse:

Parecia sim. Não era a pele entretanto, era a aparência vaporosa. Uma nuvem não parecida com a névoa e é provável que os espíritos lhe parecessem mais escuros que a mim. Acrescentou não tendo medo que os espectros produzissem sombra; isso provinha talvez de que ficassem diante da meia-obscuridade da noite.

Os espectros continuaram a vir, mas suas vestes modificaram-se; as roupas e o colorido tornaram-se mais claros. A 14 de outubro, disse o homem:

- Só voltarei uma vez - e como falassem por uma só boca - viremos pela última vez despedir-nos. A Senhora Hauffe perguntou-lhes para onde iam e eles replicaram:

- Para um lugar melhor. Foram-se e não mais voltaram.

O nome de Pleffer dado pelo espectro é comum entre os camponeses dos arredores de Plefferberg. Desejaria prosseguir as pesquisas para descobrir os ossos da criança; mas a localização do estábulo não era precisa, e temia que o proprietário, quem quer que fosse, ficasse ofendido se eu fizesse saber que seu estábulo desse assombrado, e por isso abstei-me de fazer perguntas.

Nas solicitações constantes das aparições notamos uns restos dos preconceitos terrenais que os camponeses suplicavam que enterrassem a criança em terra consagrada, até que se convenceram que não lhes era necessário à salvação.

Há grande analogia entre esta história e a do Professor Ehrmann de Straburgo, contada por Schenmayer, e que aqui reproduzo com seu consentimento:

"Morreu há algum tempo em Straburgo o Conselheiro Lindner de Koenisberg, depois de ter vivido muito tempo em Rica. Entre seus numerosos amigos íntimos e científicos, contava com Herrencheneider, professor da Academia Real de Straburgo, ao qual Lindner visitou poucas vezes de sua morte. O pai deste era Pastor numa aldeiazinha da Pomerânia, de onde veio por Koenigsberg. Escrevia um diário sobre tudo o que lhe acontecia de interessante. Esse caderno e continha também apontamentos sobre negócios, deve estar ainda com a família segundo o Conselheiro, é ali que seu pai conta a seguinte história, transmitida em seus pormenores pelo Conselheiro a Herrencheneider, pouco tempo antes de falecer:

"O Pastor Lindner dormia num quarto que se comunicava por uma porta com seu gabinete de trabalho. Por essa porta ele podia, estando deitado, ver sua escrivaninha, na qual estava aberta uma grande Bíblia. Acordando durante a noite, de belo luar, pareceu-lhe ver um ministro em vestimentas sacerdotais, postar-se diante da escrivaninha a folhear a Bíblia. Trazia uma Bíblia no braço e outra maior ao lado. Mas esta estava de costas. Duvidando do testemunho de seus sentidos, o Pastor assentou-se, esfregou os olhos, e indagou se sonhava. Convencido porém de que estava acordado fixou os olhos na escrivaninha, que via perfeitamente, e gritou

- Que os bons Espíritos glorifiquem a Deus.

- Depois disso, a aparição aproximou-se dele e estendeu-lhe a mão, que ele não apertou. O fantasma renovou o gesto sem melhor êxito e desapareceu.

"Os traços dele gravaram-se profundamente no espírito do Pastor; pouco a pouco, porém, foi apagando o incidente da memória, e já o tinha quase esquecido, quando, um dia estando na Igreja a hora do ofício, entrou no coro para passar o tempo e pôs a ver os retratos quando foi a sua surpresa, reconhecendo num deles os traços do espectro, com a mesma roupa que lhe havia aparecido.

"Informou-se e soube que aquele retrato era de um dos seus predecessores, que habitara na paróquia 40 ou 50 anos antes. Na paróquia, salvo um homem idoso, que tendo feito paz com seu rebanho, falava dele como de um orador eloqüente. Mas acusavam-no de entre outras coisas ações ilícitas com a criada, de quem tivera muitos filhos ilegítimos cuja sorte nunca se conheceu.

"Algum tempo depois, em consequência de algumas demolições, retirou-se à chaminé do cemitério e o pedreiro encontrou ossos de crianças num buraco. Chamou o Ministro, e verificou com espanto as provas do crime de seu predecessor e fez retirar os ossos. Depois disso, o fantasma não foi mais revisto."

- Ehrmann, Professor no Seminário Protestante de Straburgo.

*

Passou-se em Nuttelstadt uma história análoga de presbitério, a qual foi levada a registro. Ali, eram os animais que não podiam ficar no estábulo. Ouviam-se constantemente passos de mulher, e parecia que alguém saía da casa e se dirigia apressadamente para lavar-se. Ao fim de algum tempo, encontravam-se na fonte os restos de um recésido. Enterraram-nos em outro lugar e a partir desse momento o presbitério deixou de ser perturbado.

O quarto caso

Alguns anos antes eu ouvia dizer que a família de um pobre guarda noturno foi perturbada por fantasmas, porém não fiz indagações. Quando a Senhora Hauffe veio para cá começou a espalhar-se à história de K. e sua narrativa, muitas pessoas vieram a mim para que perguntasse, quando estivesse adormecida, qual o meio de libertarem aquela pobre gente de seus aborrecimentos. Deixei o caso de lado, mas fui procurado pelos próprios interessados. A mulher contou-me a história e resolvi anuir-lhe ao pedido.

Disse-me ela que quando entrava em seu novo-alojamento vira certa noite, vindas de toda a cama, duas mulheres com roupas antigas, aventais de algodão e toucas na cabeça. Poucos minutos desapareceram.

Na noite de Santa Catarina, em 1823, ela entrou em desacordo com o marido:

- Pensei em minha mãe falecida e desejei estar com ela. Chorei e pedi que me viesse visitar. Apareceu então diante de mim um vulto alto e branco; mas sem forma definida. Penso que fosse minha mãe, mas a coisa desapareceu sem falar. Durante quatro semanas não vi nada, até que, na primeira noite do Advento, entristecida com a nossa pobreza e a numerosa família, vi a forma voltar, mas tornou a desaparecer.

No Natal do mesmo ano, estando em vigília, senti passar-me pela cabeça e depois por todo o corpo, uma espécie de cão ou gato, e, apesar de não haver fogo na lareira, a chapa estava quente; produziu-se um ruído violento e tudo sumiu. Dia e noite ouvi passos no quarto e o ruído de amarfanhar de papéis. À noite vi muitas vezes uma luz redonda como um prato brilhar sobre a rede. Isso durava algum tempo e depois sumia. Uma vez, perfeitamente acordada, no meio da noite de mim uma forma grande como a anterior, porém negra; parecia que mão estranha

colocava ao pescoço; tive a sensação de um carvão aceso. No dia seguinte, o lugar estava vermelho, inflamado e havia três marcas de dedo. A mulher tinha realmente no pescoço três marcas ou cicatrizes como de dedos em brasa.

Na noite de Ano Novo, só, em meu quarto, ouvi uma voz que mandava:

- Cante o hino "ó Jesus quando serei livre?" e diga a prece "Dai-me um coração puro". Nos dias de domingo ouvia vozes harmoniosas. Às vezes via-se um como relâmpagos, outros brilhantes no assoalho, sem que houvesse nada ali que os pudesse produzir. Quando havia discussão entre nós, cessavam as aparições, mas voltava quando nos harmonizávamos. Na noite de sexta-feira última estava eu deitada mas acordada, quando a porta abriu e vi entrar um homem de vestes escuras com dobras nas costas. Passou perto da cama, inclinou-se para o banco, onde se via outro homem de roupas pretas e de quem não posso dar uma descrição exata. O primeiro falou algum tempo ao segundo, entretanto minha memória falava fraca para compreender o que dizia; parecia censurá-lo. Esta noite ouvi pancadadas na cama e no banco.

Acrescentou que quando sobrevinham às aparições mantinham os olhos fechados e via mentalmente. Quando a aparição evanesciam, reabria os olhos.

Esta mulher tem quarenta anos, é pequena, parece fraca e há em seus olhos uma estranha pressão. Tem seis filhinhos; o mais velho, preto como a noite, o mais moço, branco como o leite. Este também vê espíritos. Os espíritos buscam-na na cama e parecem abraçá-lo.

Esperei algum tempo antes de assinalar estes fatos à Senhora Hauffe; e quando lhe falou mostrou logo o desejo de ver essa mulher. Eu a trouxe e ela repetiu o que me havia contado. Contentou-se feliz por encontrar-se com a Vidente; esta lhe notou a expressão do olhar e declarou mais tarde que lhe tinha produzido extraordinária impressão.

Na mesma noite declarou-me dormindo: esta mulher diz a verdade; ela vê Espíritos e saber está sempre em meio-somambulismo; é preciso que ponha um amuleto com folhas de alho.

Ao dia seguinte dei-lhe o amuleto e ela me afirmou que depois de ter visto a Senhora Hauffe, encontrava-se perfeitamente bem; pensava que deixara tudo com ela.

De manhã, a Senhora Hauffe e a criada me disseram ter ouvido pancadas e ruído de rodagem mesmo se produziu mais tarde.

No dia 13 fui à casa da mulher para saber do efeito do amuleto; disse-me ela que naquela noite que o pusera, mão invisível esforçou-se por tomá-lo, mas que não ouvira pancadas. De manhã, o marido levava-o, porque ele esperava tirar proveito dos Espíritos, mas recusava por querer tirar-lhe essa fonte de benefícios, empregando o amuleto. Ele ficou colerizado. A mulher acreditava que havia tesouros ocultos na casa, e como viviam, ha-

um tempo, com os Espíritos, queriam localizar o tesouro que estavam certos de descobrir, mas como era impossível libertá-la da idéia e ela não quis mais botar o amuleto, deixei de ir lá.

Na noite de 17 ouviu-se uma pancada no quarto da Senhora Hauffe, e um homem grande e forte, com uns quarenta anos, vestido de branco, entrou olhando com calma. Minha mulher disse, quando ela acordou, disse que ele voltaria a 19; e que lhe era preciso ter em mão um pedaço de coral, que lhe faria pararem as palpitações, e lhe permitiria sustentar a vista do espectro.

Minha mulher decidira substituir-se a enfermeira, a fim de melhor observar a Vidente. Durante 24 horas, as pancadas e estalos começaram na cama, mesa e paredes, ora aqui, ora ali. Ela convenceu-se de que não eram produzidos nem pela doente nem pela irmã, que não perdeu a calma, e que estavam absolutamente calmas, com os braços estendidos acima das cobertas.

Há uma hora a Vidente apanhou sobre a mesa o coral e erguendo-se falou com voz firme para quem estava ao pé da cama:

- "Isto não posso fazer" - E outras coisas que não pude ouvir. Quando minha mulher perguntou do que se tratava, ela indagou se não tinha visto o espectro perto do luto. Minha mulher disse que não, mas a Senhora Hauffe não quis revelar o que o espectro dissera. Quando lhe fiz a pergunta no dia seguinte, ela respondeu com pesar, porque não gostava de fazer perguntas a fantasmas. Este trazia roupas amarelas e uma cinta de mulher: Tinha dito:

- Venho á ti porque devo ser perdoado.

- Ela respondeu:

- Só o vosso Redentor o poderá fazer.

E ele:

- Ore por mim -. E pediu abrisse o livro em certo hino, ao que ela aquiesceu.

Quando lhe falei dos olhos do espectro, ela disse que eram indescritíveis: dois pontos brilhantes, e que a pessoa que vê Espíritos não os vê da mesma maneira que vê os seus olhos. Acrescentou que quando ele se voltou para sair pela porta, notou que as vestimentas estavam dobradas nas costas. Declarou que conversaria à noite novamente com o fantasma e este voltaria entre 11 e 12. A vista disso, fiz que deitasse na cama da irmã uma pessoa que pudesse ter confiança a fim de observar o que se passasse. No dia seguinte narrou-me a seguinte história:

- Deitamo-nos lá pelas dez e ficamos acordados até às onze. Aí adormecemos. A noite seguinte a Senhora Hauffe pediu alimento e eu fui acordada pela irmã que saiu do leito para dar-lhe o alimento. Quando ela voltara à cama, ouvimos no assoalho um ruído estranho de estalos e fricções, e depois nas paredes e na cama da Senhora Hauffe, uma espécie de marteladas. Eu observava a Senhora Hauffe; ela estava estendida, absolutamente calma, com os braços em cima da cama; começ

go a falar sem sentar-se. Suas palavras pareciam dirigir-se a alguém que eu não podia ver pois dizia:

- O fantasma partiu, mas vai voltar.

E ouviam-se outra vez os ruídos e ela falava de novo. Ouvia-a dizer:

- Abra você mesmo. E com um temor que nunca sentira, vi a capa do livro, que estava na cama, mover-se e abrir-se como por mão invisível foi-me impossível perceber o movimento por parte da Senhora Hauffe nem de sua cama. Disse ela então:

- Louvado seja Deus, ele partiu. Pedimos-lhe pormenores, e ela:

- Deixai-o em paz.

E ficou em silêncio.

A Senhora Hauffe disse-me que depois dos mencionados ruídos o espectro foi até o pé da cama e quando lhe perguntara o que vinha fazer, respondeu que era para obter o cumprimento. Ela replicou:

- H. Por que não ficou com a mulher que reza por você?

- E. Essa mulher não tem a sua inteligência e não pode conversar comigo.

- H. Porque está nesta pobre casa? Quem é você?

- E. Tinha modesta posição; nessa casa havia duas; órfãs; enganei-as, espoliei-as.

- H. E por que procedeu assim?

- E. Meu melhor amigo, que era muito rico, foi quem me induziu a isso.

- H. Você também não era rico?

- E. Não, mas queria ser. Partilhava com ele o que adquiria por fraude. Aparentava presunção às órfãs, mas era tudo fingimento.

H. Seu nome? (Nenhuma resposta). Porque não quer dizê-lo?

- E. Não o devo. A primeira letra é L.

- H. Pode fazer com que os outros escutem suas pancadas?

- E. Não. Mas aquele que era meu amigo pode consegui-lo: Vou chamá-lo.

- H. Não. Isto me fará mal. Não o quero ver. Deixe-me, eu lhe peço.

O Espírito respondeu que iria buscar socorro porque ele também tinha necessidade de auxílio. E quando pedi que partisse, retirou-se prometendo voltar.

E voltou. Perguntei-lhe se tinha parente ainda vivo. - Sim, mas longe daqui.

- Meu livro de hinos ainda estava na cama - disse a Senhora Hauffe - e quando ele veio e viu que o abrisse, como eu estava fraca, mandei que o fizesse, mas ele se foi.

Perguntei-lhe se não o tinha visto abrir o livro e ela declarou que não tinha olhado aquilo. Quando o espectro reaparecia, sentia-se forçada a falar-lhe. No dia seguinte, tendo começado de ler o hino, aumentaram as pancadas. Isto lhe lembrou o hino e enquanto

mentavam os golpes e outros ruídos se produziam nos quartos dos locatários do andar superior.

Às 23 horas fora perturbada e tomada de convulsões sem que soubéssemos por que acordada, declarou: - É-me desagradável vê-los todos os dias, quando outros estão em torno meu. A mulher do guarda devia ser mais sensata; ela só lhe pede dinheiro.

Quando lhe perguntei porque o homem, graças à intervenção do qual se acharam documentos não desferiam pancadas, respondeu que era porque só o via durante o sono acordada, só o notara uma vez. Os que batem são os que pedem socorro e ainda estão longe do quarto, mas que o conseguem quando lhes ensinam o caminho a seguir.

- Um mortal pode mostrá-lo, porém não lhe pode dar o perdão. Os pensamentos dos espíritos das trevas se fixam nas casas em que viveram e dali afastam os bons. Em regra; os espíritos não me assustam, mas eu seria infeliz se fosse perseguida por alguns. Este Espírito mau matar-me-á. Suas palavras não são gemidos, senão grunhidos.

Por espírito mal se subentendia o rico de que tratamos.

A 23 ela foi acordada por um espírito inocente que lhe pedia recitasse os Mandamentos. Ela o fez com perguntas a que ele respondeu.

Chorou quando a interroguei no dia seguinte e disse que o outro ia trazer o mau Espírito mau a gelava e tornava-a enferma. Lembra-se de que um Espírito desse gênero a fizera sofrer durante um ano em Oberstenfeld. Considerava isto rude prova para um mortal. Acrescenta que o bom Espírito lhe relatara que o amigo fora um funcionário de grau superior ao seu.

A 24 caiu em sono magnético; lembra-se do que sonhara e tinha consciência de que era mau. Falava alto ao Espírito mau que via diante de si. Descrevia-me duas casas vizinhas, mais os dois Espíritos vagavam, assinalando-lhes os números e outras particularidades. Nuvia ruídos como de gente a andar; aproximavam-se das portas como para entrar nos quartos, suspiravam. Dizia ela que era bom que os Espíritos não pudessem responder a tudo e se lhes perguntassem porque ficariam ainda mais atormentados.

Exclamava em sonambulismo:

- Que o Espírito branco venha a mim até que eu obtenha repouso, mas que não venha ao meu lado. Quero orar por ele, entretanto não lhe suporto a presença. Que mulher estúpida! Só lhe pede dinheiro. Ela a faz por temor do marido. Quando durmo, sinto-me feliz por viver entre os bons espíritos, mas quando acordo entristeço-me. Não é espantoso ver Espíritos, conversar com eles e ter prazer nisso? Mas isto está na parte espiritual do meu ser. Quantos vivem entre nós sem termos ver! Felizes os de coração puro, felizes os que crêem sem ver!

A 2 de março o Espírito branco apareceu-lhe duas vezes, com aspecto desconsolado e disse que se recuara por causa do amigo. Nessas duas ocasiões estava acordada e logo depois

nada de convulsão. Na mesma noite estava eu com ela quando um clarão atravessou o quarto e ela caiu em sono magnético. Mas levantou-se com os olhos fechados, falou aos espectadores o livro, cantou hinos. Acordou e contou que o Espírito branco lhe aparecera com o clarão que lhe dissera ter recuado pelas zombarias do amigo, e ela sugeriu que desconfiasse de quem lhe falou. Quando voltou, a Senhora Hauffe fez as seguintes perguntas:

- Quanto tempo viveu na terra?
- Setenta anos.
- Em que época viveu?
- Em 1700.
- Onde viveu?
- A pouca distância da casa dos órfãos.
- Onde vivia o outro?
- A uma distância maior dessa casa.
- Morreu antes dele?
- Ele morreu três anos antes de mim.
- Por que vem a mim ora triste ora alegre?
- O Espírito escuro molesta-me com suas chacotas, mas agora me sinto um tanto mais seguro.

- Eu o concito a orar para si mesmo e a persistir firme.

Ele pediu que abrisse o livro dos hinos e partiu.

A 3 de março, a Senhora Hauffe, em meio a uma conversa alegre, caiu em violentas convulsões, de que houve grande esforço por melhorá-lo. Disse ela que o Espírito branco aparecera com o outro, olhando-a por cima dos ombros, o que lhe causara terror, e que jamais curaria se essa perseguição continuasse. Fiz o possível para que ela lhes pedisse que se retirassem e que os expulsasse do pensamento. Declarou que só se dirigia ao Espírito branco e deveria conservá-lo. A 6 disse-lhe este Espírito pressentir que se aproximava do Redentor e oraram ambos. E ela lhe perguntou como se familiarizara ele com os hinos, escritos tanto tempo após sua morte. Respondeu-lhe que a audição dos Espíritos é ilimitada.

Deixando o quarto, caiu adormecida. Contou que reencontrara o Espírito; manifestara-se-lhe quando olhava um rebanho de carneiros pela janela. Sentiu que lhe puxavam a roupa e viu tão de perto que não podia mover-se. Ele suspirava:

- Junto de ti acho repouso.

Ela desmaiou e caiu na cama. Declarou depois:

- Daqui a cinco anos eu o suportaria melhor, porque já não será o que é hoje.

Na noite de 8, depois de alguns ruídos, ele voltou e ela viu que antes de afastar-se, tuava acima da irmã e da criada que dormiam, dizendo:

- Que Deus vele sobre vocês.

A 10, ela tapou os ouvidos para ver se o ouvia assim, e ele disse:

- Você ainda me ouve.

Declarou ela que os Espíritos respondiam muitas vezes ao que ele pensava. A perguntou-lhe se ainda havia escritos dele. E ele:

- De mim mesmo pouco, porém muitos de meus amigos o conseguem. Viveram 17 volumes XVI e XVII.

A 16, a meu pedido, ele indagou porque não o ouvia e via ao mesmo tempo, porque os precediam as aparições:

- É por meio do ar - respondeu - que se fazem ouvir e ver. Eu não posso fazer duas coisas ao mesmo tempo (1).

(1) - O Espírito não soube responder e inventou uma explicação: ou então os modernos aperfeiçoaram os sentidos, porque eles atualmente se fazem ver e ouvir ao mesmo tempo chegando a sustentar diálogos com os vivos e indo estes não fogem amedrontados. (Nota do Tradutor)

Perguntou também porque só ela tinha a faculdade de vê-lo:

- Porque estás mais espiritualizada.

Por solicitação minha ela lhe pediu mostrasse a casa em que vivera e que se fizessem, ela e o amigo, ouvir por outros.

A 23, a uma da madrugada, acordei subitamente, e ouvi, a curto intervalo, sete pancadas e pareciam vir do meio do quarto. Minha mulher acordou também. Não podíamos compa a qualquer outro ruído. A Senhora Hauffe habitava muito distante.

A 30, o Reverendo Herrmann escreveu as seguintes perguntas e pediu ao Espírito que respondesse: "Conhece a Mãe de Nosso Senhor? Suas preces podem ser-nos úteis? Ela e os outros em união direta com o Filho?"

O Espírito apareceu e esperou até que a Senhora Hauffe acabasse a sua refeição aproximou-se então e respondeu; mas com tal lentidão, que ela pensou não ter paciência de vê-lo até o fim:

- Conheço a mãe de Jesus um pouco melhor que vocês; ela pode orar por mim como peccadores e aventureiros: Ela não está em união mais íntima com o Redentor, mas...

- E fez uma pausa. E quando perguntei o que significava aquele mas, disse:

- Isto tem grande valor e é poderoso com os Santos... Não posso dizer mais. (1)

(1) Pode-se ver que ele não podia nem sabia dizer nada. E nesse engano de se fazerem perguntas transcendentais acima da capacidade do comunicante, pouco evoluído, cai muita gente ainda em nossos dias. (Nota do Tradutor)

A 3 dizia a Senhora Hauffe em sono:

- Porque vem ele a mim? Desejando, poderia ir a Deus; não o pode, porque não o fazia. Só temos um mediador. Por que os maus pedem outro? Onde acharei o reino espiritual? Ninguém deveria adiar o arrependimento... Prefiro estar aqui nessa região... Lá se sente mais fortemente o peso das faltas; e os maus perturbam os outros... A perturbação mental é pior que a corporal. Nem todos vão a essas regiões inferiores; alguns estão num lugar feliz. Não foi assim mas sinto-a por intermédio de um dos bons Espíritos. Têm o que desejam.

Alguém lhe perguntou: - Há árvores e flores?

- Suas aspirações não são as mesmas que as nossas. Eles olham mais alto.

A 6 de abril a Senhora Hauffe deixou o domicílio e veio para minha casa. Ao entrar em meu quarto, vimo-la em sonambulismo, e ela disse que lhe apareceram dois fantasmas femininos, as órfãs. Quando acordou, não sabia mais quem eram. Achou-as mais brilhantes que outros Espíritos, e quando perguntou porque vieram, responderam:

- Viemos a vós pela felicidade e gratidão a Deus. As palavras pareciam emitidas pelas almas, embora não houvesse duas vozes e falassem como os outros Espíritos, porém com mais utilidade e esforço. A Senhora Hauffe acreditava que lhe viessem anunciar o falecimento e isso a egoizava. A aparição comoveu-a.

Perguntei-lhe se os Espíritos caminhavam como os mortais. Respondeu que eles se moviam também, mas sem colocar um pé adiante do outro, como o fazemos.

Disse-lhe o espectro que as primeiras letras do seu nome eram B e R, e que lhe apareceu na idade em que esbulhou as órfãs, isto é, com cerca de 50 anos.

Depois que o Rev. Herrmann apresentou as questões, era acordado sempre à mesma hora, à noite e levado a orar. Ouviam-se ao mesmo tempo ruídos no quarto, no assoalho, e nos corredores; sua mulher ouvia-os como ele, porém não viam nada.

A 10 de abril pedi ao Espírito que se tornasse visível ao Reverendo. Disse ele que queria aparecer mas não era possível. A 13 deixou-a antes do tempo comum e explicou que o fato era causa da festa que ia celebrar. E quando voltou ao fim de oito dias, pareciam mais brilhantes e menos espesso.

Na 6 feira Santa estava ela em sono magnético, quando a porta se abriu e fechou em nossa ausência, sem nenhuma intervenção humana. - Era o Espírito sombrio que apareceu aparentemente perturbado - disse a Senhora Hauffe. Acrescentou que o espectro branco estava na casa do "fluido nervoso" (Herrmann), mas que não poderia falar-lhe. E que o "fluido nervoso" pensava em deixar a casa. De fato, algum tempo depois, Herrmann abandonou a casa e veio para Heilbronn.

Quando o espectro branco, voltou perguntou-lhe a Vidente onde celebrara a festa:

- Na região média com outros Espíritos.

E quando indagou porque desejava que ela fosse à última casa que ele habitara, respondeu que havia ali duas órfãs e que era necessário dar-lhe três kreutzers(*). Ela não compreendeu o desejo mas prometeu cumpri-lo.

(*) **Kreutzer. Antiga moeda de prata de uso na Áustria e Holanda de insignificante valor uma vez que equivalia à décima parte florim. (Nota do tradutor)**

Achei efetivamente duas órfãs na casa indicada; não eram porém tão pobres e necessitavam daquela fraca soma. Retardamos pois a entrega até melhores explicações.

A 9 da noite de 18 de abril, a Senhora Hauffe caiu em sonambulismo. O marido, a irmã mais velha, um jornaleiro chamado Binger, de Stuttgard, Strauss de Ludíwisburg, minha mulher e eu achávamo-nos em seu quarto. Minha mulher, extremamente fatigada, estava na cama da irmã, os outros conversaram sobre coisas diferentes, enquanto eu tinha os olhos fixos em minha mulher. Ela ergueu-se bruscamente afirmando que alguém uivara em seu ouvido e que lhe percebera a respiração. Conservou esta impressão durante muitas semanas. No mesmo dia seguinte, a Senhora Hauffe levantou-se e, com os olhos fechados, estendeu os braços na direção da cama onde estava minha mulher e disse:

- Ele está lá; geme porque não deram os kreutzers; agora já não poderá produzir mais crianças; que pensaria a mulher se tivesse achado o dinheiro.... Não posso sair para procurá-lo; não me repreenda, não sou criada. Oh! um Espírito piedoso não falaria assim. Quando eu estiver acordada e diga o que quer. Peço que se afaste e nos deixe em paz.

Ela declarou mais tarde que o Espírito insistia para que se desse o dinheiro; viu-o inclinar-se para minha mulher, gemendo, porque lhe dera essa incumbência, de que ela não dera conta à verdade pois que esperávamos conhecer o motivo da dádiva.

Disse ela que pediria ao espectro sombrio que se tornasse visível numa casa qualquer, lá onde ele pudesse.

Retiramo-nos para o nosso quarto no andar superior; fatigados, tendo já partido os nossos amigos e adormecido os nossos filhos, fomos para a cama sem nada falar sobre o que nos ocorrera. À meia-noite, uma criança de cinco anos, que dormia em nosso quarto, deu um grito repentino, saltou da cama para a de sua mãe e bradou:

- Acorde, há aqui um homem preto que me quer abraçar.

E apertava a mãe que se esforçava por acalmá-la. Nem eu nem minha mulher vimos nada.

Já assinalamos que o Espírito negro tirava muitas vezes da cama o filho dessa mulher e que ele a abraçava. A informação da criança de que o Espírito queria abraçá-la ou mordê-la, casa-se com a história da Senhora Hauffe, quando dizia que a cabeça desse Espírito era preto e os dentes projetavam-se para a frente.

Na tarde de 19 estava a Senhora Hauffe na cama e eu perto dela, quando se produziu ruído o de papel amarrotado, num móvel atrás de mim, sem que ali houvesse qualquer objecto dessa natureza; levantei-me para descobrir a causa, porém nada achei; a cama da Senhora Hauffe estava a grande distância do ruído. Mais tarde, adormecida, pedi-lhe explicação e respondeu:

- Não ousou dá-la ainda.

- Como o Espírito viesse a todo o momento, ela perguntou porque procedia assim. E disse:

- É porque aquele a quem chama o fantasma negro não me quer dar repouso, espera obter a salvação por meu intermédio.

Na manhã de 21 lançaram areia pela janela; não pude descobrir o autor. Ouviram-se muito ruídos inabituais. Enfim, estando ela só, uma poltrona, colocada diante da escrivaninha, erguida até o teto, donde desceu suavemente.

À tarde estávamos no jardim e ela na casa apenas com a criada. quando ouviram ruídos como que rolava em cima de suas cabeças; chamaram-me; apressei-me, mas só ouvi o barulho de passos, atrás de mim, paços, quartos e na escada. Quando pedi a ela em sono a explicação respondeu-me:

- É sempre o Espírito negro, mas nada tenho a dizer-lhe.

Solicitei que me enviasse; declarou:

- Não está em meu poder.

A 22 houve novo jato de areia no quarto e na criada que estava fora de casa. Nada a pôde ouvir na vizinhança, e minha casa era inteiramente isolada.

Ao meio-dia a Senhora Hauffe desceu ao pátio; voltou espantada e caiu em megalomania. Disse que encontrara um animal estranho, com um focinho comprido e olhos vivos. Ela gritou:

Vai-te; que os bons Espíritos glorifiquem o Senhor!

- E desmaiou. No quarto, a aparição renovou-se sob a aparência de um urso. Declarou que dormia:

- Agora vejo como deve ser negra a sua alma, pois que surge em tão assombrosas formas é preciso que eu o veja para que ele não possa ir para o outro, já em caminho dos beneditinos.

Estávamos a 23 de abril reunidos no andar superior em torno de uma vela, quando uma vaporosa, branca, vista por todos, passou flutuando em face da janela e logo se ouviram ruídos como nas ocasiões precedentes. À noite a irmã da Senhora Hauffe precipitou-se

arto dizendo que havia um ruído de cadeias nas janelas. E olhando nesse lado observara uma janela preta que olhava para o interior. Não vendo ninguém, fechei as venezianas.

No sétimo dia voltou o Espírito branco como fixara. Disse que era preciso dar os kreutz naquele mesmo dia. Tratei eu mesmo de levá-los. Encontrei as órfãs prestes a deixar a casa apesar de serem as proprietárias e os pais terem vivido nela. Estavam por isto muito triste por terem visto serem que elas e os pais viram sempre ali uma forma branca como uma nuvem e ouvi sussurros, gemidos e tosses. Os pais acreditavam que a casa era infestada por maus Espíritos.

A primeira vez que o Espírito chegou, mostrou-se satisfeito por ter sido entregue ao seu dono. Era evidente que ligava ao ato uma idéia de expiação. Voltou com aspecto melancólico, declarou que seu nome era Belon, mas que se chamava agora Jasua. Poderia ir embora pois se despojara das preocupações terrenas.

Procedi a um inquérito, mas me foi impossível achar aquele nome. Entretanto, o Meffert, depois de algumas pesquisas, viu que no ano 1700 vivia ali um burgomestre, guardião das órfãs, com este nome; devia ter morrido em 1740, porque fora nesse ano à partilha de seus bens. No registro de falecimento do referido ano encontrei o seu nome com a indicação de idade de 79 anos. Também achamos um ato constituindo uma queixa contra ele da parte da família extinta, que provava a sua avareza e mostrava que ele vivia na casa que designo.

A 27, um animal como um escorpião monstruoso saiu do canto do quarto; ela pediu ao nome de Jesus que se afastasse e ele desapareceu.

A 30, a pedido de um amigo, mostrou ao espectro branco um papel onde se lia:

- Se és um bom Espírito, dize-nos como podemos viver para evitar a região média após a morte.

E ele revidou:

- O que deseja a suprema felicidade deve seguir completamente o Evangelho e os ensinamentos de Jesus. Sou agora bom e feliz.

A 3 de maio, à meia-noite, o Espírito branco acordou a Senhora Hauffe bruscamente e recomendou velasse a irmã, porque o Espírito negro viria durante, quatro noites é ficaria atado ao seu leito e se ela o visse teria um susto mortal; era preciso que alguém fique com ela.

A Senhora Hauffe ficou e velou. Logo viu o Espírito negro colocar-se como uma pilasca sobre as almofadas do leito da irmã. Depois de alguns minutos, esta acordou cheia de terror. A Senhora Hauffe pediu que se levantasse e chamasse alguém; mas como a aparição ainda ali se mantivesse ela não se moveu e disse que não ousaria mexer-se. Mandamos a criada ficar com ela no decorrer do resto da noite ouviram-se barulhos por toda a casa.

Disse Senhora Hauffe no dia seguinte que a irmã acordara aterrorizada e sem saber por que se incapaz de sair do leito, mas que não percebera Espíritos. Queixou-se durante o dia da dor do lado, perto do qual ficara o espectro.

Pedimos à criada passasse ainda lá à noite, o que ela recusou. Quando a irmã deitou-se Senhora Hauffe levantou-se com os olhos fechados, pos o roupão, um lenço no braço e deitando-se nos pés da cama da irmã, apanhou-lhe a mão apressadamente. Acordou de repente percebida de estar ali e voltou ao leito. Contou no dia seguinte que o espectro branco recomendara vigiasse a irmã; que ele estivera de joelhos perto dela enquanto a Senhora Hauffe estava ali deitada, para que o Espírito negro ficasse à distância.

No dia posterior ouviram-se ruídos na adega, jatos de areia no quarto da Senhora Hauffe em portas e janelas fechadas. Apareceu o Espírito branco, mas tão vaporoso que quase não podiam ver. Disse que se lhe estava tornado difícil voltar, que só o faria duas vezes mais se lhe confiava algo que ela não nos quis dizer.

A 17 dizia no sono:

- Que felicidade, que encanto! Nunca fui tão feliz. Nenhum mortal pode imaginar. Comecem regozijar-se as almas boas com a idéia do que as espera! Temos aqui música e líssimas flores, mas que são elas em comparação com a música e as flores celestes?! Comecem sofrer os que permanecem no círculo médio e não podem gozar essas delícias!

Quando acordou disse que nós lhe parecíamos tão pesadas e espessos que nem concebíamos ainda nos podíamos mover. A propósito das perguntas que pedimos levasse aos Espíritos a convencer-nos de que eles não eram fruto de sua imaginação, declarou-nos ser indiferença do público, e quanto mais os questionavam mais estreitas se tornavam as suas relações a cada vez de afastá-los.

Na noite de 31 minha mulher acordou assustada e logo ouvimos a voz da irmã, gritando e chamando em baixo para nós no andar superior, que havia na porta alguém se esforçando para entrar. Pulei da cama, corri à janela, percebi que alguém forçava a porta. mas não vi nada apesar da Lua cheia. Chamei, ninguém respondeu, e logo no teto se ouviu o ruído de jatos de areia. Trouxe luz à janela, mas tudo estava silencioso.

A 29 o Espírito branco chegou acompanhado de um espírito feminino brilhante. Cantaram e agradeceram as preces e retiraram-se, declarando que o Espírito negro não mais voltaria. Disse Senhora Hauffe que desejaria ardentemente ir ao encontro deles.

No mês de agosto chegou uma senhora de Linach, S. L., que desejava conversar com Senhora Hauffe a respeito de uma extraordinária confusão que a perturbava havia muitos anos e contava:

- Na casa que habito ouvem-se à noite ruídos como o rolar de bolas, gemidos, choros; às vezes um peso parece cair em mim, outras vezes vejo aproximar-se alguém invisível e lhe sinto a respiração. Tudo isto me fazia tanto mal que abandonei a casa.

Perguntei-lhe em que casa se passava isto e muito surpreendido fiquei quando respondeu que era na de Belon:

- Quando vim morar em Linach - disse ela - não ouvia nada, mas tendo ido a Neustadt a fazer o meu trabalho, fui de novo atormentada. Vejo também um vulto branco perto da cama. Caí doente e voltei a casa. Lá, era perseguida freqüentemente por queixumes, que minha mãe também ouviu e que nos mortificou durante dois anos. Ouvia o ruído de coisas lançadas contra mim, por onde eu não encontravam nada. Ouvia ainda palavras indistintas como se alguém quisesse falar comigo. Acordava bruscamente e divisava perto da cama uma aparição branca.

Essa mulher era casada, tinha filhos e a mãe confirmava o que dizia, acrescentando que ela também tinha ouvido ouvir esses ruídos e vira uma aparição negra.

Para experimentar se as aparições que via eram as que visitavam a Senhora Hauffe, mandei-a e a filha para passarem uma noite no quarto da Vidente. Ela não os viu mas ouviu um Espírito negro, que já não víamos mais, voltou e ainda perturbou-nos por muito tempo.

Algum tempo depois, vi essa mulher em seu leito de morte; assegurou-me que era verdade o que dissera. E que sete dias antes o Espírito negro informara a ela e ao marido de sua morte próxima, por um sinal que não poderia explicar, dado o seu esgotamento. Ela e o marido tinham conversado com alguns dias de intervalo.

O quinto caso

A 6 de julho de 1827, a Senhora Hauffe passeava perto de minha casa, na avenida que conduz à cidade; mas, depois de alguns passos voltou às pressas, dizendo que não podia ir mais longe. Só descobri a razão no dia 14, quando ela me disse que vira um homem na qual ela reconheceu um espectro, que, visitando-a a noite, lhe pedira fosse com ele a um castelo onde havia uma grande e pequena adega, para onde deviam ir. Ela recusou e ele declarou então que voltaria até que ela se decidisse.

A Senhora Hauffe descreveu-o como de boa e amável aparência e sem lhe causar qualquer dor. Parecia ter uns 70 anos, usava uma longa barba, vestes antigas, como as dos caçadores dos castelos, um chapéu a tirolesa e meias botas; tinha a palavra mais fácil e mais rápida que os outros Espíritos. Em resposta às perguntas da Vidente, declarou que vivera em 15:

zara certa felicidade, mas algo lhe impedia o progresso; pedia-lhe se enchesse de coragem e se com ele.

Dizia ela que à vista de qualquer outro Espírito não lhe era tão agradável como a de quem perguntaram-lhe quais as ocupações dos Espíritos na região em que vivia. Respondeu:

- Estou com os pagãos e os justos a quem ainda não foi permitido ver o Senhor. Anjos instruem até que sejamos dignos de ascender. Há 8 bem-aventuranças, mas a oitava ainda não veio: esta é a que se designa pela era dos mil anos.

A 20 ela lhe declarou que não iria ao castelo até que ele lhe dissesse o nome; respondeu só a conheceria quando chegassem lá.

Ao mesmo tempo, aparecia de vez em quando outro fantasma menos brilhante. Tinha o estylo militar, aparentava 40 anos. Sua aparição era acompanhada por um ruído de esporas. Certa vez em que eu, Hermann e a Senhora Hauffe líamos, disse o Reverendo que lhe tocaria o pé. Ela declarou que o fantasma do militar estava perto dela. Ele ia e vinha, olhava para mim e nada dizia.

Hermann tinha freqüente consciência da vizinhança de Espíritos, mormente depois de fazer várias relações com eles por meio de perguntas escritas. Logo depois, estando a Senhora Hauffe adormecida e vestida em sua cama, com sapatos presos por colchetes, vi-os tirados dos seus pés por mão invisível, e ser levados pelo ar até perto da irmã, que estava na janela, e serem colocados no chão. A Senhora Wauffe ficara imóvel durante esse tempo, e não via nada até que a acordei. A irmã chorava, dizendo que nunca mais tocaria nos sapatos. Sempre que o fantasma a parecia a lamparina apagava.

A 22, o fantasma falou e disse em tom de mofa que ele era o monteiro do que lhe pedia para ir ao castelo.

Pouco tempo depois, com a irmã e minha filha no quarto, um biombo foi suspenso e arrojado do outro lado do aposento. A Senhora Hauffe, na cama, acabara de ver o caçador entrar pela porta. A 10 chegou precipitadamente e espalhou pelo chão os papéis que estavam sobre a mesa.

Quando ela lhe perguntou o que queria, declarou que era impedir que o outro obtivesse o seu prêmio.

O espectro voltou acompanhado de uma mulher grande, pesada, velha, de aspecto escuro e desagradável. Tinha vestidos de antigo modelo, penteado alto e um véu como o traziam os espectros femininos. As vestes eram pesadas e amplas e os sapatos pontudos. Andavam muito perto sem falar. Quando perguntou ao outro Espírito a causa da visita, este lhe disse que era impedir-lo de fazer o que ele se propunha, porque durante toda a vida esse caçador

perseguira com um ódio que persistira na morte. A causa do ódio era porque ele o retirara das funções.

Disse-me a Senhora Hauffe que no reservatório da cozinha havia algo que não devia estar. Encontramos uma velha agulha de fazer meia. Pu-la na mesa do quarto da Senhora Hauffe. No fim de algumas horas ela foi encontrada na cozinha do andar superior. Fi-la tornar para a sala onde estava. Pouco depois voltava o caçador e a companheira, e a Senhora Hauffe viu a agulha trazida a ela pelo espaço. Gritou e a agulha foi depositada num copo com água, onde se enfiou, quando vim atraído pelos gritos da Vidente.

Na tarde de 29, a Senhora Hauffe estava só, e minha criada achava-se com outra pessoa no quarto vizinho, perto da porta; o caçador e a mulher chegaram, andaram pelo quarto, como de costume, e pronunciaram estas palavras: - Sim, sim, sim!

Em tom sarcástico, enquanto a mulher a encarava ironicamente.

A Senhora Hauffe foi tomada de uma crise de nervos. Ao mesmo tempo, as pessoas no quarto vizinho ouviam os mais estranhos ruídos, tinidos de esporas, um barulho como se pedras fossem atiradas com violência. Sabendo que a Senhora Hauffe estava na cama, precipitaram-se para o quarto. No mesmo instante, uma poltrona foi lançada sobre eles. A Senhora Hauffe estava deitada, sem sentidos. Quando acordou, disse que vira o fantasma, e que a perturbação produzida enquanto estivera insensível.

Na noite de 1 de agosto apareceu o bom Espírito, mas o mau veio também e colocou-se diante dele, o que o fez desaparecer. O caçador esforçava-se por perturbá-la constantemente, porém, conjurava-o em nome de Deus.

De outra feita, vieram com um espírito negro, de formas pesadas, que causou grande susto à Senhora Hauffe. Continuaram a aparecer, e o bom Espírito, quando eles vinham, apresentava uma folha de papel na qual se lia em grandes letras misturadas com outras menores de cor vermelha: "Isto é o que me protege". Não podendo lê-las à noite, pediu ela que as trouxesse para o dia.

A 31, dei-lhe um papel, cuidadosamente fechado e lacrado, onde estava escrito: "Jesus corrige os nossos erros - Anuncie a todos esta alegre mensagem". Mandei que ela apresentasse ao primeiro fantasma que aparecesse e perguntasse o que era. Ela o fez e o caçador, segurando o papel, disse:

"Jesus corrige os nossos erros".

- Que é que eu tenho com isso? Nunca serei feliz.

Ele:

- Hum! Eu não o verei nunca!

Ela pediu que se retirasse. No dia seguinte devolveu-me o papel lacrado, tal como eu lhe havia dado. À noite o caçador voltou, só, amável, um tanto prazenteiro, e indagou como eu estava.

- Falas sério? Queres orar?
- Eu o desejo.
- Com que fim?
- Para me tornar mais feliz.
- Crês que possas tornar-te feliz pela prece?
- Sim, acredito.
- Pois bem, confies no Redentor.

Ele desapareceu. Mais tarde voltou e orou com ela; ela, porém, lhe disse que não o faria, se voltasse com o espírito negro, o qual produzia tal barulho, que era ouvido pela criada.

Declarou-me ela que as suas preces e palavras piedosas estendia-se a todos os Espíritos, mas tornavam-se mais brilhantes, mas a enfraqueciam.

- Quando o caçador reapareceu, ela perguntou por que o bom Espírito vinha tão raramente.
- A culpa é minha. Ele não pode vir tanto quanto quer. É mais difícil a ele do que a mim.
 - Se eu fosse ao castelo como ele quer, poderia indicar-me o lugar de que fala?
 - Podia, mas o Espírito negro não o permitiria.

E logo surgiu o Espírito negro.

- "Foi dito: Recorra ao Senhor e ele afastará esse espírito".
- Fa-lo-ei. Mas, como?
- Pedindo ao Senhor perdão pelos erros.

Perguntou ela por que se encontrava na região média.

- Por meus desatinos. Ensina-me a orar.
- "Como espera ver Deus se continuas mau?"

- Com estás ligado a esse bom Espírito?
- Por elos que provocaram nele um ódio inextinguível. Eu era seu inferior e fiz presente a sua mulher. Ele não quis que ela usasse: tomou-o e lançou-o num subterrâneo para me dar uma situação melhor, porém não o fez. Eu e uma criada concebemos contra ele um ódio profundo; furtamo-lo e fizemos-lhe todo o mal possível. Mais tarde contarei tuas histórias, agora, oremos.

Na noite de 13, coloquei no quarto da Senhora Haufe a mulher de Lenach, de que já falei na manhã, disse-me que ouvira ruídos e que a Senhora Hauffe acordara e falara com seres invisíveis. Por que? A Senhora Hauffe contou a seguinte conversação:

- Não posso preferir outras preces além daquelas que me ensinaram.

- Porque??

- Porque devemos achar tudo por nós mesmos.

- Se recorrer ao senhor, ele o ouvirá; ele o fortalecerá.

Disse ela que o fantasma ouvirá estas palavras como uma criança quando lhe provocan-tesse. Ele queria que ela falasse mais, porém esgotada, não pode ir mais adiante.

Precedido de ruídos, apareceu-lhe a 16 um grande Espírito escuro, que a Sra, Hauffe nu-ria. A 21, vieram o caçador, a mulher e o fantasma negro. Este último, como sempre, mu-tilado. O caçador pediu à Vidente que permitisse à mulher pronunciar o nome de Jesus. A-ouve ruídos e a queda de uma mesa sem que ninguém tocasse, enquanto eu tinha no bra-ço esquerdo uma sensação indescritível.

A 23, o grande fantasma escuro apareceu pela última vez. A Senhora Hauffe pensou q-ue fosse por causa da mulher de Lenach. A 24, a Sra: Hauffe foi para a casa vizinha, onde o caçador logo apareceu e a saudou. Disse-lhe que a encontraria onde quer que ela fosse, n-ão e não deveria falar-lhe, para não lhe prejudicar a saúde.

Na noite da mudança, arranjei uma jovem distinta e honesta, a fim de fazer-lhe compan-ia. Esta me contou que, à noite, a porta se abria e vira um grande fantasma preto a caminhar ao arto. A moça é aquela de quem falara a propósito da terceira aparição. A 27, o espec-tilinino apareceu sozinho, e disse que impediria a vinda do caçador. Entretanto, ele veic-ando lhe perguntaram a razão do fato, redargüiu:

- É porque durante a vida fui muito ligado a ela.

Ele queria que ela também tivesse um bom destino no além.

Perguntou-lhe a Senhora Hauffe se ele poderia apresenta-se sob forma diferente da c-ara quando homem. Respondeu:

- Se tivesse vivido como um bruto, deveria aparecer como tal. Não podemos tomar- mas que queremos. Devemos parecer como fomos.

Nesse momento ouviam-se sons musicais provenientes da casa vizinha, ela perguntou- também havia musica onde ele estava. Respondeu.

- Não! Ouvimos algumas vezes a dos espíritos felizes e isto nos e penoso.

- Ouves a musica terrestre?

- Quando estou contigo, ouço por teu intermédio, nunca por outra forma. Não toman- te no que acontece na Terra.

A 1 de outubro o fantasma negro espantou-a tanto e lhe pareceu tão terrível que- ceceu. O Espírito feminino convidou-a ironicamente a ir ao castelo. Esses dois fantasn- tnuaram a perturbá-la. O fantasma negro era tão pesado que se lhe ouviam os passos. O caçador pediu que não os escutasse.

A 9, a Senhora Hauffe me disse que vira aparecer uma forma brilhante com vestes brancas e cabeça rodeada por uma aura luminosa. Não lhe fora permitido dizer-me quem era. Foi visitada por esse fantasma, que lhe dissera:

- Sou um dos enviados para ser útil aos que são destinados à felicidade.

Ele não caminhava como os outros, flutuava; comparado a este, os outros pareciam um pouco. Era uma nuvem luminosa através da qual o sol brilharia. Trouxe-lhe palavras de conforto.

Dizia ela que este brilhante Espírito a fortalecia mais do que os outros a enfraqueciam, mas não o queria dizer. Estivera na região média, por pouco tempo, com grau superior aos outros. Soube mais tarde que esse brilhante fantasma era o falecido Ministro T. de Oberstenfeld, de quem falamos no princípio deste trabalho e cuja tarefa a Senhora Hauffe fora visitar. Era um homem excelente e de grande valor.

Sobreveio uma época em que ela pareceu sair de sua situação precária, e esqueceu o que ocorrera durante muitos meses. Certa manhã narrou-me o terror que lhe causara um espectro em botas e com roupa curta, e que lhe solicitara forças. Depois lhe apareceu o fantasma branco de pessoa que conhecia.

- Por que me vindes depois de tanto tempo?

- Acalma-te. Venho trazer-te energias.

Nessa época perdia a lembrança dos Espíritos que a visitavam. O pequeno Espírito negro causava uma grande surpresa, e nos disse que, apesar de se assemelhar ao chumbo em aparência ao Espírito branco, era ainda muito leve em comparação a nós.

Quando o fantasma feminino a espantava, ela pedia que a levassem a mim, e, na mesma noite, fomos perturbados por ruídos no quarto, enquanto algo me era lançado.

A filha de Lowenstein viu o caçador e o espírito luminoso; a filha de Hauffe, que tinha então 3 anos e dormia na antecâmara por onde passava o caçador, deu um grito e mostrou medo; o que nos fez compreender que tinha visto qualquer coisa que o assombrara. Antes de ir dormir, a Senhora Hauffe nos disse que o bom Espírito não voltaria até que ela fosse ao castelo. O caçador repetiu o mesmo.

A 20, o fantasma brilhante declarou que voltaria a 15 ainda que ela não pudesse ir ao castelo, e depois que se tornaria quando ela se resolvesse a ir com ele. O caçador comunicou-me e ia para um lugar melhor e não mais a incomodaria. Ela nunca pode ir ao castelo e eles não voltaram mais.

Pouco depois; pessoa que ocupava uma posição oficial, veio procurar-me e me contou o seguinte:

- “Há 10 anos, aqui perto, eu era perturbado dia e noite por um ser invisível, que abria e fechava portas, andava para a direita e para a esquerda. Meus filhos já tinham acostumado com estes ruídos e nós estávamos até familiarizados como eles, porém nunca se viu nada. Como eu precisava cumprir uma função, aluguei uma pequena casa a caminho do castelo. Lá os passantes continuaram, mas dentro em pouco o que era invisível se tornou visível”.

“Vi uma noite, perto da cama, o fantasma de um homem: de cerca de 60 anos; usava sapatos de pé redondo, vestes escuras, botas com esporas e parecia pessoa de qualidade. Disse-me algumas palavras, comprimindo-se com dificuldade”:

- Venha comigo ao castelo.

Não lhe pude responder. Desde então, o Espírito voltou dia e noite e me falou muitas coisas.

"Soube que ele estava preocupado com uma coisa e que ocultara a que estava ligado por um juramento num subterrâneo, cuja entrada é ao pé do muro.

Uma vez apareceu-me, dizendo:

"Venha comigo ao castelo às 10 da noite". Prometi-lhe e saí à hora indicada. Quando cheguei à pequena porta percebi que alguém vinha a mim, da torre redonda; tomei-o por pessoa e temendo ser interrogado, voltei. Por seu lado, o personagem voltou para a sua prisão. Compreendi então que era um fantasma, e o vi acompanhado por um espectro negro, ruidoso, que ele parecia evitar. Deu um gemido que me tocou o coração, mas não tive forças para prosseguir na minha primeira intenção. Depois disso nada mais vi nem ouvi, de semelhante à minha casa."

Colho esta narrativa de um homem honesto, e não podemos deixar de notar suas relações com a história precedente. A Senhora Hauffe nunca mais ouviu falar desse homem e de sua aventura.

O sexto caso

Se muitas coisas já narradas parecem incríveis, as que vamos citar o parecerão ainda mais, e quem que acham impossíveis os fatos acontecidos à Senhora Hauffe, rejeitarão com mais razão ainda o que se vai seguir. Mas os que nos lerem com outra disposição de espírito não dispostos a crer na existência de um mundo de Espíritos em meio a nós, não deixarão de admirar as singulares coincidências que apresentam estas histórias, sobretudo no que toca à

ios empregados pelos Espíritos para atrair a atenção dos mortais; estes meios diferem em não em natureza, mas em grau.

As pessoas a que os fatos aconteceram estavam em gozo de perfeita saúde e nunca tiver quaisquer relações com magnetizadores ou sonâmbulos. O Conselheiro Hahn, d'Ingelfing e foi testemunha ocular dos fatos, escreveu-lhes a narrativa no castelo de Slanwensick, ésia, que um raio destruiu no ano de 1808, e referiu-as a mim em 1828.

Depois da campanha dos prussianos contra os franceses em 1806, o Príncipe reinante henlohe deu ordem ao Conselheiro Hahn, que estava a seu serviço, de ir para Slawensick esperar a sua volta. Sua Senhoria vinha a Liègnitz para o seu Principado e Hahn começou a viagem para a Alta-Silésia, a 19 de novembro. Na mesma época. Carlos Kern, anzelsan, aprisionado pelos franceses, foi solto sob palavra, e chegou a Liegnitz em compl séria. Obteve ficar algum tempo com Hahn, à espera que lhe enviassem dinheiro. Hahn rn foram amigos de infância; os acontecimentos levaram-nos ambos aos Estados prussian les habitaram o mesmo apartamento no castelo, no primeiro andar, nos ângulos posterior edifício, que dá de um lado para o Norte e de outro para o Este. À direita da porta de nara havia uma porta envidraçada ligada a um aposento separado do seguinte por ique de madeira.

A porta aberta nesse tabique, que fazia a comunicação dos dois aposentos, esta erditada, porque continha toda a espécie de utensílios domésticos. Nem nesse quarto nem ão que o precedia, se encontrava qualquer abertura que comunicasse com o exterior. stelo só havia os dois amigos, os dois cocheiros do Príncipe e o servidor de Hahn. Toc im valentes. Como Hahn e Kern, o em que menos acreditavam era em Espíritos ticeiros; nada do que lhes acontecera até então poderia levar seus pensamentos àqu itido.

Durante os anos de colégio, Hahn se dera aos estudos de Filosofia; seguira Fichte udara com o maior cuidados os trabalhos de Kant. Os resultados desses estudos conduziar puro materialismo e ele considerava a criação do homem não como uma coroação, n mo um meio de chegar a um fim ainda mal determinado. Depois, estas opiniões nsformaram, como a de muitos outros, que pensam de maneira inteiramente diversa aos os do que pensavam aos 20.

Era necessário apresentar esses pormenores, para que se desse fé à extraordinária narrat e se segue aceitos ingenuamente por ignorantes supersticiosos, mas fria e corajosame servados por espíritas esclarecidos.

Durante os primeiros dias de residência no castelo, os amigos, vivendo em solid nsagraram suas longas noites à leitura de Schller, de que eram ambos grandes admirador

ordinariamente Hahn lia alto. Três dias se tinham escoado pacificamente, quando, sentado nessa situada no meio do compartimento, tiveram, às 9 da noite, a leitura interrompida por uma chuva de cal, que caía em torno deles. Olharam para o teto, pensando que proviria de algum lugar, porém não descobriram qualquer ponto estragado; enquanto procuravam verificar de onde vinha o cal, caíram de repente muitos fragmentos, inteiramente frios, como se viessem do lado de fora. Enfim, supondo que a cal se destacasse de um ponto qualquer da parede, deixaram as coisas para mais tarde, foram deitar-se e dormiram tranqüilamente até de manhã. Quando acordar viram-se surpreendidos pela quantidade de cal espalhada no assoalho, sem contudo houvesse nas paredes ou no teto nenhum ponto de onde pudesse ter caído.

Não pensaram mais nisto até que à noite, o cal, em lugar de cair como antes, foi lançado em blocos, que vieram ferir Hahn. Ao mesmo tempo ouviam, ora em cima, ora em baixo, ruídos surdos, como tiros de fuzil ao longe. Atribuíram ainda esses ruídos a causas naturais e foram deitar-se como de costume. Mas a barulheira lhes afugentou o sono, e um deles começou a produzir-lhe, batendo com os pés na cama. Verificando enfim que o fato persistia depois de se levantarem e ficaram em pé no meio do quarto, viram que a causa não era a chuva, mas a junham.

Na noite seguinte, uma terceira espécie de ruído veio juntar-se aos outros, era a imitação de um ruído de tambor longínquo. Pediram então à governante do castelo que lhes desse a chave dos apartamentos de cima e de baixo, e ela a enviou pelo filho. Enquanto este acompanhava-os em sua inspeção, Hahn ficava no quarto. Em cima encontraram um quarto vazio, e em baixo uma cozinha. Bateram, mas o ruído produzido era muito diferente do que Hahn continuava a ouvir em torno de si. Quando voltaram, disse Hahn pilheriando:

- A casa é mal-assombrada.

À noite, ao se irem deitar, com um facho aceso, ouviram o ruído de pessoa que caminha no quarto. Hahn continuou a gracejar e Kern a rir da singularidade dos atos, durante alguns instantes, até que foram vencidos pelo sono; não se sentiram absolutamente perturbados, não pensaram jamais em atribuí-los as causas sobrenaturais. Mas, na noite seguinte; o ruído tornou-se mais inexplicável.

Diversos objetos foram projetados no ar: garfos, facas, escovas, chapéus, chinelos, tubos, ganchos, sabão; em suma, estava tudo em movimento, enquanto as lanternas eram lançadas de um lado para outro. Reinava a maior confusão. Durante todo esse tempo, continuava a cair e as pancadas a ressoarem.

À vista disso, os dois amigos chamaram os servidores, Kenittel, o guarda do castelo e os outros que puderam reunir, para serem testemunhas dos fatos misteriosos. Pela manhã estava tudo calmo, e assim ficou até à uma hora da madrugada.

Certa noite, Kern foi ao quarto apanhar qualquer coisa, e ouviu um ruído que parecia acompanhá-lo até a porta. Hahn trouxe luz, ambos precipitaram-se para o quarto e acharam um pedaço de madeira encostado ao biombo. Mas, supondo-se fosse essa a causa do ruído, como poderia movera-se? Kern estava certo de que a porta ficara fechada; mesmo durante os ruídos não havia nenhum pedaço de madeira no quarto.

Freqüentemente, sob suas vistas, as facas, os espevitadores, levantavam-se da mesa e caíam no chão. As grandes tesouras de Hahn foram tiradas da mesa, entre ele e um criado e dois zeladores do Príncipe, e vieram cair no solo.

Como se seguissem muitas noites tranqüilas, Hahn resolveram não abandonar o quarto. Mas, depois de três semanas de uma barulheira contínua, de sorte que, não tendo mais tranqüilidade, resolveram transportar as camas para o quarto grande do andar superior, em esperança de um sono mais sossegado. A esperança foi vã. O bulício continuou como dantes, e ainda mais: eles viam chegar ao novo quarto os objetos de que estavam certos ter deixado no quarto inferior.

- Que joguem o que quiserem - gritou Hahn - é preciso que eu durma.

Kern começara a despir-se e a andar pelo quarto, refletindo sobre tudo isso.

De repente Hahn o vê parar, como pregado ao solo, diante do espelho. Ficou assim durante alguns minutos, depois, tomando de violento tremor, desviou-se do espelho com uma palidez de morte. Hahn, supondo-o molestado pela frieza de um quarto desabitado, lançou-lhe um olhar nos ombros. Kern, então, que era realmente corajoso, voltou a si, e contou com voz airada que vira um fantasma de mulher, branco, a olhá-lo. Ela estava diante de sua imagem e no princípio não pode crer; sentia-se vítima de uma ilusão e por isso ficou muito tempo imóvel. Quando notou que os olhos do fantasma se mexiam e se fixaram nos seus, um arrependimento radiou e ele desviou-se. Hahn, então, caminhou resolutamente para o espelho e pediu à aparição que mostrasse a ele, porém não viu nada, apesar de ficar um quarto de hora diante do espelho repetindo o pedido.

Kern acrescentou que os traços do espectro eram de pessoa idosa, mas nem tristes nem ebrios. Sua expressão era de indiferença; tinha a face pálida e um véu na cabeça, que só lhe deixavam os traços visíveis.

Seriam 4 horas da manhã; o sono lhes fugira, e resolveram então tornar ao antigo quarto em suas respectivas camas. Mas os criados declararam que não podiam abrir a porta embora não tivesse sido fechada. Votaram. Entretanto retrocederam segunda e terceira vez com o mesmo resultado. Foi Hahn então e abriu-a com a maior facilidade. Os quatro empregados declararam com energia que não puderam ao menos abalá-la apesar de todas as suas forças.

Assim ocorreu um mês. As fatos sobre os estranhos acontecimentos do castelo espalhara e entra os que quiseram convencer-se de sua realidade achavam-se dois oficiais dos dragões bávaros, o Capitão Cornel e o Lugar-Tenente Magerle, do regimento de Minucci.

Magerle ofereceu-se para ficar só no quarto, o que os outros consentiram. Mal tinham egrado ao compartimento vizinho, ouviram Magerle, como um homem tomado de violência, a bater em mesas e cadeiras com o sabre. O Capitão achou melhor voltar, para salvar os oficiais do efeito de sua ira. A porta estava fechada, porém ele a abriu e contou, com violência, que logo que os amigos saíram do quarto, um ser maldito entrara a atirar-lhe quatro objetos. Depois de ter revistado todos os cantos, sem descobrir o autor do ataque, ficou furioso e batera como um louco em torno de si.

Toda a gente passou o resto da noite no quarto e os dois bávaros vigiavam atentamente Hahn e Kern, para se assegurarem de que não eram eles os autores da mistificação. Estavam tranquilamente em redor da mesa quando, de repente, os ganchos se elevaram no ar e caíram sobre Magerle; uma bala de chumbo veio ferir Hahn no peito. Logo após, ouviram um ruído na porta envidraçada, como se alguém batesse com a ponta dos dedos, ouvindo-se, ao mesmo tempo, a queda de um copo. Examinaram e encontraram a porta intacta, mas um copo já quebrado no chão. Os bávaros declararam-se então convencidos e trataram de procurar repouso em lugar mais pacífico.

Entre todas essas estranhas aventuras é notável a seguinte, acontecia a Hahn. Uma noite, horas, quando se dispunha a barbear-se, os utensílios para esse fim, colocados numa prateleira, num canto do quarto, foram chegando a ele um a um: a saboneteira, a navalha de segurança, o sabão, e caíram a seus pés, embora ele estivesse a poucos passos da prateleira. Ele e Kern, sentados diante da mesa, puseram-se a rir, e tão acostumados estavam a tais incidentes que já não os estranharam.

Hahn derramou um pouco d'água quente numa bacia e notou que estava com uma temperatura conveniente para barbear-se; mas, no momento em que se dispunha a fazer uma com o sabão, notou que a água tinha desaparecido completamente da bacia. Outra vez Hahn foi acordado pelo fantasma que lhe atirava uma folha de chumbo laminado, dessas que se envolve o tabaco, e quando se abaixou para apanhá-la, a folha atirou-se contra ele. Desta vez Hahn deu no seu assaltante invisível uma forte bengalada.

O livreiro Doifel foi freqüente testemunha desses fatos estranhos. Uma vez colocou o pé na mesa, perto da lareira; quando se dispôs a partir, procurou-o e não o achou. Olhou para a mesa quatro ou cinco vezes inutilmente, e eis que o chapéu aparece subitamente no lugar que tinha sido posto: Knitel colocou também uma vez o seu chapéu na mesma mesa, e o mesmo aconteceu quando sem que ninguém estivesse perto da mesa, até que veio cair a seus pés.

Hahn, determinada a encontrar a explicação do mistério, apanhou duas luzes, pôs a posição que lhe permitia ver todo o aposento, bem como janelas e portas, e a mesma coisa produziu na ausência de Kern, enquanto os empregados estavam nas cavalariças e só ele estava no castelo. Os ganchos voaram, como de hábito, sem que a mais atenta observação permitisse descobrir a causa.

O guarda-florestal Radezenky passou uma noite no quarto; os dois amigos estavam dormidos; ele, porém, não pode gozar nenhum repouso. Foi bombardeado sem interrupção pela manhã, havia no seu leito toda a espécie de utensílios da casa.

Uma noite, como Hahn quisesse dormir, a despeito do barulho e dos projéteis, as pancadas na parede e perto da cama para logo lhe tiraram o sono. Tentou dormir uma segunda vez, não de novo despertado por uma sensação semelhante à que produziu uma pessoa que bebeu na água uma ponta dos dedos e entrou a fazer aspersões. Tentou mais uma vez quando Kern e Knittel o vigiavam assentados junto à mesa, mas produziu-se a mesma sensação de projeção d'água, embora não se lhe visse nenhum sinal da mesma.

Por essa ocasião, Hahn teve que fazer uma viagem a Breslau e em sua volta soube a manha de todas as histórias. Para não ficar só naquele quarto misterioso, Kern chamou, para ter-lhe companhia, o criado de Hahn homem de seus 40 anos e grande simplicidade de caráter. Uma noite estava Kern na cama e este homem, em pé, conversava com ele perto da porta envidraçada; viu ele então, com grande espanto, uma bilha de cerveja na mesa do quarto a uma notável distância, subiu suavemente a uma altura de três pés, derramar seu conteúdo em um copo que lá se achava, até o encher pela metade. A bilha voltou a repousar; o copo levantava-se vazio, como se ali houvera um bêbado. João, o criado, no cúmulo da surpresa, gritou:

- Senhor Jesus! Engoliram-na!

O corpo foi recolocado docemente e não se encontrou uma gota de cerveja no chão. Hahn insistiu em pedir ao criado que fizesse a afirmativa sob juramento, mas vendo-o prestes a insistir, considerando a narrativa absolutamente verídica.

Knetsch, inspetor dos trabalhos, passou uma noite com os dois amigos, e apesar dos projéteis que caíam incessantemente, foram para a cama. O quarto estava claro e eles viram os guardanapos subirem até o teto; depois se desdobraram e continuaram a vultear. Um copo de porcelana de um cachimbo pertencente a Kern, destacou-se e quebrou-se. Facetas dispersaram-se sendo que um caiu na cabeça de Hahn, felizmente com o cabo preso. Depois de suportarem essas desordens durante dois meses, resolveram unanimemente abandonar o quarto dos mistérios, pelo menos por essa noite.

Hahn e Kern pegaram uma cama e a levaram para o quarto oposto e, assim que partiram, a vasilha destinada à água ferruginosa caiu ao pé de duas pessoas que lá ficaram, e

delabro de cobre foi atirado ao chão. No aposento oposto, a noite passou-se tranqüila, embora houvesse os ruídos do quarto abandonado. A partir deste momento cessaram os ruídos e só se viu de apreciável o incidente seguinte:

Algumas semanas depois de sua volta, Hahn, entrando em casa, atravessou a ponte e ia conduzindo ao castelo e ouviu passos de um cão atrás de si. Olhou para todos os lados, chamou o nome de um cão de caça muito ligado a ele, pensando que o seguia, mas, embora vissem sempre os passos, nada pôde ver, e concluiu ser uma ilusão. Entretanto, apesar de estar o pé no quarto, Kern tomou-lhe apressadamente a porta da mão e chamou o cão por nome, dizendo que o tinha visto, mas que desaparecera. Hahn perguntou se tinha realmente visto o cão.

- Por certo que o vi - disse Kern - ele vinha atrás de ti e passou metade do corpo pela porta que me levou a retirá-la de tua mão, com medo de que, não o vendo, o apertasses ao fechá-la e aí apareceria um cão branco e tomei-o por Flora.

Procurou-se logo o cão e foram encontrá-lo na cavaleriça onde ficava preso o dia todo. Foi muito espantoso, mesmo supondo-se que Hahn se tivesse enganado, acreditando ter-lhe ouvido os passos; que Kern pensasse ter visto atrás dele um cão branco, antes que o amigo lhe dissesse qualquer palavra, tanto mais que não havia na vizinhança outro animal desta espécie. Há muito tempo não estava escuro e Kern tinha excelente vista.

Hahn ainda ficou seis meses no castelo, sem que houvesse nada de excepcional, e as coisas que ocuparam o quarto misterioso não experimentaram mais nenhuma inquietação.

O enigma, apesar de todas as pesquisas e investigações, ficou sem solução; não se encontrou qualquer explicação para os fatos estranhos. Ainda supondo-se que existisse um indivíduo hábil na vizinhança pessoa hábil para prosseguir em tal sistema de perseguição, o que aconteceu foi tanto que os habitantes do quarto acabaram por despreocupar-se.

Cumprido, por fim, declarar que o Conselheiro Hahn escreveu um relatório comprometendo-se a não sair dos mais estreitos limites da verdade. Eis o que disse:

"Escrevi os acontecimentos como os vi e ouvi; observei-os do princípio ao fim, em presença de mim mesmo. Não sou medroso nem tenho disposição a comover-me. Entretanto, isto é para mim absolutamente inexplicável." - Augusto Hahn, Conselheiro.

Sem dúvida, é possível esperar muitas explicações naturais dos fenômenos por parte de quem se crêem isentos da fraqueza que admite como verdadeira a narrativa que foi feita. Mas não há como não afirmar que Kern era um perfeito pelotiqueiro, que conseguia deitar poeira nos olhos de Hahn e que ambos afirmaram que Hahn e Kern se embriagavam todas as noites. Não deixei de transmitir as objeções a Hahn e eis o que respondeu:

"Depois dos acontecimentos descritos, morei durante três meses com Kern em outra parte do castelo de Slawensick, que foi destruído por um raio, sem achar a solução desse mistério e não experimentar novos aborrecimentos, que cessaram desde que deixamos este apartamento. É preciso que essas pessoas me suponham mentalmente débil se imaginam que, possuindo apenas uma companhia, tivesse podido suportar suas tretas durante dois meses, sem nunca desmamar-las. Quanto a Kern, desejava ele a princípio deixar os quartos; mas como não queria renunciar à esperança de descobrir uma causa natural para os fenômenos, insistiu que ficasse. O que enfim me decidiu a aceder a seus desejos foi o pesar que me causou a queda de meu cachimbo de porcelana, que fora lançado no parque e se quebrara. Além disso, para executar farsas, é preciso um farsante, e eu estava muitas vezes absolutamente só, quando os incidentes se produziam. Não é menos absurdo acusar-nos de intemperança. O vinho lá era muito caro e nós não bebíamos nada; só tomávamos cerveja fraca. Não referi tudo o que aconteceu, mas a minha lembrança ainda está muito viva, como se os fatos se passassem ontem. Há também numerosas testemunhas, de que já aponte algumas.

"O Conselheiro Klenk veio ver-me no último período, com o vivo desejo de penetrar no mistério, e, quando em certa manhã subiu para esse fim numa mesa e bateu no teto com um martelo, viu cair-lhe em cima uma caixa de pó, que acabara de deixar na mesa de um quarto. Nesse momento, Kern estava ausente havia algum tempo. Não deixei de empreender todos os meios imagináveis para descobrir o enigma. Eu mesmo fui censurado por muito tempo porque recusava categoricamente crer na intervenção de causas sobrenaturais. O medo não me deu forças, todos que me conhecem o sabem; e para evitar qualquer possibilidade de erro, muitas vezes pedi aos outros, quando assistia aos fenômenos, que me descrevessem o que viam. Suas respostas estavam sempre de acordo com o que eu percebia.

"De 1809 a 1811 habitei Jacobswald, na vizinhança do castelo ocupado então pelo príncipe. Sei que muitos fatos singulares se produziram quando ele estava aí, mas como não sou testemunha, não posso falar deles de modo mais preciso.

"Jamais pude explicar tais fenômenos e consinto em submetê-los aos julgamentos, muitas vezes apressados do mundo, com a consciência de só ter dito a verdade, o que muitas testemunhas ainda vivas puderam verificar." - Conselheiro Hahn. (1)

(1) - Depois da destruição do castelo pelo raio, ao retirarem os escombros, descobriu-se o esqueleto de um homem em um caixão. O crânio tinha sido fendido e achou-se uma espada ao lado dele. (Nota do Autor)

Voltemos às aparições vistas pela Senhora Hauffe.

A 8 de outubro de 1828 estava ela na cama e sua mãe na antecâmara, com sua irmã e um filho, Mensch, que não acreditava em fantasmas. A porta do quarto abriu-se de repente sem nenhuma causa aparente, e o espectro de um homem que ela já tinha visto, não recentemente,

rou no aposento. Aproximou-se-lhe da cama, olhando-a com calma. Os que estavam na antecâmara tiveram a noção da presença do espectro, por um pronunciado mal-estar. Logo depois, a Senhora Mensch sentiu uma pancada na cadeira, que a fez gritar por socorro. A irmã da Senhora Hauffe não viu o espectro com os olhos, como diz ela, mas de dentro, de modo que, capaz de descrevê-lo. Acrescentou que o fantasma lhe fazia conhecer seus pensamentos, o que produziu nela um sentimento de pena.

Pela descrição dessa moça sincera, compreendi como os videntes percebem os espectros: não é por meio dos órgãos ordinários da vista, senão por inspiração, e por assim dizer, por despertar do espírito interno (1).

(1) - A regra não é geral. (Nota do Tradutor)

A Senhora Hauffe não nos fez saber do nome desse espectro, que só reconheceu porque lhe falou uma vez de seu filho que ela conhecia.

Na noite seguinte, a mãe e a irmã da Senhora Hauffe sonharam que M.N. lhes apareceram. A primeira viera falar do filho. Quando referiram o sonho, a Senhora Hauffe lhes disse quem era o espectro. Em outra noite a Senhora Mensch acordou com a sensação de que a tocavam e voltou à cama, a forma de um homem com um lenço na mão. Assustada, foi para a cama do marido; quando descreveu a aparição, a Senhora Hauffe reconheceu o fantasma pelo lenço. Ela disse-lhe o nome e o que ela nunca suspeitara, que se tratava de um parente seu.

Estando eu na antecâmara de onde se podia ver o quarto da Senhora Hauffe, notei uma forma vaporosa, semelhante a uma coluna de fumaça, com uma cabeça, mas sem contornos definidos. Apanhei uma vela, penetrei no quarto e encontrei-a com os olhos fixos no ponto onde eu vira o fantasma; eu o cessara de ver, o que era natural, pelo efeito da luz. O quarto estava um tanto claro, mas fracamente, e a forma branca do vapor delineava-se melhor no meio do alho obscuro. Quando lhe perguntei o que olhava, disse-me que o espectro N. estava lhe mostrando um recado para o filho. Mostrou surpresa, sabendo que esse fantasma pudera tornar visível a tantas pessoas. Eu o vi e foi à única vez que isto me aconteceu.

O sétimo caso

O Reverendo M. H., falou-me muitas vezes dos ruídos inexplicáveis que ouvia à noite em sua casa, como pancadas, o rolar de bolas, respiração perto de sua cama e especialmente passagens de homens, ao mesmo tempo em que a abertura da porta de seu quarto. Seguiu os passos do ruído, nunca lhes descobriu a causa. Notou que esses ruídos se verificaram imediatamente

ós a morte de seus filhos. Designado para outra paróquia, deixou essa localidade, sem nã
erir a M.R., designado para sucedê-lo. Este, porém, logo que se instalou na casa, viu
rturbado da mesma maneira, sem que tivessem êxito os esforços para descobrir a cau
tretanto, uma senhora da família declarou que encontrara uma forma preta e que fi
spertado à noite por um fantasma da mesma espécie. Circunstância interessante é a de qu
ã da Senhora Hauffe, dormindo uma vez nessa casa, sonhou que se lhe apresentara u
nde forma negra e que ela se pusera a gritar:

"R. afasta-te de mim!" Depois do que acordou e não viu mais nada. Narrando o caso
verendo M. R., ele recorreu ao registro e verificou que uma pessoa com aquele nome,
os antes, morara naquela casa, circunstância desconhecida dele e da irmã da Senhora Hauf

Já assinalamos muitas vezes nestas páginas a influência da presença dos espectros sobre
e dormem.

Oitavo caso

A Senhora W. Von H., dama de educação esmerada e grande presença de espírito, ficar
rante oito dias na casa da Senhora Hauffe sem chegar a ver ou sentir os espectros; entreta
via-os. Cantou-me na manhã do nono dia, o seguinte:

- Eram 11 da noite, eu estava sentada na cama da Senhora Hauffe, que se mostr
feitamente calma, quando fui presa de um sentimento extraordinário de ansiedade
ressão; sem dizer uma palavra despi-me à pressa e, deixando as vestes no chão, precipit
na cama e ocultei a cabeça nas cobertas. Mas, cobrando ânimo, embora a opres
sistisse, sentei-me e olhei em torno. Não percebi nada, mas quando voltei a deitar-me, u
ça invisível puxou o travesseiro de baixo de minha cabeça e o colocou em meu rosto. Pú
lugar e o fato reproduziram-se; depois as cobertas foram continuamente sacudidas. Como
se a Senhora Hauffe repousando tranqüila durante todo esse tempo, evidentemente
ormecida, nada lhe referi, entretanto, pela manhã vi minhas roupas numa cadeira perto
na e não pude deixar de mostrar surpresa, pois que as deixara no chão; a Senhora Hau
o seria capaz de por um pé fora do leito e ninguém veio ao quarto. Ela porém me disse:

- Quando deixaste os trajés no chão, havia no quarto um Espírito escuro e eu o vi levar
e colocá-lhes na cadeira. Não se importou comigo e só se ocupou de ti; não quis dizer na
ra não te amedrontar.

Nono caso

Em agosto de 1828, a Senhora Hauffe recebia a visita de dois Espíritos, o que ocultava que esquecera os nomes e eu não os sabia se não fossem as seguintes circunstâncias: estando no quarto, veio ela a mim em grande agitação e como eu insistia para que dissesse o motivo, declarou que um dos que morrera aqui acabara de lhe pedir que... (tratava-se de uma relação que devia ser feita à pessoa ainda viva). O espectro lhe aparecera com um grande lenço, botas, chapéu, mas sem gravata. Apesar de nunca ter visto, descreveu-o com exatidão semelhante ao companheiro, amigo dele durante a vida. Reapareceram em roupas brancas saindo por trás de uma espessa nuvem, através da qual se via o céu azul.

Disse-me ela que jamais outro fantasma lhe produzira semelhante emoção. Não estavam segurando o guante de nenhum crime, mas tinham fé vacilante e nos últimos momentos desesperaram-se por não terem recebido o perdão. Nada sabia desses fatos se não fora à necessidade de cumprir a missão.

A pedido meu, perguntou ela a um dos Espíritos:

- Prossegue ainda em suas pesquisas sobre a natureza?

- Sim, mas de maneira diferente e infinitamente mais elevada.

Quando cumpri a missão, o que a solicitou apareceu em forma mais brilhante e disse que não voltaria mais pela última vez. Como não falasse do amigo, concluí que o deixara. Mas depois de um tempo, surpreendeu-me ouvi-la dizer que um espectro - o qual pela descrição reconheci ser o amigo do outro, - lhe aparecera e censurara não tivesse feito o que pedira. Roguei que me explicasse a negligência por uma prece.

Pelo que me disse depois, reconheci nesse Espírito um de meus parentes, que só vira uma vez no curso da mocidade, e que ela nunca vira. O recado era para mim e ela não o transmitira por timidez. Levei-a a pedir-lhe o nome e a interrogá-lo sobre a época de seu nascimento e morte. Como já a disse na primeira parte do livro, as pesquisas confirmaram a informação que eu havia obtido.

Esse Espírito apareceu-lhe pela última vez. Declarou que estava agora numa região feliz e desmentou ao retirar-se:

- Morrei na fé de nosso Redentor e afastai tudo o que a possa impedir.

Décimo caso

Na noite de 8 de outubro de 1828, a jovem de Lowenstein, que tinha o dom de ver espectros, dormia na antecâmara da Senhora Hauffe. No dia seguinte contou-me que em meia-noite, e uma hora a porta se abriu e fechou e um homem de face terrosa, vestido de preto, entrou. Parecia infeliz, atravessou tranqüilamente o quarto; logo depois veio outro homem, mais espesso e depois um terceiro igualmente vestido de preto. Não ficaram muito tempo com a Senhora Hauffe e logo se afastaram. Ela sentou-se na cama para olhá-los, por não poder dizer nada. Cada um que passava abria e fechava a porta.

Elas viram-nos com formas vaporosas e sem vestes pretas. Eles lhes vinham pedir o meio de obter alívio; ela, porém, aconselhava-os a dirigir-se diretamente ao Redentor.

Na noite de 9 a moça viu entrar no quarto da Senhora Hauffe um espectro que ela julgou ser um habitante da localidade, morto há pouco. Por consideração aos amigos não lhe contou o nome. Soube por ele que no estado médio, os que têm as mesmas tendências se associam e são capazes de ver todas as pessoas, senão apenas uma aqui, outra acolá, e sempre cores sombrias, como viam tudo.

Décimo primeiro caso

Extraído de uma carta que me foi dirigida por Pfleiderer:

“No mês de junho de 1827, o meu chefe Schmiedgal, de Lowenstein, pediu-me que ficasse um dia em Weinsberg, perto da sobrinha, a fim de fiscalizar-lhe aplicação das prescrições e ele não podia fazer... Deitei-me num sofá, no salão, e a Senhora Hauffe num pequeno quarto vizinho”.

"Desde a primeira noite fui despertado regularmente entre uma e duas horas por um insuportável sentimento de medo e de opressão, o que nunca me acontecera. Ao sexto dia foram-me a casa e o fenômeno reproduziu-se. Depois de minha volta a Weinsberg, acordava mais por opressão, mas sacudida."

*

Devo interromper a narrativa de Pfleiderer para assinalar que nessa época a Senhora Hauffe me dissera em segredo que, à noite, entre uma e duas horas, observava pela porta aberta a figura masculina que se aproximava de Pfleiderer, inclinava-se sobre ele e o acordava quanto lhe fazia sinais estranhos com o dedo. Como esse despertar se tornava cada vez mais

noso e Pfleiderer me consultara a respeito, recomendei a Senhora Hauffe que lhe contasse e vira.

*

"Esse despertar tornava-me cada vez mais enfermo; queixando-me a Senhora Hauffe, disse que entre duas e três horas via um grande fantasma preto com um manto e botas. Ele aproximava alguns passos de meu leito e dirigia para mim a ponta dos dedos. Depois inclinava para o meu corpo e quando eu acordava parecia fazer sinais com os dedos. Para verificar a verdade dessas informações, resolvi velar uma noite e, acompanhado de alguém, pedi à Senhora Hauffe que me chamasse logo que visse o espectro.

"A hora habitual, acordado e palestrando com um amigo, senti a costumada opressão, o mesmo tempo em que estranha corrente de ar soprava em cima de mim. Não disse uma palavra, mas ia perguntar a Senhora Hauffe se o Espírito estava lá quando ela me informou que ali se encontrava. Dirigi-me então ao fantasma e pedi-lhe em nome de Deus que me dissesse em que lhe podia ser útil. Não tinha acabado estas palavras e já a opressão desaparecia, e a Senhora Hauffe dizia:

- Proíbo-te de dar mais um passo.

"Contou-me ela depois que quando eu falava, o Espírito afastava-se de mim e lhe referia desaparecendo:

- Era um dos meus discípulos.

"Pela descrição que a Senhora Hauffe me fizera mais tarde, adquiri a convicção de que ficara conhecido dos meus antigos professores, de que não quero revelar o caráter ou a história. A Senhora Hauffe nunca falara desse homem.

"Durante os três meses que se seguiram, onde eu estivesse sentia a mesma impressão o mesmo tempo; se estiver dormindo acordava inevitavelmente",

W. D. Pfleiderer

Heilbronn, 20 de outubro de 1844

Décimo segundo caso

Um homem para o qual a Senhora Hauffe receitara, num acesso de delirium tremens, veio a falecer. Apareceu-lhe durante todo o tempo em que ficara no ataúde e lhe fizera revelações recomendando que as transmitisse à viúva. Eu assisti a sua morte fiquei impressionado com

sejo ansioso que ele, manifestava de fazer ainda alguma comunicação, quando já perder a vontade de falar.

Deixo de lado suas revelações e limito-me a assinalar que a Senhora Hauffe nos dissera: mostrado a mais viva preocupação em relação a uma de suas filhas. Quatro semanas depois ela telha caía-lhe na cabeça e lhe fraturava o crânio. Ela sofrera uma operação melindrosa com espantosa firmeza, e restabeleceu-se tão rapidamente que fomos levados a admitir que o Espírito protetor a ajudara a suportar a prova.

Décimo terceiro caso

Durante a noite de Natal de 1828, quatro espectros apareceram à Senhora Hauffe. Três homens e uma mulher, que chegaram dançando. Ela lhes disse:

- São realmente demônios para profanar esta noite?

Eles imediatamente desapareceram. A 5 de fevereiro voltaram a meia-noite, comportando-se como da primeira vez. Ordenou-lhes em nome de Jesus que cessassem; eles então ficaram imóveis a olhá-la fixamente. Disse-lhes ela:

- Estais tão fora do bom caminho que dançais neste dia? É assim que demonstrais gratidão ao Redentor?

A estas palavras pareceram tomados de pesar e pediram que os poupasse. Perguntou-lhes se não desejariam elevar-se e ser felizes. Responderam que suas faltas os impediam.

Voltaram e olharam-na com ar suplicante.

Disse-lhes ela:

- Orai em nome daquele que morreu na Cruz.

- Sim - replicaram - e sumiram:

Tornaram os espectros, e ela orou com eles. Vinham acompanhados por uma formidável luz e traziam vestes que indicavam melhoria em seu estado, embora ainda sombrio. Logo se despediram dizendo que se sentiam capazes de progredir com auxílio de Espíritos santos.

Décimo quarto caso

A 10 de novembro de 1827 disse-me a Senhora Hauffe que, desde que acordara; visitada pelo fantasma de um jovem que dizia ter morrido na vizinhança, e que vinha vê-la para levá-la e levasse algumas revelações a seus pais e irmãos. Pediu ela que o fizesse ele mesmo e respondeu porém que isto não lhe era possível e insistiu na súplica.

Reapareceu e rogou lesse para ele um hino na noite seguinte. Quando chegou para ele, estava acompanhado pelo, fantasma de uma mulher idosa, que emitia luz muito viva e isto estivesse na sombra, a Senhora Hauffe via bastante para ler o hino.

Disse ela acreditar que a luz emitida pelos bons Espíritos existia nos homens virtuosos e que não estava ainda não desenvolvida. Nada me sabia desse fantasma, se não tivesse dito para ela que a Senhora Hauffe que alguns anos antes morrera um moço na casa que ela habitava atualmente. Isto a emocionou e levou a falar-me de sua aparição. Pela descrição percebi que não era aquele, mas um jovem falecido na vizinhança, como declarara.

Algumas semanas depois sucederam na família deste último, acontecimentos que confirmaram plenamente sua preocupação e explicaram a escolha que fizera do hino.

Décimo quinto caso

Às onze horas da manhã de 20 de novembro de 1829, Henrique, irmão da Senhora Hauffe apareceu-lhe e apenas lhe disse:

- Pense em nossa mãe.

A Senhora Hauffe foi atacada de convulsões; quando voltou a si contou o que acabara de sofrer e mostrou temores a respeito da saúde da progenitora. Nessa ocasião nem ela nem ninguém sabia que a mãe estava em caminho para ver a filha. Duas horas depois chegou a casa, cheia de terror, porque os cavalos tinham desenfreado numa descida. Soube por algum meio que o incidente sucedera precisamente às onze horas.

Décimo sexto caso

Durante cinco semanas a Senhora Hauffe foi visitada, sem eu o saber, por meu amigo Henrique, recentemente falecido, que muito se havia interessado por ela e que vinha vê-la freqüentemente para saber notícias do estado espiritual médio, em que acreditava seguramente. Não pare

ste, antes reconfortado pela certeza de atingir a felicidade. Ela pediu-lhe que se tornasse feliz ou que se fizesse ouvir por mim, e ele prometeu. Nessa mesma noite tive uma estranha sensação e ao mesmo tempo ouvi no quarto, tão calmo, certos ruídos que não expliquei. Não conhecia o pedido e ela nada sabia do que eu experimentara quando, mais tarde, me falou as histórias de P. e me disse que este a tinha encarregado de certa missão relacionada ao filho.

Notou que nunca vira o cabelo dos Espíritos inferiores, mas os dos Espíritos felizes eram sempre brancos e brilhantes.

Décimo sétimo caso

Entre outros Espíritos, a Senhora Hauffe recebeu dois jovens, um dos quais não conheci por mim, pela descrição que ela fez, como pessoa falecida recentemente, por quem ela nunca vira. Pediram-lhe preces e um deles declarou que estava sempre perto da mãe e que ela não podia deixar. Esta nunca ouvira falar da Senhora Hauffe e de suas aparições. Diz-me, porém, que sabia que o filho estava sempre perto dela e que o via freqüentemente. Resentou-se que o vira um dia em sonho; era mais brilhante e mais feliz e se despedira de sua mãe. Ela nunca disse a ninguém e a Senhora Hauffe não teve ocasião, certamente, de ouvir falar de seu filho.

Fiquei pois vivamente surpreendido quando, estando perto dela, no momento em que ela estava passando perto da casa, ouvi a mãe da Senhora Hauffe dizer:

- Se essa senhora soubesse o que se passou esta noite!

Perguntei de que se tratava e ela me informou que o jovem aparecera mais claro que antes e que ela sabia que não ficaria muito tempo perto de sua mãe. A Senhora Hauffe perguntou se nunca mais visitaria a progenitora.

Oh! sim! - mas atualmente é preciso que a deixe.

Décimo oitavo caso

A 3 de dezembro de 1829, às sete da noite, estava só com a Senhora Hauffe quando a porta se abriu de repente como se uma pessoa entrasse. Fui ver quem era, porém não achei ninguém. A Senhora Hauffe vira entretanto entrar uma mulher com roupas antigas e logo sair. Quando

a voltou, caminhou em silêncio pelo quarto e depois, elevando-se suavemente, saiu pela janela. Outra vez a porta abriu-se e fechou-se diante de mim quando o fantasma entrou. O espectro lhe pedira preces e conselhos; ao fim de quatro meses reapareceu mais claro, cessou de aparecer pela janela e finalmente terminou as suas visitas.

Décimo nono caso

Às duas horas da noite fui acordado com uma sensação extraordinária e indescritível, como fosse transportado a outra atmosfera. Isto durou pouco e eu readormeci. No dia seguinte pela manhã quando fui ver a Senhora Hauffe, ela logo me perguntou se às duas horas não fui visitado por um Espírito. Contei-lhe o que tinha sentido, ao que ela me declarou timidamente

- Você sempre pediu provas da realidade dessas manifestações. A última noite um Espírito embriado veio a mim e eu mandei:

- Vai imediatamente a teu médico. Ele respondeu:

- Assim o desejo.

E desapareceu.

Vigésimo caso

Oito meses após a morte do pai da Senhora Hauffe, sua enfermeira, que dormia na sua câmara acordou à meia-noite e ouviu abrir a porta do quarto. Olhou e viu o pai da Senhora Hauffe, como se fosse vivo, atravessar a porta e com expressão amigável dizer:

- Assim, é-la aqui.

Esteve na porta e desapareceu. Não se tornou visível a Senhora Hauffe, que dormia tranquilamente. Pela manhã a moça contou o sonho que tivera com o seu pai.

É preciso assinalar que nessa noite ele apareceu ao seu irmão e irmã, que moravam longe e longe um do outro. Esta última chamou o marido que dormia e o acordou pedindo que visse seu pai ali presente.

Vigésimo primeiro caso

Em certa época, durante toda uma semana a Senhora Hauffe viu freqüentemente, durante a noite, um sombrio fantasma masculino perto de sua criada. O Espírito voltou à noite e inclinou-se sobre o leito da jovem, que se sentou olhando em torno. A Senhora Hauffe observou o fantasma, porém nada disse, e a moça deitou-se de novo em silêncio.

De manhã contou que vira perto da cama um fantasma escuro, cuja fisionomia era mais terrível do que o resto do corpo.

A Senhora Hauffe só a mim dissera que vira esta aparição.

Vigésimo segundo caso

Uma noite, às nove horas, estando a Senhora Hauffe acordada, apresentou-se-lhe uma mulher com trajes antigos, tendo nas mãos um coração humano. Ela ficou aterrorizada e desmaiou o rosto, até que o fantasma desapareceu. A aparição deixou-lhe tão viva impressão que ela o desenhou pela manhã. A pedido de Eschenmayer o desenho foi litografado.

Quatro noites depois foi ela acordada por um ruído como o do sino de uma igreja tocando e viu o mesmo fantasma com o coração numa das mãos, enquanto com a outra apontava para o sino, dizendo:

- Eis o que tocava a rebate nos sinos.

A Senhora Hauffe não falou nunca a esse espectro e não se sabe se as circunstâncias têm relação com o espectro-cavaleiro: No mesmo dia, as pessoas que moravam nas vizinhas da Catedral de Oberstenfeld foram alarmadas por um ruído intenso que parecia vir de debaixo da Igreja. Deram-se buscas, porém nada se descobriu. Viu-se que era impossível abrir os subterrâneos, embora se tivesse a chave e a fechadura fosse fácil de abrir.

Entretanto não houve no dia seguinte à mesma dificuldade. E encontrou-se no lugar que o espectro tinha designado a Senhora Hauffe vários rolos de pergaminho com as tabuletas hieroglíficas das antigas cónegas, um das quais estava o nome da mulher do cavaleiro. Leve-me este caso ao acontecimento de Oberstenfeld.

A Senhora Hauffe dizia muitas vezes que um certo espírito feminino infeliz lhe produzia mais terror que os masculinos. Não é possível negar que a maldade de uma mulher em posições hostis deixem de ser muito mais inventiva e perigosa que a hostilidade franca e aberta de um homem mal humorado.

O poder dos amuletos da Vidente

Já mencionamos muitas vezes o poder que tinha a Senhora Hauffe de expulsar os Espíritos por meio de fórmulas escritas de que se servia como de amuletos. Por mais incríveis possam parecer essas afirmativas, elas são confirmadas pelos fatos que se seguem. Os cidadãos podem certificar-se junto àqueles a quem eles sucederam. Não se julgue por superficialidade sem se dar a quaisquer investigações.

Primeiro caso

Havia em Kleingartach uma velha chamada Fritzlen, que foi perseguida de modo extraordinário durante vinte e quatro anos. Tudo começou quando, ao deitar-se, acordada, ouviu pela primeira vez um estalo na cama; em seguida viu um jato de luz azulada e a aparição de um ser semelhante a uma raposa, que se lhe aproximou da cama e desapareceu. Outra noite percebeu a mão de uma criança na sua. Esforçando-se para retirá-la, sentiu uma pressão, como sob a influência de um grande peso. Desde então se viu perturbada todas as noites, a princípio por luzes brandas, depois pela aparição de formas vivas, corujas, gatos brancos, todos medonhos e assustadores. Ficou reduzida ao desespero.

A senhora pediu que me fosse certificar pelo testemunho dos vizinhos quanto à realidade que contava: solicitei então a um dos amigos em Kleingartach que tomasse informações. Respondeu-me ele que um homem muito respeitável e honesto, chamado Frederico Molle, assim como os maridos de Fritzlen, haviam confirmado as narrativas.

- Fritzlen, - dizia Molle, - queixara-se desgostoso dessa perseguição e combinara passar a noite em sua casa, enquanto ele iria para a casa dela.

Foi o que se fez. E por volta da meia-noite, ele viu uma folha de papel dobrada nos cantos levantar-se, flutuar acima da cama, depois descer, tomar a forma de um homenzinho de um metro de alto de pé de altura, e aproximar da cama. Procurou apanhar o fantasma, porém só encontrou o vazio: O marido de Fritzlen quis dar-lhe umas pancadas com o sabre, mas em vão. Persistiu por duas horas, parecendo provocá-los, depois esvaeceu: Molle resolveu experimentar a segunda noite, e, à mesma hora, viu aparecer uma espécie de raposa, sentada à borda

a cama; essa aparição foi precedida por estalos e luzes azuladas; puxaram várias vezes as cortinas. O marido de Fritzlen gritou, lançou imprecações; ele, porém, permaneceu duas horas no quarto e só depois foi reencontrar Fritzlen em casa de Molle.

Para este último caso, reportamo-nos à Senhora Molle. Disse ela que às duas horas, ouvindo ruídos estranhos e a porta do quarto abriu-se. Enquanto isso, Fritzlen parecia sentir-se mal e respirava com dificuldade. Ela a sacudiu levemente para acordá-la, crendo-a vítima de um ataque. Fritzlen porém contou-lhe que não dormia e que fora perseguida por algum que lhe apareceu sob a forma de um caçador, e a deixara de braços.

Depois disso a mulher de Molle não consentiu em novas experiências, temendo que esse método desagradável se introduzisse em sua casa.

Fritzlen nada sabia da Senhora Hauffe e só por acaso ouviu falar de seus distúrbios. Dirigiu-se à Senhora Hauffe, que lhe mandou um amuleto com uma palavra de sua linguagem interlingua. Algumas semanas depois meu conhecido em Kleingartach escreveu-me dizendo que a mulher não sabia como agradecer a Deus e a nós pelo seu alívio.

Desde esse momento o mau Espírito desapareceu e um ano mais tarde a filha de Fritzlen veio ver-me e pediu que a deixasse visitar a pessoa a quem sua mãe devia uma graça pela qual ela respirava durante muitos anos.

Segundo caso

Em março de 1829 veio a mim um velho de Diembach, acompanhado de um moço de setenta e sete anos; contou-me que alguns meses antes se achavam com outro garoto na floresta de Diembach e treparam a uma árvore, de onde saiu um pé-de-vento, só naquele ponto, sem que nenhuma outra árvore fosse agitada. O vento logo cessou, e eles viram; em baixo da árvore estava uma mulher vestida de branco, que lhes pediu fossem com ela. Desceram e seguiram-na com curiosidade, mas em certo lugar ela desapareceu de repente. Ficaram imóveis, olhando iam para o outro. Esta foi a narrativa do menino.

Não teria prestado atenção á história dessa ingênua criança, não fosse a circunstância seguinte:

Recebi a visita da mulher de um pobre camponês, chamado Kummerlin, de Ellhofen, a qual se queixava de que desde muitos anos o marido era sujeito a depressões que lhe sobravam muitas vezes por dia e lhe causavam a sensação de que tinha alguém perto de

o mesmo tempo as portas se abriam e fechavam sem causa aparente. Ouviam-se passos inexplicáveis e uma mão invisível lançava-lhe objetos diversos.

O marido tudo confirmou, acrescentando que era muitas vezes despertado por algo que o acordava e lhe tirava as cobertas da cama. Eu o mandei a Senhora Hauffe e quando feita narrativa disse repentinamente:

Eis que experimento a tua sensação.

E viu o espectro de uma mulher perto de si, com roupas antigas mas suntuosas. Ela que viu o espectro e quando procurou vê-lo de novo, havia desaparecido. Perguntou então mesmo se nunca vira fantasmas e ele replicou que não, salvo aos quinze anos, passando com o velho pela floresta de Diembach.

Vimos uma dama perto de qualquer coisa parecida com um cofre, renteando a parede do trabalho. Ambos veio saudar-nos, e quando silenciosos caminhávamos para ela, desapareceram ao mesmo tempo em que ouvíamos o ruído, como de uma pancada no cofre.

Esse homem não tinha nenhuma relação com o menino que muitos anos mais tarde revelou provavelmente o mesmo fantasma.

Terceiro caso

No correr de fevereiro de 1829, uma mulher de Grossgartach, de nome Herlinger, robusta e viva, cheia de ânimo, esposa do gerente do Hotel da Águia, veio aconselhar-se com a Senhora Hauffe, visto que, certa noite, deitada em sua cama, sem sentir nada nem pensar em nada, nem mesmo em fantasmas, sentira-se subitamente tomada por um sentimento de opressão. Não viu o fantasma de homem sem cabeça, inclinar-se para ela e ouvira nitidamente estas palavras:

- Amiga, livra-me!

Ela gritou horrorizada:

- Não, não posso!

E saltou da cama, indo acordar o marido. Entretanto, antes que lhe mostrasse ao marido o espectro desapareceu.

De manhã, contou o incidente ao pai, que a censurou por não ter acedido ao pedido do fantasma. Para satisfazê-lo ela prometeu que se aparecesse declararia-se pronta a aquiescer e pediria. Algumas noites depois, ele reapareceu e disse:

- Amiga, cumpre a tua promessa!

Mas, tomada de terror, ao ver que o espectro tinha conhecimento da promessa, recusou-o.

Desde esse instante o fantasma a perseguiu por diversas formas, só tornando-se visível, mas fazendo-se ouvir por outros, de sorte que a sua saúde se alterou e a família obrigada a procurar outro domicílio.

A mudança não lhe trouxe melhoras. Uma vez, como num sonho, o fantasma pediu que fosse em certo lugar de sua estrebaria, dizendo que aí se achava uma prova de sua realidade. Assim ela o fez e achou, a muitos pés de profundidade, uma bola oca de ferro, que parecia um antigo pó de guerra.

Seu pai a aconselhara muitas vezes a conversar com o espectro, mas a despeito das resoluções que tomava, nunca se sentira capaz de o fazer.

Para apreciar a candura e a simplicidade com que foi contada esta história era preciso ouvir a própria boca dos narradores, o que ainda podem fazer os que o desejarem.

A Senhora Hauffe deu-lhe um amuleto escrito com instruções sobre a maneira de servir o espírito. Desde então, até hoje, ela não viu nem os outros ouviram nada mais da parte do fantasma.

Parece provável que houvesse uma relação entre a bola de ferro e a ausência da cabeça do fantasma. Pode ser que esse indivíduo tivesse a cabeça decepada por uma bomba ou granada nas revoltas ou guerra de camponeses, que envolveram o território de Grossgartach, e que foi acidentalmente transportado para o mundo dos Espíritos, quando estava inteiramente absorvido em suas preocupações terrestres.

Quarto caso

O caso seguinte sobreveio dois anos após a morte da Senhora Hauffe. Em Ammerstweil, a cinco horas de Weinsberg, vive um burguês chamado Leonardo Sommet, homem de 43 anos, de saúde robusta, nem sonâmbulo nem velhaco, antes austero e sem quaisquer relações com o mundo dos Espíritos.

Perdera a mulher e não obstante certo pesar que teve, não desejava revê-la, e suas lágrimas logo estancaram. O Bailio Von Wolf, dessa localidade, colheu a seguinte história de boca própria, em presença de muitas testemunhas.

"Um ano após a morte de minha mulher, meu filhinho de sete anos viu entre onze e meia uma forma branca, que reconheceu como sua mãe. O menino não disse nada, mas deu

to na cama, que era perto da minha, e escondeu a cabeça sob os lençóis. Eu vi o espelho instantaneamente, porém nada disse ao menino, nem lhe falei até pela manhã, quando perguntei a causa de seu susto, e ele me disse então o que tinha visto.

Desde esse momento, a aparição visita-nos todas as noites e não só é visível a essa criança, mas ao mais moço dos meus filhos, que, não sabendo falar, nos, faz compreender por gesto e viu.

Reconheci perfeitamente o fantasma como de minha mulher; o seu rosto emite uma luz creia tudo o que se acha no quarto, mas o resto do corpo é como uma coluna de vapor zentado. Ela caminha no quarto, inclinasse para mim e para as crianças, e fica algumas vezes até de manhã; mas conserva-se silenciosa, sem qualquer sinal.

Uma vez, a conselho do Pastor, perguntei o que lhe podia fazer para que ela tivesse o uso; ela, porém, olhou-me sem dar qualquer resposta. Se eu não fosse vigoroso e os senhores não suportaria essas seis semanas de preocupações e de insônia".

As testemunhas apresentam este homem como honesto, de excelente saúde, ativo e sóbrio. A conselho do Bailio essa pessoa procurou-me mais tarde e me pediu conselho. Foi possível descobrir nele o mais leve traço de enfermidade; pareceu-me, ao contrário, perfeitamente são, tanto de corpo como de espírito.

Disse-me que ele e a mulher sempre se entenderam bem, apesar de ser ela muito viva. Ela estava frequentemente indisposta e lhe dizia:

- Preste atenção, eu vou morrer cedo!

Ao que ele respondia gracejando:

- Que é que tem isso? Há tantas mulheres, que podemos comprá-las por uma centena de rixins. Era o dote que lhe havia trazido. Isso tinha o dom de fazê-la zangar-se, e eu agora me arrependo pelo que disse. Por vezes me declarava que, se eu tornasse a casar, a menos que fosse com uma de suas irmãs, ela pediria auxílio a um mau Espírito, se ela própria não me pudesse sombrar. Mas, não acreditando em aparições, nunca me importei com a ameaça, até que ela apareceu e comecei a pensar no que podia tê-la perturbado, quando me lembrei desse fato. Na realidade, eu tinha pensado em casar-me, não porém com uma de minhas cunhadas.

Dei-lhe um amuleto de que a vidente se servia em semelhantes casos. Ele deixou-me, acreditando em sua eficácia, e como não tive notícias suas durante muitas semanas, escrevi ao pai da localidade onde ele morava para perguntar como se achava. Recebi a seguinte resposta:

"Nas três primeiras noites que Sammet usou o amuleto, a mulher apareceu-lhe; depois cessaram as visitas nas três noites seguintes. Foi ele então se confessar. Ela ainda lhe apareceu

na vez e aos filhos e não mais voltou. Sente-se muito feliz e lhe expressa um grande reconhecimento" Oelhaf de Meinhardt, Maire.

I - Casos diversos observados em Weinsberg

Em Weinsberg há uma casa que era habitada há trinta anos por um vinhateiro chamado Meyer, e que nos últimos tempos serviu de lugar; hoje porém não há traço dessa função. Durante 40 ou 50 anos ouviam-se à noite, nessa casa, entre dezembro e fevereiro, ruídos semelhantes aos que fazem os toneleiros e os vindimadores: Não eram ouvidos somente pelos habitantes da casa, mas por toda a vizinhança. E o que é mais espantoso é que quanto mais ruídos eram os ruídos, mais a vindima era proveitosa. Assim, um vizinho da casa, o vinhateiro defunto Conselheiro Muff, baseando suas especulações nesses indícios, adquiriu, verdadeiramente, fortuna. Bayer, que esposara a filha do último proprietário da casa, esforçou-se por descobrir a causa do motim. Ele ia muitas vezes com um machado nas mãos a todos os pontos de onde poderia surgir, porém não chegou a compreender nada.

Seu sogro costumava dizer-lhe:

- Deixe pra lá; há muito tempo que isto dura. Muitas vezes também se abria à porta e parecia que alguém entrava e ouviam-se passos no quarto. Tudo isto, porém, só acontecia durante a vindima atual quando ele dormia no andar de cima. A porta abria-se, passos arrastados vinham até ele, entretanto ele nada via. Se alguém se assentava na cama para melhor observar, se os vizinhos vinham para fora, se alguém atravessava a soleira da porta, o ruído cessava por alguns momentos depois. É um fato que numerosas pessoas podem testemunhar.

Ninguém acreditará que tais ruídos tenham podido persistir durante quarenta anos, com tantas pessoas que ocuparam a casa, tanto mais que eram pobres vinhateiros, que não faziam comércio do vinho, nem tinham interesse nele. Se alguém supõe que a coisa podia ter sido organizada pelo Conselheiro Muff com um fim particular, suposição que ninguém na região poderia admitir, poder-se-á revidar que os ruídos eram percebidos antes que ele viesse para a casa, e que ainda hoje são ouvidos, apesar de que ele está morto. Ainda mais: sabem que o Conselheiro Muff tinha o hábito de velar à sua janela com o fim de vigiar suas especulações após a vindima. Não fazia disso segredo; outros poderiam ter-lhe seguido o exemplo se quisessem. Muitos imitaram-no até o dia em que se tornou rico.

Morreu. Mas os bens que acumulou com o auxílio dos habitantes da região não o puderam impedir de se tornar um deles membro da região espiritual média. Foi um dos que vieram atrás das sombras para reclamar as preces da Senhora Hauffe. Ela jamais o conhecera.

Durante o Inverno de 1830 a 1831 os ruídos se tornaram muito fracos, como advertiram muitos amigos e, conforme o presságio, a colheita do vinho foi abaixo de medíocre.

II - O caso da prisão

Na casa comunal de Weinsberg há um aposento que serve de prisão e na qual homens de caracteres diversos, inteiramente desconhecidos uns dos outros, aí encerrados, asseguram que se ouvem e se passam coisas inexplicáveis.

Alguns ficaram tão impressionados, que adoeceram; outros nada viram de extraordinário. A Mairie é inabitada e isolada de qualquer outra construção. Muitos prisioneiros, depois libertados, contaram suas perturbações aos funcionários, especialmente um comerciante, a saúde, e que jamais ouvira falar no assunto. O mesmo sucedeu a um guarda-caça, que fido, e não acreditava na possibilidade de semelhantes coisas. Eis o que ele disse e outros confirmaram:

"A primeira noite que dormi que fui despertado de repente por um toque de sino e o ruído de um homem perto da cama. Era no chão do quarto. Os pés arrastavam-se como se os sapatos não estivessem amarrados. Embora surpreendido, deitei-me novamente e repentinamente experimentei outros incômodos.

"Na noite seguinte fui acordado à mesma hora com uma impressão de sufocamento e angústia. Não ouvindo nada, readormeci. Na terceira noite, à uma hora, o que não pude compreender, porque a noite era escura, vi, perfeitamente acordado, uma grande sombra inclinada para mim, e cheguei a sentir-lhe a respiração: por três vezes. A colcha foi levantada e desse-me a apanhá-la. Houve um ruído como se rachasse a madeira da cama e produziu um baixo um choque que me sacudiu. Pulei da cama e pus-me a examiná-la, mas esta estava intacta".

A falta do alojamento em outras prisões fez que um rapaz robusto e corajoso, de Argenthal, localidade afastada, viesse ocupar esse quarto. Não sabia do que se contava, mas depois de alguns dias, eis o que nos diz:

Quando ocupava esse quarto fui acordado freqüentemente à uma hora, por um peso que me parecia cair em mim, de sorte que mal podia respirar.

"Uma vez minha cama ergueu-se e sacudiu. Quando a examinei pela manhã não vi sinal de deslocamento. As cobertas eram freqüentemente atiradas longe e notei algumas vezes um ruído de homem a caminhar no quarto, com uma estrela brilhante no peito, do tamanho de uma mão. Era como uma sombra. Nem sempre se produzia; eu passava três ou quatro noites sem perturbações".

Este homem pedia que o transportassem para, outra cela. Ai não se achava bem. Aceder ao pedido e o substituíram por outro, que nada sabia dos fenômenos anteriores. Deixaram-na três noites, mas no quarto, bem acordado, sentiu como um saco pesado no peito, e um ruído na orelha; isto se reproduziu; a colcha era levantada, e quando queria apanhá-la, via-a escapar-lhe das mãos sem a paz de mover os braços.

Georges Widemann, em seu Calendário, conta a propósito de Weinsberg, uma história curiosa que se repete em sua Crônica de Suábia:

Muitos anos antes da destruição do castelo de Weinsberg, durante a guerra dos camponeses em 1825, um governador dessa localidade matou o criado. Domingo à noite, orando na capela do castelo, pareceu-lhe ver um animal sair rastejando do forro de madeira e ocultar-se no espaço do chão. Examinou e não viu nenhuma fenda por onde o animal pudesse refugiar-se. Foi surpreendido e começou a orar. Sentiu então um hálito quente, e fortemente perturbado saiu da capela. Mas, ao retirar-se, continuou a perceber o hálito e teve a sensação que partia de um fantasma negro.

“Caiu doente. O Espírito continuava a manifestar-se por pancadas, objetos atirados e alhandando o terror entre os que eram testemunhas”.

“Na cidade ridicularizavam tudo isso, que tomavam por fábulas. Mas quando o governador colocou guardas para vigiar o castelo, à noite, estes foram perturbados da mesma maneira pelo Espírito. A perseguição estendeu-se aos que guardavam os muros da cidade. Em consequência os habitantes de Weinsberg decidiram jejuar e ir de pés descalços à Igreja de Santa Maria em Hilbronn, na esperança de acalmar esse Espírito infeliz, mas tudo em vão, porque não conseguiram repouso após a morte do Governador”.

Depois deste último acontecimento não se viu nem se ouviu mais nada”.

A - Extratos do diário da Vidente

Durante sua permanência em Weinsberg a Senhora Hauffe redigiu, por algumas semanas, um diário que guardava cuidadosamente; consigo e não deixava que o vissem. Quando ficou mais fraca sentiu-se incapaz de continuar, e eu, à sua revelia, tomei posse dos papéis. Para mostrar seu estado de alma e provar que o desejo de voltar à sua casa e para seu marido era nela uma idéia predominante, posto que fosse caluniada nesse ponto; para mostrar além disso, sua absoluta convicção na realidade das aparições, vou citar algumas passagens que se seguem e que ela jamais deixaria passar por olhos estranhos:

"26-12-1827 - Papel silencioso, refugio-me em ti. Com que felicidade confiaria minhas palavras, meus sentimentos a um amigo ao qual pudesse abrir o coração e desvendarem os meus mais secretos pensamentos, cuja alma estivesse em harmonia com a minha, que me confortasse e consolasse em meio aos meus sofrimentos. É culpa minha não ter um amigo nessas condições? Sou muito tímida ou não tenho em meus amigos a confiança que mereço. Penso que isto esteja em minha natureza, mas desanimo quando me vejo tão raramente compreendida e geralmente mal interpretada. Entretanto, enche-me de satisfação o pensamento que há um que me vê e me conhece. Eu vou a ti e aí quero ficar para sempre, oh! Celestial!".

"27-12. - Hoje se me firma a convicção de que vivemos num mundo transitório e imperfeito, e que não devemos contar com os que aqui vivem e se agitam. Nossa confiança deve limitar-se ao Verbo, à verdade e à vida eternas, que ainda não podemos ver. Apego-me com segurança e sou capaz de suportar o abandono em que me encontro e a separação dos a quem amo. A alma se acha cada vez mais arrastada para o espírito. O corpo se enfraquecendo, sobretudo o meu, já em extrema debilidade. Tal amigo é um verdadeiro sustentáculo. Posso chamar o amigo da minha alma, aquele a quem puder confiar meus pensamentos.

Hoje recebia visita de uma aparição verdadeiramente perturbadora e ela interessa a mim porque é a de um de seus parentes. Esse Espírito, que foi mãe e conheci quando viva, pediu-me que advertisse por intermédio de K., a seus filhos, de que há outra vida e que, se não buscasssem o Redentor, experimentaríamos mais vivamente do que ela o amargor na morte.

28-12 - Esta noite o fantasma veio lembrar-me o que devia fazer.

29-12 - Hoje me sentia feliz, mas à tarde envolveu-me em profunda nostalgia. Se continuar assim, enfraquecerei. É preciso que encontre forças em mim, porque ninguém virá em meu auxílio.

corro. Quando os que me cercam me falam em seus negócios materiais, fico cada vez mais triste. Queria ligar-me ao Redentor mas sou tímida e sujeita ao pecado.

Hoje o Espírito voltou e me disse com ar ameaçador:

- Não queres fazer o que eu peço?

Respondi-lhe:

- Não o posso, dirija-se a K. A. essas palavras, desapareceu.

Estou indecisa sobre o que deva fazer. Não me acreditarão. Quantos pesares me causarão a culpa de ver Espíritos! (A Senhora Hauffe alude às minhas censuras e às razões que eu dou contra a realidade dos espectros).

01-01-1828 - Passei os dias a sós com minha velha guardiã, entregue às minhas reflexões as idéias que me vieram: - Homem, põe em ordem tua casa, porque é preciso que morra sem pressiona-me ter sempre diante dos olhos a imagem da morte. Disse-me o Espírito:

- Por quanto tempo manter-me-ás afastado do meu repouso?

Procurei acalmá-lo, afirmando que lhe obedeceria. Mas quando? Deus o sabe. Espero que volte.

2-1 - O Espírito voltou com seu costumeiro pedido. Prometi satisfazê-lo e ele retirou-se satisfeito. Mas, pela manhã, faltou-me a coragem. Estava triste e queria voltar para casa. Que Deus que me conhece e sabe de meus sofrimentos o permita.

5-1 - Não pude dormir por causa da fraqueza e dos pesares. Chorei quase toda a noite. Como poderei recuperar a saúde? À uma hora apareceu como de outras vezes esse fantasma consolador, anjo consolador. Disse-me: - Fica calma; Amanhã tudo tomará melhor aspecto. Aproxima-se o socorro. E mais outras coisas que guardo no fundo do coração.

6-1 - Estou melhor, salvo no que concerne à nostalgia. Quando mais acabrunhada estava, meu marido chegou, e logo me tornei tranqüila. Lembrei-me da promessa do Espírito que à tarde me traria conforto.

7-1 - Este dia passei melhor. Que Deus seja louvado. Meu marido ficou perto de mim e partiu de minhas penas e aflições.

8-1 - Os espasmos impediram-me de dormir, com o pensamento da próxima partida de meu marido. Ao meio-dia deixou-me e eis-me novamente só. Pai Celeste, vê minhas lágrimas e dá-me força para suportar o peso que trago nos ombros e que só tu conheces. Os homens não podem compreender.

A propósito do pedido do mencionado espectro e que tantas perturbações causou a Senhora Hauffe, devo dizer que, pouco depois, sobreveio a um dos filhos desse espírito o acontecimento que mostrou sua falta de confiança em Deus. Ao mesmo tempo sua vida

va em circunstâncias incompreensíveis, de sorte que seria impossível não admitir a existência de uma Providência a velar por nós.

B - Conclusões a tirar desses fatos

Apresentei esses fatos sem adições, tais como os recebi. Tomei por mim mesmo conhecimento de boa parte deles. Creio que tirei um bom proveito e tenho a convicção de poderão servir para despertar outras pessoas mergulhadas no sono. Considerem-nos como quiserem! Não quero discutir as idéias de ninguém, peço apenas que não caluniem a mim nem a quem os pensam como eu. Só um insensato poderá negar que somos imortais e que existe outra vida. Que serão as descobertas até agora em comparação a esta? “Na casa de mim há muitas moradas”. Inumeráveis fatos demonstram que entre estas, algumas estão bem perto e que seus habitantes vivem entre nós. Procurai!

As coisas novas são sempre mal recebidas e a multidão, especialmente os espíritos fortes, temem-se felizes em pô-las de lado, sob o pretexto de engano dos sentidos. O mundo dos espíritos é bem diferente de tudo o que pode imaginar o mundo dos sábios; ele mais próximo da discricção ingênua dos simples. Quando a razão expulsar as idéias preconcebidas da meia-noite e o silêncio do quarto mortuário não tardarão a testemunhar a verdade aos vivos. Se os homens quisessem ser honestos em tal questão e pusessem de lado a prudência do peito humano, quantos que rejeitam esta modesta obra haviam de declarar-se seus sustentáculos e defensores!

Em definitivo, nenhum arrazoado poderá suprimir o que vimos, ouvimos, sentimos e acreditamos com provas.

Embora discreto, para não impor nossas convicções a ninguém e nem dar a essa narrativa feição médica, afirmamos bem alto suas tendências morais e cristãs. Cremos na veracidade da alma e na faculdade de ver os Espíritos, duas coisas que não existem na vida física, mas que, em certos casos extraordinários, se revelam durante um curto tempo para desaparecerem por um tempo longo.

Quanto às aparições, pedimos aos leitores acreditarem que éramos, a princípio, o mais crédulo possível; mas qualquer opinião deve ceder diante da prova. O que facilitou a aceitação de nossas idéias foi à convicção de que há muitos argumentos a favor da existência de um Mundo Espiritual, particularmente o que é oferecido pela extrema diferença entre as leis morais e as físicas, diferença que só poderá manifestar-se em toda a sua plenitude depois da morte.

Quando deixamos os ossos e a carne, com suas formas sensíveis e suas propriedades físicas, as leis morais, imutáveis, persistem no espírito e na alma com suas expressões materiais. Que conseqüências decorrem desse novo estado? Imaginemos um homem que,

gar de abrir o espírito à verdade e aos imperativos da religião e da moral, entrega-se a seus pendores, aos princípios errôneos, aos projetos decepcionantes, às criações ilusórias e à inteligência; que, pelas honrarias, fama e vantagens materiais, se acha ligado por mil raízes à Terra. Que será de sua alma após a morte, segundo a lei moral? É claro que ele será o produto que praticou. Ficarão ligados ao mundo, estranho à religião e à verdade. Desligado pela primeira vez de seu invólucro corporal e as suas relações com a natureza, sentirá a inutilidade e a inutilidade de seus pensamentos, sentimentos, desejos e ações da vida precedente. Para a passagem da forma corpórea à incorpórea não constituirá grande mudança, porque ele se sentirá atraído, com todas as forças, para as coisas terrestres.

Se a tudo isso acrescentarmos as impressões que lhe ficaram das lições da vida ouvidas pelo nervo que regula, na existência, as relações da vida do corpo com a da alma, continua na morte, veremos que é extremamente provável a estreita relação física das existências inferiores com a Terra.

Entretanto, eles habitam essa esfera apenas visível para as pessoas que vivem nesse estado de corpo, alma e espírito que verificamos na Vidente.

Consideremos, além disso, a força dos fatos, o testemunho do ouvido e dos olhos absolutamente indiscutível em comparação com qualquer fato histórico, e então os protestos pretendidos campeões das luzes nos parecerão sem finalidade e sem significação.

Quem é incapaz de apreciar as leis morais e físicas não poderá estender suficientemente suas vistas para fazer uma idéia de como lhe parecerão elas depois da morte.

Um homem que durante a vida carnal se pusesse diante de uma cortina, a qual não pude ver, concluiria, como os empíricos, que o que não se pode ver nem ouvir não poderá existir.

Entretanto, provas irrefutáveis mostram que as formas que não se revelam aos nossos sentidos são tão reais como as que podemos perceber.

Pudéssemos, quando na Terra, manter a alma pura depreendida do invólucro carnal, teríamos a visão do nosso estado interior. Estaríamos assim melhor aptos a rir dos absurdos e a estremecer com os horrores que se haviam de apresentar. Graças a mais clemente das leis as almas inconsistentes ocultam-se sob o manto que a natureza estendeu em cada uma delas por isso que nós podemos unir-vos e viver livremente juntos.

Já não é assim após a morte, quando o manto é retirado. Tornam-se então patentes as consequências morais e adaptadas ao estado da alma. Vê-se então que espécie de espírito se apresenta.

O contraste torna-se frisante entre a beleza e a luz de um lado, a deformidade e as trevas do outro, enquanto o fluido nervoso reproduz, depois da morte, o tipo plástico que existia durante a vida.

C - Últimos dias e morte, da Vidente

Durante a última semana da estada da Senhora Hauffe em Lowenstein, para onde tirado, teve consciência de outra revolução em sua esfera solar, em consequência da qual a herança de sua alma foi de novo perdida e ela sentiu-se como em agonia. Seus órgãos piratários já não eram capazes de suportar o ar vivo das montanhas, tão diferente daquele a que se habituara, e ao qual se juntavam, agora, os efeitos nefastos das fumaças e dos vapores provenientes de oficinas e fábricas de vitriolo espalhadas nas vizinhanças. Em vão quis voltar ao vale que acabara de deixar, mas estava muito fraca para suportar a viagem. Foi atacada por uma febre que a consumia sem tréguas. Sua dificuldade de engolir era tal, que não tomava nem sequer um pouco de comida, e era obrigada, freqüentemente, para refrescar a garganta, a umedecer a língua com água. Tudo isto devia ser previsto. Eu me opus em vão a qualquer mudança, porém ela persistiu, apesar de nossa oposição.

Predisse sua morte em sonho e, casa notável, contrariamente aos sonhos precedentes, não houve exceção, não lhe conservou a lembrança, pois que neste soubera que ia dormir para não mais acordar. Tinha entretanto, uma espécie de pressentimento, pois dizia muitas vezes estando acordada:

- É bem difícil conhecer o momento da própria morte.

Três semanas antes de seu passamento, apresentou três vezes o fenômeno da segunda aparição, que anunciava também o seu fim próximo. Viu aparecer um fantasma feminino, mas não falou com ela, envolvida de preto: só lhe viu o busto; o resto do corpo estava igualmente coberto de preto; jazia em pé, num esquife aberto perto havia uma cruz branca. A aparição saudou-a e ela ficou estupefata e ficou-se gelada. Declarou que não era um Espírito, mas um aviso de mau augúrio que compreendia o que ele significava. Entretanto, dei à visão outra explicação, porque pensava que seu fim ainda estava longe, tendo-a visto muitas vezes retornar dos braços da morte.

Três dias antes de seu falecimento ela ergueu três dedos como para prestar um juramento de que não duraria mais de três dias. Desejava morrer, mas como a maior parte das criaturas humanas não sabe lidar com as angústias que lhe pareciam acompanhar a derradeira luta. Esteve longo tempo nessa condição mortal e nunca se poderá dizer quanto sofreu esta pobre mulher, sentindo-se sempre abandonada do túmulo, sem poder ver o fim.

Contrariamente minha expectativa, seu estado magnético persistiu e chegou a melhorar, enquanto a febre se tornava mais violenta. Disse-me ela que, pouco antes, dois espíritos a visitaram; que, perguntando-lhes a causa da aparição, responderam:

- Estás preste a ser dos nossos.

Sentira; então, achar-se mais que nunca em relação com o Mundo Espiritual.

Declarou-me num de seus últimos dias, que durante a febre tivera muitas visões. Várias espécies de fantasmas passaram-lhe diante dos olhos, mas lhe era impossível discernir a natureza destas ilusões oculares eram diferentes da vista nítida dos Espíritos. Só desejava que outras pessoas se encontrassem em seu estado para poder comparar as duas espécies de percepções. Ambas diferem de nossas percepções ordinárias e dos fenômenos da segunda vida.

Outra circunstância que me convenceu da verdade de suas revelações foi que, em minha primeira visita, quando já tinha perfeita consciência da proximidade de seu fim, disse-me com confiança que seu falecido pai aparecera-lhe recentemente; perguntara porque, tendo morrido um ano, não o vira ainda, ao que ele respondeu, não estar em seu poder ter vindo mais cedo. Com lembrar que, oito meses após a sua morte, ele aparecera à irmã e a conhecidos, enquanto eu não o vira só o vira em sonho. Quando manifestei minha surpresa por isto, ela parecia impressionada com a observação.

Nos últimos momentos, quando já se achava incapaz de falar seguidamente, desejava comunicar-nos algumas revelações feitas por seu pai sobre o mundo dos Espíritos, dizer-nos algo da esfera solar e da consciência interior, mas lhe foi impossível.

A 5 de agosto de 1829 caiu em delírio, apresentando, ainda, a intervalos, lucidez e fenômenos magnéticos. Achava-se num estado de espírito cheio de devoção, e pediu que cantassem hinos, Chamava-me muitas vezes, posto que estivesse momentaneamente ausente. Certa vez, parecia morta, e alguém pronunciou meu nome; pareceu então voltar à vida, como se não pudesse morrer enquanto as relações magnéticas entre mim e ela não fossem rompidas.

Ficou sensível às influências magnéticas até o final, porque a mãe lhe dera três passes, e ela, com as faces rígidas, viram-lhes as pálpebras ergue-se e moverem-se os lábios.

Às dez horas a irmã notou uma forma branca entrar-lhe no quarto; no mesmo instante o espírito deu um grito de alegria e o seu espírito, nesse momento, pareceu desprender-se. Quando seu corpo se moveu, seu espírito partiu, deixando o invólucro inteiramente irreconhecível, porque nenhum dos traços conservou a forma anterior.

Durante toda a vida, a expressão de sua fisionomia fora à imagem do espírito que nela habitava. E esta a razão por que, apesar de todas as tentativas, nenhum artista conseguiu fixar os traços na tela. Não é de espantar que, partido o espírito, seus traços não fossem os mesmos.

Na noite seguinte à de sua morte, de que eu não tinha sido prevenido, vi-a em sonho, com outros espíritos femininos e reconheci-a sem qualquer hesitação.

Procederam à autópsia dirigida pelo Dr. Off, de Lowenstein. O corpo estava reduzido a esqueleto; existia um enorme endurecimento das glândulas mesentéricas; o fígado estava endurecido e havia uma grande pedra na vesícula biliar, de que ela muitas vezes se queixava. Os pulmões, os vasos, os órgãos da respiração estavam inflamados, conseqüência, talvez, de sua longa estadia às montanhas, que já não se achava em condições de suportar. O crânio estava bem formado e o cérebro completamente sã e normal. Declarou o médico que em sua carreira não encontrara um outro mais perfeito. Não se lhe notou o menor traço de doença na medula espinhal, nos nervos do peito ou do abdome.

Os restos daquela que tanto sofreu foram depositados no pitoresco cemitério de Lowenstein, onde já repousavam os corpos de seu avô, o estimável Schmidgall, e sua mulher, e ela reconheceu como seu espírito protetor.

Após a morte, a Senhora Hauffe apareceu sete vezes à irmã mais velha, pessoa digna e honesta; as circunstâncias justificavam perfeitamente a intervenção de um espírito amigo, assim como há aqui certas questões de família. Não me parece oportuno o momento para traçar este caso.

D - Nota da Editora

Este livro - embora famoso nos Anais da Metapsíquica, - como o leitor não pode deixar de notar, visto ter sido escrito anteriormente a Allan Kardec, contém uma linguagem a qual nota-se a dificuldade tanto da médium, - para descrever o que sentia e via, - quanto do médium, - para dar aos fenômenos a sua terminologia.. Disso resulta a estranheza que por vezes sentimos a sua leitura, embora a maestria da tradução do grande Dr. Carlos Imbassahy.

De qualquer forma, A VIDENTE DE PREVORST constitui um clássico que faltava antes aos espíritas. Seu autor, Dr. Justinus Kerner, nasceu em 1786 e desencarnou post-obitum em 1862 - desconhecemos se essa obra já se encontrava, por esse tempo, vertida para o alemão.

Kerner foi também, além de médico, um poeta que enriqueceu o seu idioma natal. O que tornou famoso, entretanto, foi o que os autores ingleses chamam a remarkable record of supernormal phenomena and experiments in magnetic therapeutics. Este livro que, no idioma original que foi escrito é muito mais circunstanciado e tem por título: Die Seherin von Prevorst. Ihre Offenbarungen über innere Leben des Menschen und über das Hereinragen einer Geisterwelt in unsere Unsere. Tudo quanto vai aqui relatado constitui parte da vida de Frau Fredericá Hauffe que em novembro de 1826, se dirigiu a Weinsberg e se tornou paciente do Dr. Kerner.

É um desafio para os espíritas, que costumam excursionar pela Europa, localizar os túmulos da Vidente e do Dr. Kerner.

Narra um investigador inglês, o Dr. Nandor Fodor, que, ao chegar á Weinsberg, Frau Hauffe era a imagem da morte, tomada por estardalhaçados sintomas, que caía em transe todos os dias às 7 horas. Por algum tempo o Dr. Kerner ignorou sua condição sonambúlica agudada e só foi informado do que ela dizia em seus sonhos. Começou o tratamento pela homeopatia que teve um efeito paradoxal, com efeitos contrários ao que se esperava a ela parecia morrer. Então sucedeu a um outro sensitivo, Edgard Cayce, americano, ela mesma, em transe, sugeriu ao médico a terapia dos passes magnéticos, os quais, a principio, Kerner se aborreceu em administrar. Finalmente ele percebeu que tinha em mãos um caso extraordinário e começou o tratamento despindo o espírito de todo e qualquer preconceito. Suas anotações foram publicadas pela primeira vez em 1829 e teve três grandes edições até 1832, 1838 e 1846. A tradução inglesa, da qual se serviu largamente tanto o tradutor francês quanto o Dr. Carlos Imbassahy, foi feita por Mrs. Catherine Crowe e lançada em 1845 com o título de The Seeress of Prevorst; or Openings-up Into the Inner Life of a Man, and Mergings of a Spirit Into the World of Matter.

Na Alemanha este livro fez grande sensação. Entre outros vultos de escol que investigar o caso da Vidente de Prevorst, estão Kant, Schubert; Eschenmayer, Gores, Werner e Daubhaus. Um verdadeiro ramo filosófico resultou das revelações de Frau Hauffe, com um jornal próprio, publicado pelo Dr. Justinus Kerner em 1831, o periódico *Blatter aus Prevorst Originalien und Lesefrüchte für Freunde des innern Lebens* (O legado de Prevorst; ou frutos originais de amantes da vida interior). Entre seus colaboradores contavam-se o professor Eschenmayer, Gotthelf, Heintich von Chubert, Guido Gores e Franz von Baader. Onze volumes foram publicados até 1839 quando o periódico foi substituído pelo *Magische Kiste für Beobachtungen aus dem Gebiete der Geisterkunde und des magnetischen und galvanischen Lebens* (Magikon; arquivo para observações relativas ao reino do Mundo dos espíritos ou a vida magnética). Foi Publicado até 1853.

Kerner gozava de excelente reputação. O rei Ludwig da Bavária, em 1848 e o rei de Württemberg em 1858 concederam-lhe pensões e o rei Frederick William IV, da Prússia expressou sua admiração por ele enviando-lhe a medalha de ouro das artes e ciências. O rei Ludwig fê-lo cavaleiro da recém-criada "Ordem Maximiliana de Ciências e Artes".

Além de "A Vidente de Prevorst", que temos a honra de apresentar em língua portuguesa um dos maiores entre os autores e tradutores espíritas do Brasil, o Dr. Carlos Imbassahy de Justinus Kerner publicou os seguintes livros:

- A história de dois sonâmbulos, acompanhada de outras certas coisas notáveis do reino da magia e psicológica - 1826.

- História de casos modernos de possessão conjuntamente a observações feitas no Reino demoníaco, aparências magnéticas - 1834.

- Carta ao Superior Conselheiro Médico Schelling a respeito da aparência de possessão demoníaca, sofrimentos magnéticos e sua cura através do tratamento magnético, tal como conhecido pelos antigos - 1836.

- Uma visão dos Reinos Noturnos da Natureza; experimentada realmente por uma série de testemunhas e comunicada a um pesquisador da Natureza por sua meticulosa consideração - 1836.

Mesas sonambúlicas; ou a História e Explicação desse fenômeno - 1853.

- Anton Mesmer, o descobridor do magnetismo animal com anotações feitas por ele próprio - 1856. Etc. Biografias de Kerner:

Biografias de Kerner:

- Justinus Kerner und das Kernerhaus zu Weinsberg, por Aime Reinhard, Tubigen, 1862

- The Pioneers of Spiritual Reformation, por A. M. Nowitt - Watts, Londres, 1883.

FIM